

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
KARINA HALLE

Love, in Spanish



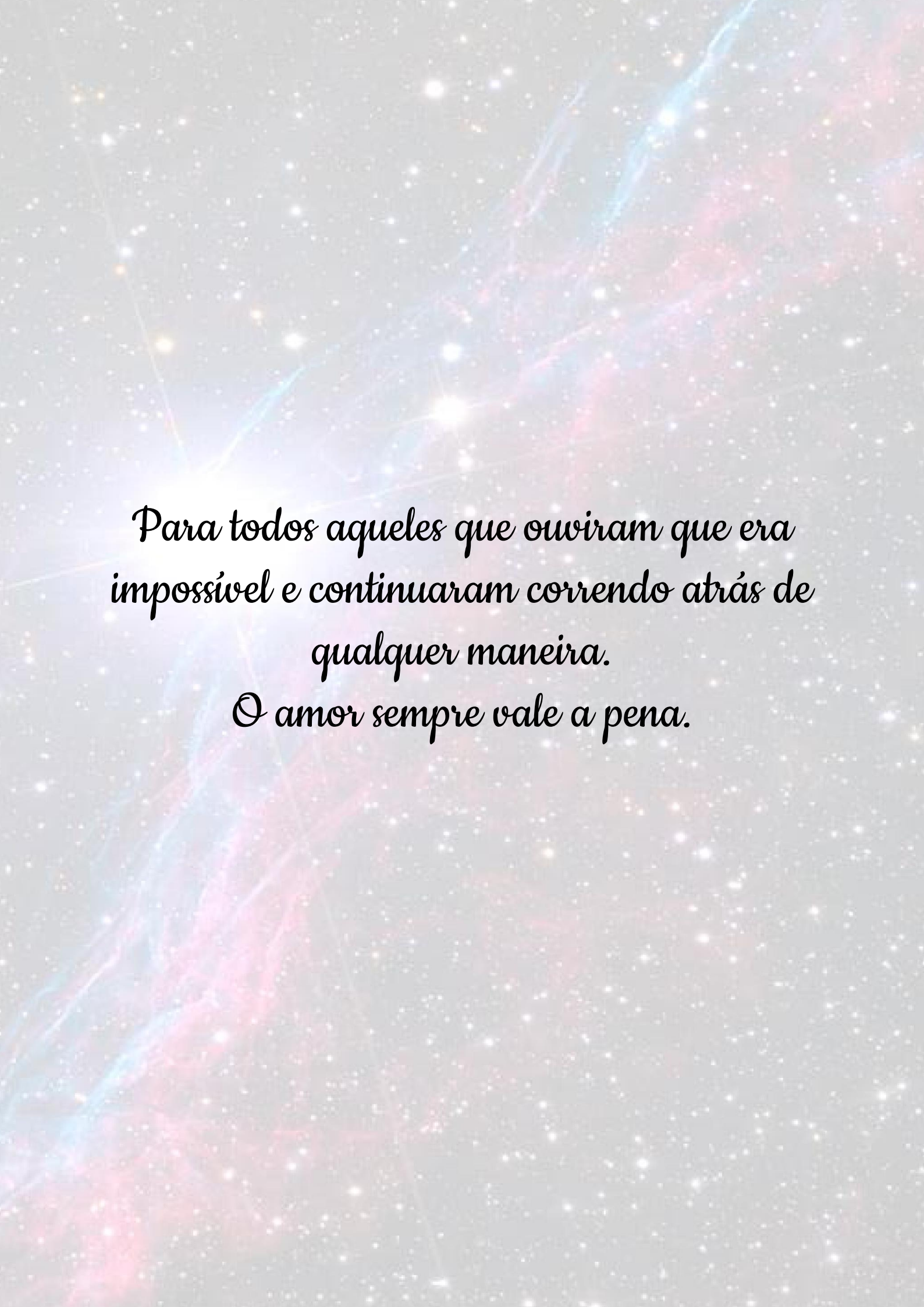
*"Ela se sentou ao meu lado no ônibus -
e mudou minha vida inteira".*

O ex-jogador de futebol espanhol Mateo Casalles, bem-sucedido, rico e absurdamente bonito, parecia ter tudo. Uma esposa de alta sociedade, uma filha adorável e apartamentos chamativos em Madri e Barcelona apenas adoçavam o negócio. Mas havia mais em Mateo do que o olho podia ver - uma vida de incerteza e arrependimento que coloria seu mundo de preto e branco.

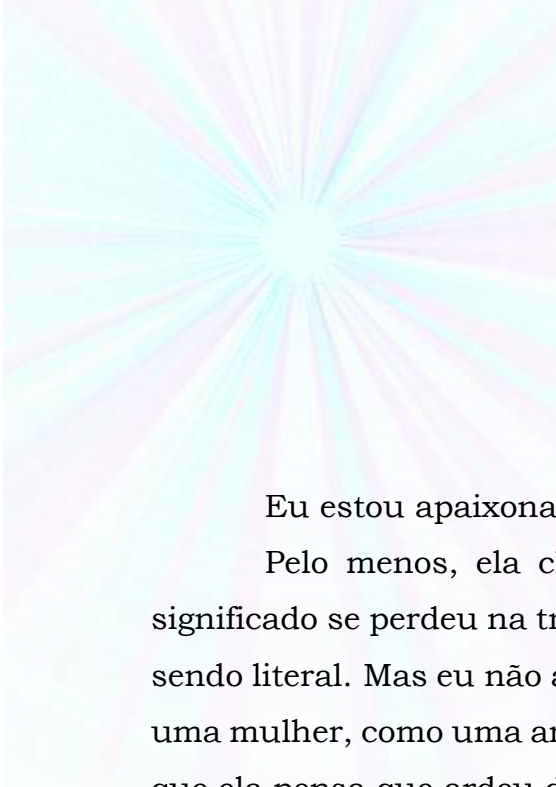
Foi até que Vera Miles entrou em sua vida como uma estrela cadente. Jovem, tatuada e selvagem, Vera parecia o oposto polar de Mateo no início. Mas você não pode escolher por quem se apaixona e as duas almas perdidas fizeram tudo o que podiam para estar juntas, apesar de sofrer graves consequências.

Agora, com Mateo divorciado e morando em Madri com a Vera, há um novo conjunto de desafios e contratempos que ameaçam o casal e balançam as bases do relacionamento.

Infelizmente para eles, quanto mais a estrela brilha, mais rápido ela queima.



*Para todos aqueles que ouviram que era
impossível e continuaram correndo atrás de
qualquer maneira.
O amor sempre vale a pena.*



Prólogo

Eu estou apaixonado por uma vilã.

Pelo menos, ela chama a si mesma de vilã. Eu não tenho certeza se o significado se perdeu na tradução – Vera fala muitas gírias inglesas – ou se ela está sendo literal. Mas eu não a vejo como uma vilã. Eu a vejo como uma menina, como uma mulher, como uma amiga, e como uma amante. Eu a vejo como minha estrela, que ela pensa que ardeu demais entre nós dois.

Ela não está errada. Nós dois queimamos, e algumas vezes, com prazer. Houve muitos riscos que valeram a pena, e muitas vezes, que nos fizeram cair, mas nós sempre caíamos juntos. Nossa jornada nunca foi fácil. A única coisa fácil em tudo isso, é o meu amor por ela. Ele é puro, é simples, e é verdadeiro.

Alguém poderia pensar que depois de tudo que passamos juntos, as lágrimas e o tormento, a caça às bruxas e a calúnia, em algum ponto do caminho se tornaria claro, suave e uniforme.

Mas a estrada dá voltas e reviravoltas. É eterna, sempre nos testando.

Apesar de tudo, temos um ao outro, duas almas exiladas. Pagamos nossos pecados com cada beijo, sentimos nossos erros com cada toque.

E apesar de tudo isso, eu temo o dia em que tudo seja fácil.

Temo o dia em que ela será tirada de mim.

Minha amante, minha amiga, minha estrela.

Ela só pode brilhar por algum tempo.

Até que ela se vá para sempre.



Capítulo Um

Minha querida Estrella,

Estou escrevendo esta carta, na esperança de que você um dia vai lê-la. Eu não tenho certeza se eu tenho forças para colocá-la em suas mãos, ou se você vai ler na sua casa, no Canadá. Esta é a sua casa, não é? Não aqui, comigo em Madrid. Eu não mereço isso. Peço que perdoe meu inglês, mas eu acredito que já o perdoou faz tempo.

Tudo o que posso dizer é que eu sinto muito. “Lo siento, lo siento, lo siento.” E não é o suficiente. Eu sei que não é suficiente. Dizer o quanto meu coração está sangrando por você estar longe, não é o suficiente. Dizer que você é a minha estrela e minha lua e meu universo... não é o suficiente. Eu não sei se alguma coisa será suficiente para apaziguar a dor que eu causei a você. Eu não sei se existe alguma coisa suficiente para ficar tudo bem.

Estou ferido, meu anjo querido, e eu temo que você também esteja ferida.

Eu não vou dar desculpas. Mas vou explicar onde errei, e porque isso aconteceu. Isso não vai mudar nada, mas se você puder se colocar no meu lugar, talvez entenda...

Eu nunca quis te machucar.

Eu sei que você me viu com a Isabel na avenida. Quando olhei para cima, vi você correr. Você se destaca nas ruas de Madrid por ser muito diferente, mas isso não soa muito lisonjeiro, não é? Frase engraçada. Você sempre se destaca para mim. Eu sinto como se estivéssemos conectados de muitas maneiras, as quais não consigo compreender, e quando você está perto, eu sei. Meu coração dispara. Coisa estranha este coração, não é?

Eu sei que depois da noite passada, me ver a beijando, deve ter doído como uma flecha no seu peito. Mas nada é o que parece. Mas antes de começar, devo voltar. Devo começar de onde eu acho que os fios começaram a se desenrolar.

Quando nos separamos pela primeira vez, em Las Palabras, eu sabia que iria vê-la novamente. Eu sabia que faria o que precisasse, para trazê-la de volta à minha vida. Quando eu disse que não conseguia ver as estrelas da cidade, eu não estava brincando. Aqui os céus são escuros e cinza, assim como meu coração, assim como a minha vida.

Chloe Ann era o único ponto brilhante em meu dia, e logo eu sabia que teria que tomar uma decisão. Ficava com a Isabel por causa da minha filha? Ou arriscava tudo por você?

Como você sabe, eu arrisquei. Imaginei futilmente, que talvez, se eu ficasse infeliz com Isabel, Chloe Ann seria capaz de perceber e ficaria infeliz também. Crianças são mais espertas do que nós imaginamos, não são? E então eu pensei que tinha que terminar com isso. Eu não estava feliz. Eu sabia que Isabel não estava feliz. Havia mais no meu mundo branco e preto do que o caminho que eu deveria continuar.

Você me trouxe cores e estrelas, cosmos e maravilhas. Eu queria tanto você, a desejava tanto, que eu sabia que sofreria com quaisquer coisas más que viessem em meu caminho. Haveria consequências para as minhas ações – eu sabia disso, e além de você, ninguém mais entenderia.

A vida é cheia de escolhas difíceis.

Eu escolhi você.

Isabel mal pode acreditar. Eu não posso culpá-la. De certa maneira, eu também não conseguia acreditar. Que eu estava fazendo isso, dando este passo, e arriscando tudo por você. Você, Vera, era o desconhecido. Você ainda é, mas, eu tinha fé no que tínhamos, que a nossa ligação era mais do que luxúria e romance... era mais profundo e mais brilhante do que isso.

Ninguém acreditou em mim. Por que deveriam? Eles veem acontecer o tempo todo, o homem se aproximando da meia-idade, trocando sua mulher por uma mais jovem. Eles disseram que eu estava pensando com o meu pau, que eu estava empolgado com o sexo e a novidade brilhante que você era. Claro, eu estava apaixonado por você, sem dúvida, o sexo era melhor do que jamais poderia ter imaginado. Mas eles não entendiam a verdade por trás de tudo isso. Eles não acreditavam que eu estava apaixonado por você.

Eu nem acho que você acreditava. Mas é claro que estou, mais agora do que nunca. E o amor faz você fazer coisas bobas.

Você pode chamar de percepção tardia, vejo agora, que da minha parte fui imprudente e impulsivo ao pedir que você se mudasse para a Espanha. Eu deveria ter esperado até que o divórcio fosse finalizado. Eu deveria ter esperado até que você tivesse terminado a escola.

Eu fui tolo, muito egoísta, e muito apavorado. Eu só via você, só pensava em você. Eu queria muito você, e eu tinha medo de que, se eu esperasse, você me deixaria. Você encontraria alguém melhor, alguém da sua idade, com menos bagagem. Às vezes me surpreendo que você pode me querer apesar de tudo.

Mas você quis. Você concordou em vir aqui, e embora, no fundo eu soubesse que seria melhor para todo mundo se esperássemos até a poeira baixar, eu arrisquei. Eu teria andado em brasas por você, apenas para ter você em meus braços. Eu teria colocado todo o mundo em perigo só para estar dentro de você novamente.

Eu deveria ter sido adulto. Deveria ter pensando melhor. Mas meu coração teve o melhor de mim. Eu trouxe você aqui, para dentro das chamas. Eu pensei que poderia te proteger do calor, que eu poderia protegê-la, que eu poderia ir com segurança para o inferno, tendo você debaixo dos meus braços.

Mas eu estava errado. E por causa da minha imprudência, você teve que sofrer. Eu tive que sofrer. A minha filha teve que sofrer. Todo mundo está sofrendo.

E você se foi.

Naquela noite, quando Isabel apareceu, foi a noite mais difícil da minha vida, mais difícil do que a noite em que fizemos amor em Las Palabras¹, sabendo que tínhamos de dizer adeus no dia seguinte.

Eu nunca quis que isso acontecesse. Eu nunca quis que a Isabel a visse, nem que você a visse. Eu sabia que você já estava envolta em culpa, e eu sabia que Isabel ficaria ferida. Ela é uma mulher bonita, e ainda é jovem. Mas ver você, tão jovem e intensa, só a teria destruído, fazendo-a se sentir velha, fraca, inútil. Esses sentimentos se transformariam em raiva, e sua raiva é um objeto afiado e perigoso.

¹ Escola de idioma

Mas você veio para o lobby – eu não posso culpar sua curiosidade – e vocês duas se conheceram. Isabel ficou destruída, e sua raiva embriagada assumiu o controle. Você só pode assistir.

Eu só pude assistir.

Eu queria defendê-la. No meu coração, eu fiz. Mas para seus olhos eu não consegui. Eu não podia.

Eu lhe disse que um dia eu teria que escolher entre você e Chloe Ann. Acredito que naquele momento, eu tive que fazer essa escolha. Eu tive que ir para a Isabel. Eu não podia escolher você, porque se eu o fizesse, perderia todo contato com Chloe Ann. Eu estava à mercê da Isabel, e ela me tinha pelas bolas.

Isso é complicado. É tão complicado. Todo esse emaranhado em volta dos nossos pescoços, amarrando-nos um ao outro. Se alguém se move, o outro sente, perde o ar. Eu defendi a Isabel, e a corda apertou sua garganta. Se eu a defendesse, a corda seria entre mim e minha filha.

Eu não posso esperar que você entenda. Você não é um pai. Você não tem que fazer escolhas horríveis – ou talvez você teve. Talvez você tenha feito sua própria escolha horrível, me deixando. Tudo o que posso dizer é que não há vitória. Como você pode escolher entre seu próprio sangue e o amor da sua vida? Realmente você não pode... eu só poderia escolher a Chloe Ann, porque ela é jovem e precisa de mim. Ela não entenderia a alternativa. Mas você, Vera, você pode entender. Você pode ver onde quero chegar. Você pode ser capaz de me perdoar.

Por favor, me perdoe.

Naquela noite, voltei para casa. Eu tenho como lhe afirmar que nada aconteceu entre Isabel e eu, mais nada aconteceu. Eu conversei com Chloe Ann. Eu tentei fazer as pazes com Isabel tanto quanto pude, no seu estado bêbado. Eu, pelo menos consegui que ela se acalmasse. Dormi no sofá.

Na manhã seguinte, acordei cedo e fiz o café da manhã. Nós três nos sentamos juntos, como uma família, pela última vez. Isabel estava com uma ressaca terrivelmente, mas tinha amolecido. Talvez ela finalmente percebeu quão acabados estávamos, e que não haveria nós, sem volta. O que está feito, está feito.

Então, nós demos tristes sorrisos, e comemos, e Chloe Ann ficou encantada por estarmos juntos novamente. Nossos sorrisos entristeceram.

Então, Isabel me levou para casa.

Você vê, o amor é uma coisa estranha. Pode desaparecer completamente. Pode deixar você, ser apenas uma marca no horizonte tão longe, e você quer saber como sentiu o amor começar. Mas, mesmo ele desaparecendo, fragmentos ainda permanecem. Ficam impressões. Você pode destruir uma casa e colocá-la no chão, mas você verá recortes na terra, o jeito que o chão é diferente onde a casa esteve.

Nós conversamos, Isabel e eu, durante muito tempo. Ela ainda estava zangada, amarga, como eu espero que ela fique por um longo tempo. Eu também ficaria, se estivesse no seu lugar. Talvez isto seja o que faça com que tudo fique muito mais difícil, porque eu sei como os outros me veem, que o que eu fiz foi repreensível. Mas ela cedeu ao que era, para a nova realidade. E em nossas palavras sobre o passado, o presente e o futuro, pude ver as sobras do que era antes, ver o fantasma de nosso casamento, o tempo em que tínhamos um pouco de esperança um pelo outro.

Eu não estou apaixonado por Isabel. Estou apaixonado por você. Eu nem mesmo adoro a Isabel. Eu te amo. Mas naquele momento, eu me preocupei com ela mais do que fiz em muito tempo. Eu estava preocupado com ela. Eu queria fazer as coisas direito, mesmo que parecesse impossível. Talvez fosse porque eu sabia que este era realmente o fim, que era a hora de ambos seguirmos em frente para sempre.

Eu a beijei como um adeus, sem um segundo pensamento. Está na minha natureza ser físico. É da minha natureza ser carinhoso. Não teve nenhum significado nisso, exceto velhos hábitos, e na intenção amarga de dizer adeus. Você vê, embora eu não ame mais a Isabel, o fantasma do casamento ainda permanecia. Eu disse adeus para aquele fantasma.

Claro, eu sei como tudo isso pareceu para você, e eu não posso culpá-la por correr, culpá-la por ir embora. As coisas ficaram difíceis, e eu estava arcando com tanto, esperando que você também pudesse carregar isto. Eu nunca deveria ter te colocado nesta posição, e arrastá-la até aqui, enquanto as coisas estavam tão desequilibradas, mas tolos são aqueles que se apaixonam, e eu era um tolo. Eu ainda sou. E para qualquer dor e pesar que eu causei a você, minha querida Estrella, eu estou profundamente arrependido.

Tudo o que posso dizer é que, se eu tiver uma nova chance, eu não vou estragar tudo. Eu vou ser bom para você. Serei melhor que bom. E eu vou lutar.

Mesmo se você se afastar, vou trazer você de volta. Eu só espero que você tenha espaço suficiente em seu coração para um tolo velho e cansado como eu, que ainda erra quando deveria ser mais esperto.

Eu te amo.

Volte para mim, minha Estrella.

Mateo.

Eu olho para a carta em minhas mãos todas as noites, quando acordo e não consigo voltar a dormir. Eu quase não consigo ver a luz que filtra pelas cortinas, mas conheço cada palavra, cada frase, de memória. Isso é para me lembrar pelo que estou lutando, para me lembrar o quão difícil foi quando Vera me deixou quase um ano atrás.

Eu nunca lhe dei a carta. Eu lhe expliquei, pessoalmente, os sentimentos ardentes que expressei nela. Eu afastei suas dúvidas quando elas vieram rastejando – às vezes ela tinha tantas. Mas eu nunca dei a ela. Não havia necessidade. Eu escrevi a carta sentado no meu apartamento, com minha cabeça nas mãos, meu coração partido, e eu percebi que não era o suficiente.

Vera merecia mais do que apenas uma carta. Ela merecia tudo que eu tinha. Com alguma dificuldade, pude falar com o irmão e a mãe de Vera em Vancouver, e me ofereci para comprar sua passagem para casa. Eu disse a sua mãe – irritadiça – que Vera precisava estar com a família, aqueles que a amavam.

Eu a amo. Ela é a minha família.

Foi uma aposta. Eu não sabia se ela já estava no avião, muito menos se estava disposta a me perdoar. Então, demorei algum tempo para ter certeza que tudo estava certo. Falei com Isabel, inúmeras vezes, e fiz o meu melhor para tentar levá-la a entender o meu ponto de vista. Eu não queria perder a guarda conjunta de Chloe Ann; eu não queria que ela crescesse sem um pai.

Isabel quase cedeu. Foi necessário fazer um acordo com dinheiro extra, para finalmente conseguir que ela concordasse. Claro, que valeu a pena. Para ter a minha filha, eu teria pagado qualquer coisa.

Para ter Vera de volta, eu teria feito tudo.

Já estando no aeroporto, esperei na parte de trás do saguão, enquanto todos embarcavam. Eu tinha certeza que parecia suspeito, mas eu não queria dar a Vera

uma razão para desistir. Eu a senti antes de vê-la, sua aura me puxava como a gravidade. Ela parecia absolutamente linda, tanto que eu mal conseguia ficar em pé ao vê-la caminhando para mim. A dor radiante se espalhando pelo meu peito, e eu tive certeza que estava tendo um ataque cardíaco. Mas foi apenas o impacto de vê-la, e a dor de saber que eu ainda poderia perdê-la.

Normalmente sou um homem confiante – minha carreira exigiu isso de mim. Mas naquele momento, me senti perdido. Fui ao banheiro, para jogar água no meu rosto. Eu olhei para mim mesmo no espelho e não vi um homem confiante em um terno desenhado. Eu vi um menino cujo o coração estava nas mãos de outra pessoa.

Eu entrei no avião no último minuto, e me preparei enquanto caminhava pelo corredor. Ignorei os olhares irritados das pessoas que tiveram que me esperar, e segurei minha respiração até que eu a vi.

O corpo de Vera estava inclinado em direção à janela, seu cabelo cobrindo seu rosto. Ela parecia pequena e tão selvagem, e eu quis tocar os cachos brilhantes que desciam por suas costas, cor de creme de laranja. A mulher no corredor estava olhando para mim com evidente decepção – ela pensou que não teria ninguém sentado ao lado dela por toda viagem. Mal sabia ela, que toda a minha atenção, estava no outro assento durante o voo.

Minha paciência foi testada. Me sentei lá, parado como uma pedra, meus olhos unicamente em Vera, durante o *taxiar*², decolagem, quando alcançamos *altitude de cruzeiro*³. Do jeito que suas costas se levantavam e o choramingo tranquilo e ocasional escapava, eu sabia que ela estava chorando. Tive que me aguentar ao máximo para não desmoronar ali mesmo. Eu queria beijar aquelas lágrimas.

Mas eu esperaria para ela me encontrar.

Finalmente, ela o fez. Ela se ajustou em seu assento e me acotovelou. Eu nunca tinha sorrido tanto.

— Desculpe, — ela murmurou em sua voz rouca maravilhosa, ainda sem se virar.

² Taxiar é deslizar o avião na pista sobre as rodas, na decolagem e no pouso.

³ Altitude de cruzeiro é cerca de 11.000 metros, é a altitude em que o avião consegue gastar menos combustível, pois o ar se torna menos denso e por isso oferece menor resistência.

Lambi meus lábios e respirei fundo antes de dizer: — Eu sinto muito também.

Seu corpo enrijeceu. Ela lentamente virou a cabeça, e meu sorriso ficou suave com a visão de seus olhos avermelhados e o rastro de lágrimas abaixo deles. Ela parecia muito chocada, como se tivesse visto um fantasma. Só que eu não era uma aparição; eu era real.

Em vez de lhe dar a carta, eu me abri com ela, e coloquei toda a verdade para fora, não sobrou pedra sobre pedra. A coisa que eu tinha mais medo era ter meu coração e meu amor rejeitado, que ela virasse as costas. Era seu direito, no entanto, não desejava nada além do que outra chance.

Mas Vera, uma alma tão generosa e disposta, não me rejeitou. Ela me deu amor em troca, o amor que ela disse que nunca a abandonou.

Desembarcamos em Vancouver e vimos sua mãe e seu irmão, Josh, no aeroporto. Naturalmente, eles estavam muito surpresos em me ver, e eu fiquei surpreso ao vê-los – pelo menos sua mãe. Ela tinha parecido tão dura e fria pelo telefone, mas lá estava ela, esperando sua filha retornar, chocada que o adúltero estava ao seu lado. Se olhares pudessem matar, eu teria virado cinzas bem aqui no chão do aeroporto.

Não foram dias fáceis. Eu estava feliz por ter a carta em minha bagagem de mão, porque ela me deu forças. Sua mãe e irmã e futuro cunhado da Inglaterra todos pareciam me desprezar, especialmente quando perceberam que voltaríamos para Madrid. Num dado momento, o idiota inglês me puxou de lado e me perguntou, por que eu não poderia voltar para minha esposa e deixar uma jovem garota como Vera sozinha.

Eu quase lhe dei um soco na cara, mas eu sabia que isso não ajudaria nosso caso. A essa altura, Vera e eu estávamos acostumados a ser desdenhados, e embora ela dissesse que não se importava com o que sua família pensava, eu ainda podia ver pelo jeito que ela agia, que ela se importava. Mesmo que tenha diminuído desde que a conheci, a necessidade de aprovação de sua família ainda estava lá.

Agradeço a Deus, por Josh ser o único inteligente, amável, e decente em sua família. Com seu cabelo preto espetado e tatuagens, ele era definitivamente uma daquelas pessoas que você julgaria antes de conhecer, mas ele era o maior defensor da Vera e a salvação da nossa rápida estadia.

Embora essa não tenha sido a última vez que nós os vimos. Logo depois do Natal, voltamos, mas desta vez nós tínhamos reforços – nossos amigos Claudia e Ricardo. Nós voltamos principalmente para que Vera pudesse enviar seu pedido para o visto de trabalho que *Las Palabras* conseguira, mas a viagem de esqui para Whistler com todos, incluindo Josh, não fez mal. Uma semana esquiando nas montanhas e relaxando com amigos e família parecia ser exatamente o que precisávamos.

Quando partimos, ainda era um pouco incerto se Vera gostaria de voltar ou não, para Vancouver para o casamento de sua irmã em julho. Eu lhe disse que voltaria com ela, caso quisesse, e eu a apoiaria se ela não o fizesse. No final, ela optou por ficar na Espanha, e acho que ela irritou sua família mais uma vez. Também estava no ar, se Vera realmente conseguiria uma autorização de trabalho através de *Las Palabras*. Mas havia outros caminhos que ela poderia tomar a fim de permanecer e trabalhar no país, e por fim, o Governo Espanhol lhe concedeu seis meses em *Las Palabras*, e apresentaria um novo pedido quando chegasse o momento. De qualquer forma, ela não teria de deixar a Espanha se não quisesse.

E ainda assim, enquanto ela se deita ao meu lado, dormindo silenciosamente na nebulosa noite azul-escura, eu tenho essa sensação inquieta, no fundo do meu peito. É o que me manteve acordado durante todo o mês, mais do que o calor sufocante de agosto. É um pressentimento que tudo está prestes a mudar para nós.

Em parte, a culpa é minha, embora a mudança seja para melhor, eu espero. Ao longo dos últimos seis meses, estabelecemos uma rotina constante e confortável. Vera trabalha em *Las Palabras* das 9h às 14h, quase todos os dias da semana, e embora fosse apenas um emprego de escritório, ela aparentemente gosta. Ela faz aulas de espanhol nas noites de terça. Ela tem seus amigos, Claudia e Ricardo, além de alguns outros do curso, e do seu novo trabalho. Chloe Ann mora com a Isabel, mas eu fico com ela, nas quartas, nos sábados ou nos domingos. Isabel é fria, mas cortês comigo, e ela só teve que interagir com Vera, uma ou duas vezes. É estranho para todo mundo – sempre é – mas funciona por enquanto.

Mas, para mim, as coisas se tornaram um pouco paradas demais. Me apaixonar por Vera, e escapar de um casamento infeliz, abriu minha mente, minha

alma, para inumeráveis possibilidades. O ramo de restaurante não era mais para mim, e não era onde estava a minha paixão, então, eu o vendi para meu parceiro. O que realmente eu quero sentir, é aquela excitação novamente, a que eu tive quando era mais jovem, a que acreditava que eu poderia fazer qualquer coisa. Eu quero algo mais na minha vida, para me preencher do jeito que o amor de Vera e Chloe Ann faz.

Eu realmente não pensei que fosse possível, mas depois que os paparazzi começaram a falar sobre meu divórcio, e Vera e eu começamos a aparecer sem cerimônia nos tabloides, meu rosto voltou a aparecer. De uma coisa feia, nasceu um começo promissor.

Alguns meses atrás, fui contatado pela minha antiga equipe de futebol americano – o Atlético de Madrid – e perguntaram se eu ainda tinha algum interesse na equipe. O fato de que eu estava fazendo trinta e nove anos, e ainda tinha a minha lesão no joelho, não parecia importar. Eles não queriam que eu jogasse para eles – eles sabiam que meu tempo como jogador tinha acabado – mas eles queriam saber se eu poderia de alguma forma me envolver com a organização. Talvez pensassem que minha nova situação ajudaria a reforçar a deles, eu não sei, mas de repente, eu valia alguma coisa para eles.

No começo, foram algumas reuniões, algumas conversas aqui e ali. Com o treinador, em seguida, o gerente geral, e então, o proprietário. Talvez eu quisesse doar algum dinheiro, sediar um evento, me tornar um mentor. No começo eles estavam cheios de ideias. O que levou a conversas sobre ser treinador assistente, que depois de um tempo diminuiu gradualmente.

Eu tentei não ter muita esperança, mas como a maioria das coisas na vida, a esperança se esgueirou. Eu senti uma grande decepção, quando não tive mais notícias deles, e a pobre Vera teve que aguentar meu mau humor por dias, reclamando pelo apartamento sem parar.

Isso foi até a tarde de sexta-feira, quando recebi um telefonema do administrador. Eles queriam que eu os encontrasse na segunda-feira, no Fioris Café, que na realidade era nesse momento, para discutir um assunto urgente.

Não era de admirar que não consegui dormir. Eu só espero que sejam apenas meus nervos que estão mexendo comigo, e que não haja nenhuma razão real para a sensação de mau presságio que eu sinto.

Vera se vira em nossa cama, seu cabelo espalhado sobre seu rosto, os seios quase saindo das delicadas alças de seu top. Sua pele é de seda branca dispersa com arte colorida. Eu nunca achei realmente tatuagens algo sexy, até que a conheci, e vi a forma como elas a moldavam, como elas representam um milhão de histórias, emoções, expressões.

Seus olhos se abrem lentamente e ela olha para mim com um olhar nebuloso, com sono. — O que você está fazendo? — Ela pergunta suavemente.

Eu deslizo a carta de volta na gaveta. Eu sei que ela me viu lendo isso antes. Ela nunca perguntou o que era, mas posso dizer que ela sabe que isso significa algo para mim, e respeita isso. Eu ficaria feliz em lhe mostrar a carta, mas o motivo pelo qual eu estou lendo isso, pode ser perturbador para ela. Ultimamente ela tem estado um pouco no limite, como se alguém estivesse pronto para puxar o tapete de debaixo dela, e eu não quero lhe dar qualquer outra coisa para se preocupar.

Meus medos são apenas isso – meus medos. Ela não deveria ter que os assumir.

— Eu não consigo dormir — eu digo a ela com um pequeno sorriso. Eu saio da cadeira e me alongo-me, meus braços elevados acima da minha cabeça. Seus olhos se ampliam com apreciação ao me ver. Eu tenho dormido nu.

Ela desvia os olhos o tempo suficiente para perguntar: — Você está nervoso sobre amanhã?

Concordo com a cabeça, deixando escapar um pequeno suspiro, e vou para a cama, entrando debaixo das cobertas, que agora é apenas um lençol nessas noites quentes de agosto. Deito minha cabeça no travesseiro, e olho em seus olhos, colocando uma mecha de seu cabelo sedoso atrás de sua orelha. Ela me dá um sorriso tranquilizador. — Não se preocupe. Tenho certeza, de que o que quer que eles queiram falar com você é uma coisa boa.

— Espero que sim — eu admito.

— *Eu sei que sim.*

Eu sorrio para ela. — Você parece saber tanto, no meio da noite.

Ela ergue uma sobrancelha. — Você não sabia? Eu estou no meu melhor momento. Quer que eu te mostre?

Eu nunca poderei dizer não a isso. Suas pálpebras se tornaram pesadas, boca cheia, molhada e separada em antecipação. Aquele olhar sugestivo é tudo que eu preciso para ficar duro.

Ela se inclina e me beija suavemente. Minha língua explora sua boca de uma forma luxuriosa, construindo lentamente uma necessidade quente entre nós. Enquanto minha mão desliza para trás do seu pescoço, puxando-a para mim, seus dedos trilham a barba pôr fazer no meu queixo, para baixo em meu peito, e os cumes firmes do meu estômago, e enrola em torno do meu pau duro.

Eu gemo, fechando meus olhos ao seu aperto, quando ela fecha o punho e levemente desliza pelo meu comprimento de cima para baixo.

— Se você continuar fazendo isso — eu consegui dizer contra sua boca — o show acabará muito rápido.

Ela ri e se afasta, seus lábios contornando meu queixo, pescoço, peito. — Enquanto eu lhe der um bom show, eu não me importo.

Normalmente, quando um de nós acorda no meio da noite se sentindo amoroso, uma forma sonolenta e vaga de sexo acontece. Um dos melhores tipos de sexo. Mas se ela está disposta e querendo me dar um boquete, eu não tenho disposição para detê-la. Um verdadeiro cavalheiro nunca para uma mulher de fazer o que ela deseja.

Seus lábios deslizam para baixo do meu estômago para a ponta do meu eixo, e ela me leva todo e profundamente em sua boca. Eu não sei onde ela aprendeu suas habilidades – e eu não quero saber – mas sou eternamente grato por elas. Com sua boca, língua, e mão, trabalhando juntos, eu sucumbo à sensação, o calor transborda por meus membros. Meus dedos enrolam em seu cabelo, apertando forte.

Quando a sua outra mão vai para minhas bolas, apertando com pressão suficiente para me deixar louco, eu não consigo evitar e puxo seus cabelos. — Porra — Eu choramingo. — Oh merda, Vera. Porra sim. Mais.

Ela pega o ritmo, e eu começo a empurrar o meu quadril para cima, meu pau vai tão profundo em sua garganta quanto possível, seus lábios me envolvendo como uma luva de veludo. Eu gozo forte e ela não se afasta, não para até que não haja mais nada em mim.

Eu fico ofegante na cama, as ondas me fazendo afundar no colchão, minhas mãos deixando seu cabelo. Eu a escuto engolir e limpar os lábios, como a garota incrivelmente má que ela é, e eu abro meus olhos para vê-la sorrindo para mim na luz fraca. Ela parece terrivelmente orgulhosa de si mesma, como ela deveria estar.

— Sua vez — eu digo a ela, tentando me levantar, mas ela empurra a sua mão no meu peito, para eu ficar deitado.

— Você pode lidar comigo amanhã — diz ela, tomando um gole de água. — Estou exausta. Seu pau dá muito trabalho, garotão.

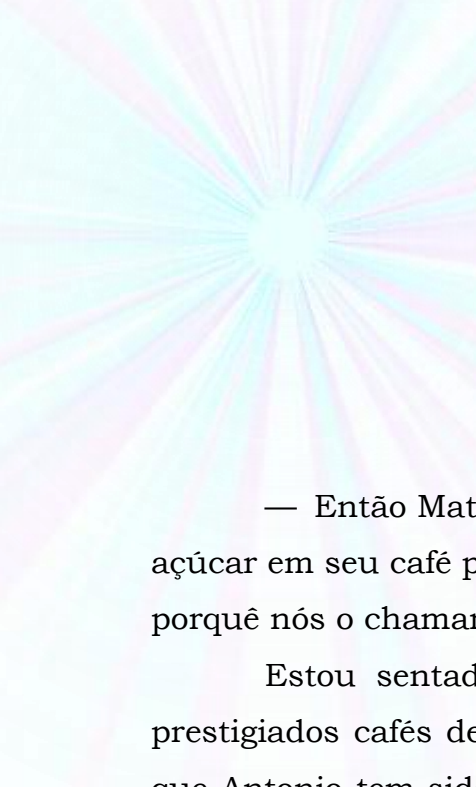
Eu não posso deixar de sorrir com sua escolha de palavras lisonjeiras. — Você me mima.

Ela sorri como se soubesse que é verdade, então me beija rapidamente nos lábios, antes de rolar de lado ficando de costas para mim. Eu coloco meus braços ao redor da sua cintura e a puxo para perto de mim, não querendo dormir sem ela em meus braços.

Alguns momentos passam e nossa respiração se alonga. Lá fora, um carro para no fim da rua. Todo o resto está quieto.

— Eu amo você — eu sussurrei em seu ouvido.

Minha voz parece ecoar no quarto. Ela já está dormindo.



Capítulo Dois

— Então Mateo, — diz Pedro del Torro enquanto coloca uma colher de açúcar em seu café preto e dá uma mexida metódica. — Você tem alguma ideia do porquê nós o chamamos aqui hoje?

Estou sentado em frente a ele e a Antonio Ramos, em um dos mais prestigiados cafês de Madrid. Tudo do bom e do melhor para estes dois, mesmo que Antonio tem sido o diretor geral por apenas três anos. Como proprietário do Atlético, Pedro ostenta seu dinheiro e poder como se não fosse da conta de ninguém, ainda mais quando o time está indo bem, como eles estão.

Eu dou de ombros e um sorriso maroto. — Porque vocês me acham encantador?

Pedro dá uma risada leve, uma que eu não posso dizer se é falsa ou não. Ele toma um gole de café e acena com calma. — O café aqui nunca me decepciona. É por isso que sempre volto.

Eu fico olhando para ele, sabendo que tenho que aturar seu humor, antes que ele chegue ao que interessa.

— Você, Mateo — continua ele, — parece ser o mesmo. Confiável. O *tipo* de pessoa que não decepciona ninguém.

Eu mantenho a minha expressão neutra. Deus sabe como já decepcionei pessoas suficientes em minha vida.

Ele se inclina para frente e cruza as mãos com luvas de couro diante dele. — Diego está deixando a equipe em janeiro.

Eu levanto minhas sobrancelhas com surpresa. Diego Martinez é o técnico, e é muito bom nisso. Ele ajudou a tirar o time do rebaixamento há anos atrás.

— Por quê? — Eu perguntei, tentando ignorar o sentimento dentro de mim, como se o meu peito fosse pular. Eu não posso inflamar o meu ego, não posso ousar em sonhar em estar à frente.

Pedro troca um olhar cansado com Antonio, antes de virar os olhos afiados para mim. — Ele vai treinar o time da Argentina. Sabemos disso há algum tempo, mas simplesmente não sabíamos o que fazer sobre isso.

Eu limpo minha garganta e luto contra o desejo de endireitar as mangas arregaçadas da minha camisa — E Warren? — Warren é o assistente técnico, um britânico que costumava jogar para o Arsenal antigamente. Por algum tempo, com todas as reuniões, pensei que talvez, eu estivesse sendo preparado para assumir sua posição. Agora tem a possibilidade de ser muito mais do que isso.

— Tínhamos esperanças de que Warren fosse capaz de assumir. Mas na verdade, é que nós queremos um espanhol encarregado dos meninos, e um da *família*. — Pedro faz uma pausa para tomar outro gole de café, e limpa delicadamente seu bigode antes de dizer: — Nós queremos você, Mateo.

Eu pisco para ele. — Eu?

— Sim — ele diz com um rápido sorriso. — Naturalmente você percebeu que queríamos fazer negócios com você.

Me encosto na cadeira, vagamente consciente de que meu coração está batendo alto em meus ouvidos. — Bem, sim, mas são negócios, e vocês têm um treinador de uma equipe internacional de futebol. Eu não quero parecer ingrato, mas o que faz você pensar que é algo que eu possa fazer? Eu estou afastado do jogo por um longo tempo.

Pedro e Antonio trocam outro olhar, e desta vez Antonio fala, lento e ponderado. — Nós achamos que você vai fazer tudo certo. Nós temos até janeiro, é claro, que vamos colocá-lo imediatamente com Warren e Diego. Assim, você terá uma ideia de como funciona, como é estar de volta. Acredite em mim, Mateo, eu costumava te ver jogar religiosamente, e para alguém como você, esta é uma evolução natural.

— Além disso — acrescenta Pedro, — é sempre bom misturar as coisas. Com Diego saindo, queremos garantir que os jogadores e o público estejam, como sempre, fascinados. Ter um jogador como você de volta no banco, digamos que, atrairia muita atenção para a equipe. Principalmente porque você esteve em evidência novamente no ano passado.

Eu engulo e lhe dou um sorriso desconfortável. Ele não me pareceu muito satisfeito com isso, como os paparazzi enlouqueceram no meu divórcio, e o

escândalo de namorar uma mulher mais nova e estrangeira. Eu esperava que Pedro mencionasse sobre Vera, mas ele não fez.

— Você não precisa nos dar a sua resposta agora — disse ele com calma, seu rosto vai de desdém para de um político astuto. — Temos muito tempo. Que tal você nos avisar até o final da semana, e daremos os próximos passos a partir daí? Isso certamente mudará sua vida, Mateo, mas só para melhor.

O almoço é servido em seguida, e as suas conversas giram em torno de esportes, filmes, e o clima. Eu sorrio e aceno com a cabeça, mas estou preso dentro da minha mente. Uma parte de mim está pronta para explodir de felicidade, com a perspectiva de realização, enquanto a outra parte está cavando suas unhas, com medo de desistir, com medo de mais mudanças.

Deixamos o restaurante juntos, e eu lhes digo que ligarei na sexta. Eles acenam para mim como se eles já soubessem minha resposta. Talvez eu também saiba. Ainda assim, eu divido minha vida com Vera e não agiria sem discutir com ela, mesmo que eu tivesse cem por cento de certeza.

Nós demos dois passos para baixo nas escadas rachadas de concreto, quando um flash disparou na minha cara. Um fotógrafo magro com um longo mullet⁴ estava agachado, tirando nossa foto. Eu já o tinha visto antes, tirando fotos de mim e Vera em nossas noites, mas isso foram meses e meses atrás.

— Porque Mateo Casalles está se encontrando com o Atlético? — Pergunta o fotógrafo, mas Pedro apenas sorri e levanta sua mão em um aceno ligeiro, antes de virar à esquerda. Eu vou para direita, e o fotógrafo me segue, um alvo fácil.

— Você está se juntando ao Atlético novamente, Mateo? — Ele persiste, e eu viro um pouco para dar uma olhada.

— Você não tem nada melhor para fazer? — Eu digo, e continuo andando. Ele não se incomoda em me seguir depois da esquina.

Quando volto para o apartamento, o sol está se pondo, e as ruas, mesmo no nosso bairro, o elegante bairro de Salamanca, cheira a lixo e poeira. O prédio oferece um lugar fresco, e quando entro no nosso apartamento, Vera está em pé na cozinha reluzente, mexendo uma jarra de limonada.

⁴ Um tipo de corte de cabelo.

— Você não é um colírio para os meus olhos? — Pergunto quando eu coloco minhas chaves sobre a mesa, recordando a específica frase em inglês.

Ela se vira para mim, e me dá um grande sorriso. Ela se parece uma dona de casa da década de 1950 com os olhos de uma *“femme fatale”*. Ela colocou um vestido amarelo sem alças que mostra seus seios cheios e seus quadris largos, e tem um lenço de seda estampado que tira seu cabelo de sua testa. Mas suas tatuagens e seu tênis preto com cano alto, me lembram que ela não é como nenhuma outra dona de casa que eu conheço.

— Muito bom — diz ela, sempre satisfeita quando eu lembro as idiossincrasias de sua linguagem. Ela levanta a jarra. — Não se preocupe, há vodka nela.

Eu sorrio para ela, e envolvo meus braços em volta da sua cintura, puxando-a contra mim. — É claro que há.

Ela grita quando um pouco de limonada espirra do lado e no chão, mas eu não a solto. Ela consegue colocar a jarra para baixo, antes de eu enterrar meu rosto em seu pescoço, beliscando e beijando sua pele delicada. Ela tem um gosto de sol e cítrico.

— Então — diz ela, sem fôlego, e eu posso sentir seu pulso acelerado debaixo dos meus lábios. Eu corro minha mão sobre a inclinação de sua bunda e lhe dou um aperto forte enquanto me pressiono contra ela. — Eu tenho que perguntar como foi?

— Eu vou lhe contar tudo sobre isso — murmuro, — mais tarde. Mas você está usando esse vestido e me fazendo “caipiroska” neste dia quente, e eu acho que vou ter que lidar primeiro com você.

Eu trago meus lábios para o espaço atrás da sua orelha, onde sua mais nova tatuagem está. Está escrito, em espanhol *“Amor, em Espanhol é você”*, algo que eu disse para Vera em La Alberca quando me apaixonei por ela. Continua a ser verdadeiro até hoje. Eu corro a ponta da minha língua sobre as palavras, e ela treme abaixo de mim. Ela nunca pode resistir a isso, apesar de que ela nunca parece resistir a qualquer coisa.

Eu amo isso nela.

Eu pego o zíper na parte de trás do vestido e lentamente começo a puxá-lo para baixo, até que seus seios estão livres. Eu coloco minhas mãos neles, minha

boca roçando seus mamilos que apertam abaixo de mim. Eu tomo meu tempo, querendo desfrutar cada minuto com eles nesta luz brilhante, nesta cozinha legal, nesta cidade quente.

Ela geme, enquanto eu corro minha língua em torno de seus círculos, e ela começa a correr os dedos pelo meu cabelo, puxando-o suavemente. Ela inflama os nervos que vão diretamente para o meu pau, mas eu já estou duro como aço e tencionado contra minhas calças.

Com um movimento suave que eu a pego e a coloco sobre meu ombro, no estilo homem das cavernas. Ela solta uma pequena risada, brincando de chutar seus pés contra o meu estômago e jogando os punhos contra minhas costas. — Me ponha no chão, seu homem mau — diz ela em falsa angústia.

Eu lhe dou um grunhido exagerado e, em seguida, a coloco no sofá. Ela não tem tempo para se ajustar, e em um segundo estou sobre ela, puxando o vestido pela sua cabeça e o descartando na mesa de café. Eu olho para seu corpo, deitado contra as almofadas, pálido e macio, e todo para mim, e agarro suas pernas puxando-a para mim, sua bunda e quadris estão encostados no apoio dos braços do sofá, as pernas balançando para os lados.

— Fique nu — ela manda, mas eu só lhe dou um meio sorriso. Eu ficarei nu, depois que eu tiver terminado com o primeiro prato. Ela sempre vem em primeiro lugar. Essa é a regra, mesmo admitindo que ela a quebrou ontem à noite com os seus irresistíveis lábios.

Eu fico de joelhos e puxo seus quadris mais perto de mim, sua boceta está nua, molhada e esperando. É linda. Eu trilho meus lábios e língua do lado de dentro de seu joelho, algo que tira um gemido ofegante dela – e até o caminho de seda de suas coxas. Ela arqueia suas costas, empurrando-se em minha boca avidamente.

Ela é gostosa – como ela, como o oceano e a juventude, e eu demoro o meu tempo, correndo minha língua em torno de seu clitóris, subindo e descendo as curvas, antes de mergulhar dentro dela.

— Mateo — diz ela entre gemidos. — Oh Deus, não pare.

Eu sorrio e me afasto dela, fazendo exatamente o oposto. — Fale comigo em espanhol, minha Estrella, e eu continuo.

Eu a vejo fechar os olhos e arquear seu pescoço. — Foda-me com a tua boca, com força, mais profundo — diz ela em um espanhol ruim. É a coisa mais sexy que eu já ouvi. As lições de espanhol estão valendo à pena.

Naturalmente, eu concordo, meus dedos se juntam, e ela goza duro dentro de segundos. Ela grita, como se o orgasmo a tivesse pego de surpresa, e eu posso sentir seus tremores correndo sob meus lábios e meus dedos.

Eu endireito-me e olho para seu corpo enquanto eu desabotoo minha camisa. — Agora, eu vou ficar nu.

Eu rapidamente a removo, e minhas calças, até que sou só eu e minha ereção na frente dela. Ela levanta a cabeça, olhando meu corpo com apreciação, a fome reaparecendo, e pronta para mais. Ela é insaciável.

— Vire-se — eu lhe digo, e ela imediatamente reage, ficando com suas mãos e joelhos no sofá, sua bunda bonita e redonda de frente para mim. Ela se move para dar espaço, e eu fico bem atrás dela, uma perna no assoalho, apoiando meu peso, o outro no sofá. Eu envolvo a mão ao redor da sua cintura e aprecio a visão, meus longos dedos bronzeados destacando-se contra o branco cremoso de sua pele.

Eu acaricio sua cintura, seu traseiro, a inclinação suave de suas coxas, tomando o meu tempo, construindo a expectativa para nós dois. Quando ela começa a mexer, com a paciência se esgotando, eu trago meus dedos para cima através da sua fenda escorregadia, pressionando levemente seu clitóris por um momento, em seguida, tiro a minha mão. Ela está querendo isso, as costas arqueadas, a bunda pressionada contra mim, implorando por isso, mas agora é o meu jogo que estamos jogando. No meu jogo, não é tudo sobre o gol. Uma analogia boba para um jogador de futebol, talvez, mas quando se é sobre o sexo é a verdade.

Eu pego sua umidade e a uso para lubrificar minha mão, enquanto me acaricio. Eu trago meu punho para cima e para baixo no meu pau, e fecho olhos, atijando cuidadosamente o fogo dentro de mim. Eu posso ouvi-la gemer, querendo ver, querendo ser envolvida. É toda parte da jornada.

Finalmente, quando eu estou ficando muito perto do orgasmo, para o meu próprio bem, começo a provocar a fenda de sua bunda com a ponta, e a leve pressão a faz gemer.

— Deus, Mateo, por favor.

Eu sorrio para mim mesmo. — Isso soa como inglês.

— Por favor — ela implora, seu sotaque perfeito.

Eu pressiono contra ela, sentindo-a se expandir para mim, mas eu não empurro ainda. Provocar é muito divertido.

— Por favor, Mateo — ela grita de frustração. — ‘Dios mio’.

Ela me chama de Deus.

— Si, Estrella, — eu digo a ela, e com um movimento rápido, eu empurro para dentro dela. Ela sente como calor e mel, e enquanto eu me afundo profundamente, sinto minha respiração e a batida do meu coração travar minha garganta. Ela me aperta, implorando por mais, quando eu empurro mais, mais rápido. Minhas bolas batem na sua bunda – em meu delírio parece como anjos – e a necessidade de gozar dentro dela, plantar minha semente profundamente, assume o controle.

Meu aperto em seus quadris aumenta, e eu seguro enquanto empurro novamente e novamente. Ela grita, varrida pelo mesmo frenesi. O sofá se choca violentamente contra a parede, e quando meus impulsos se tornam mais fortes, começa a se mover ao longo do chão, centímetro por centímetro. Eu nunca quis fodê-la tão forte, tão intensamente, do que nesse momento, como se os impulsos biológicos e desejos frívolos se tornassem uma força motriz da vida.

Eu me sinto como se eu estivesse cravando-a em algum lugar – talvez neste mundo, neste momento, e eu não quero nada mais do que estar tão profundo, que deixe uma lembrança permanente de mim mesmo. Ela é minha, toda minha; ela é minha agora e para sempre, essa linda mulher, macia, molhada, dos meus sonhos e meu coração, e eu vou fodê-la até que ela esteja gritando o meu nome.

Não demora muito. Ela solta este baixo e gutural gemido que constrói o auge, e quando ela me aperta, apertando meu pau com seus longos tremores, eu me libero. Eu gozo forte, e por um longo tempo meu rosto fica contorcido, meus gritos absurdos saindo da minha boca em curtos períodos de euforia dolorosa.

Quando finalmente estou seco, eu saio e caio no sofá ao lado dela, puxando-a contra meu peito. Nós dois estamos respirando com dificuldade, mas eu ainda beijo o topo do seu pescoço e a seguro perto de mim, para que os nossos suores se misturem, e nossos membros se envolvam em torno um do outro. Estou fora dela, mas nós ainda somos um.

O relógio na parede toca ao longe, e ficamos deitados aqui por vinte minutos, sem dizer nada, apenas respirando, apenas sendo. Eu não sei por que ela às vezes me excita a ponto de me tornar um troglodita, mas quando termina desse jeito, eu não vejo qualquer um de nós reclamando sobre isso.

Por fim, ela levanta a cabeça e olha para mim com seus olhos cor de avelã que estão exaustos e brilhantes. — Então — diz ela, colocando suas mãos em meu peito, — agora que fodemos até cair, você vai me contar sobre o seu dia? Ou você vai guardar essa informação como refém para mais encontros sexuais? Porque por mais que eu seja ansiosa quanto sou para qualquer coisa que envolva seu pau, minha Gina está um pouco dolorida com as pancadas.

— Gina⁵? — Eu pergunto confuso, mas sorrindo ao som da palavra em meus lábios.

Ela encolhe os ombros. — Boceta.

Eu balanço minha cabeça ligeiramente. — Não estou certo de que eu gosto de Gina. Soa como um personagem de desenho animado, um nome muito bobo para algo tão sério como a sua boceta.

Ela sorri para mim e seu rosto se ilumina como um diamante. — Eu tenho uma boceta séria?

— Bem, vamos apenas dizer que eu levo a sua boceta muito a sério — posso dizer. Eu corro o meu polegar sobre os seus lábios, e então falo: — Hoje foi muito bom. Pedro, o proprietário, e Antonio, querem que eu assuma a posição de Diego em janeiro. Eles querem que eu seja o treinador.

Seus olhos se expandiram em piscinas brilhantes. — Você está falando sério?

— Tão sério quanto sua boceta.

— Mateo — ela exclama, se levantando. — Eles querem você seja treinador? E aquele outro cara, o cara inglês?

— Warren? Eles não têm muita certeza sobre ele. Eles querem que um espanhol e um ex-jogador da equipe assuma o trabalho. Diego está saindo para treinar na Argentina no próximo ano, então, eu devo ser seu substituto. Vou ter todo esse tempo para aprender, e ver se eu posso fazer o trabalho.

⁵ Ela se refere a sua vagina.

— Claro que você pode fazer o trabalho — diz Vera, apesar da única vez que ela me viu jogar foi em *Las Palabras*, onde eu falhei miseravelmente graças ao meu joelho, e em alguns jogos antigos do Atlético que alguém colocou no YouTube. — Você pode fazer qualquer coisa.

Eu inclino minha cabeça, considerando isso. — Eu não sei — eu digo incerto. — Estou um pouco enferrujado. Eu nunca treinei. Eu não sei como liderar.

Ela me fica me olhando como se eu nunca pudesse decepcioná-la. Eu não tenho certeza se gosto disso. — Oh, Mateo. Você não tem ideia, não é?

— O quê?

— Você não sabe como liderar — ela repete, zombando. — Em *Las Palabras*, você sempre foi o líder. Todos gravitavam em torno de você, porque eles reconheciam isso. Você não se lembra da sua própria apresentação sobre como criar seu próprio destino? É isso que você faz, Mateo. Você cria. Você lidera. Todos os outros o seguem.

— Eu sigo você — eu digo a ela, beijando a ponta do seu nariz.

— Você segue a minha boceta — diz ela.

Eu coloco minhas mãos em cada lado do seu rosto e a seguro assim enquanto olho profundamente em seus olhos. — Eu sigo você em toda parte, em todos os lugares. Você é minha prioridade, Vera. Sempre será.

Como às vezes ela faz quando eu estou sendo especialmente honesto, ela desvia o olhar timidamente. É fofo, como se ela não acreditasse que eu possa me sentir da maneira que me sinto em relação a ela. Mas às vezes, na maioria das vezes, eu só quero que ela acredite, que ela entenda.

— De qualquer forma — ela fala, ignorando rapidamente o que eu disse, — você tem o que é preciso, Mateo. Acho que isso pode ser a melhor coisa que poderia acontecer com você. Você vai fazer parte do que você ama novamente, tanto quanto você pode ser, mas não é sobre o que eu penso.

— É sobre o que você pensa.

— É sobre o que *você* acha — diz ela. — Então, o que você vai dizer a eles?

Eu coloco minha cabeça para trás contra as almofadas do sofá e encaro o teto. — Eles estão me dando até sexta-feira para pensar sobre isso.

— Bom — diz ela. — Até então você vai saber o que você quer, se não antes. Mas a verdade, tudo o que eu realmente quero é ela.

De certa forma, a noite parece estar mais quente do que o dia. O ar é espesso e sufocante, como sopa em fogo brando, enquanto Vera e eu andamos de mãos dadas para porta da frente dos meus pais. Eles não têm ar-condicionado, e eu já estou me punindo por usar um terno, mas mesmo estando quarenta graus, é difícil não me vestir para os meus pais. Minha mãe tinha incutido em mim desde muito jovem, que eu deveria parecer sempre bem para ela, se não por meu pai, e é algo que agora eu faço para Carmen, minha madrasta.

Nós estamos nos degraus da frente e eu aperto a mão de Vera em apreciação. Temos jantado na casa deles habitualmente uma vez por mês, em qualquer dia que minha irmã Lucia possa encaixar na sua agenda social. Vera se dá muito bem com meus pais, especialmente agora que ela aprendeu um pouco de espanhol e pode conversar mais com o meu pai que não fala inglês. Inicialmente, ela tentou ensinar inglês a ele, mas meu pai tem a paciência de um gato, e isso nunca o ajudou em qualquer coisa.

Carmen abre a porta com um sorriso brilhante no seu rosto, o cheiro de anchovas e manjerição pairando sobre ela. Ela é um pouco mais nova que meu pai, mas não importa sua idade, ela parece jogar uma vitalidade no ar. Eu acho que ela mantém meu pai jovem. Ela definitivamente mantém o velho rabugento na ponta dos pés.

— Mateo — ela grita, e me puxa para um abraço apertado. Ela tem cheiro de sálvia e terra, e seus grandes brincos chocalham quando ela se afasta, me segurando no comprimento do braço enquanto ela me olha, como se eu fosse apenas um menino e não um homem. Não me incomodo.

Ela mede a Vera com seus olhos e a aceita como um bom copo de água. Ajuda que Vera está vestida com um vestido metálico furta-cor prata, do tipo que você veria na versão futurística da década de 1960.

— Vera — diz ela, — você está linda. Seu vestido, você está realmente se tornando muito elegante.

Vera acena a mão com o elogio, enquanto manchas cor de rosa aparecem em suas bochechas. — A culpa é da Espanha — diz ela com um sorriso. Mas é verdade, porém, fazer compras nos becos sinuosos de Madrid com a amiga Claudia tem se tornado uma de suas atividades favoritas, e cada dia o senso de estilo dela e bem-estar parecem florescer.

Estou ciente de que estou orgulhosamente sorrindo para Vera, enquanto Carmen belisca meu rosto rapidamente e diz em espanhol: — Você ainda está tão apaixonado quanto da primeira vez. Isso me faz feliz, Mateo.

Vera me lança um olhar curioso, mas eu apenas pressiono minha mão na parte inferior das suas costas e a guio para dentro da casa.

Há um ventilador em cada cômodo, os zumbidos constantes, competem com o canto sensual da Ella Fitzgerald no toca-discos. Meu pai está sentado na sala de estar com um copo de vinho ao lado de uma garrafa aberta, inclinando para trás na sua cadeira, de olhos fechados.

— Ignore-o — diz Carmen, gesticulando para que nos sentássemos enquanto ela coloca dois copos extras ao lado da garrafa. — Ele está fingindo estar dormindo. Ele está bravo comigo, porque eu não o deixei colocar anchovas extras no molho.

Com certeza, no momento em que ela se vira e volta para a cozinha, meu pai abre um olho em um gesto muito cômico.

— Não se preocupe, ela se foi — diz Vera em espanhol, enquanto eu sirvo um pouco de vinho para nós.

Meu pai sorri para ela em agradecimento, e meu peito aquece. Eu nunca tive dúvidas do nosso relacionamento, mas eu sei que a maioria das pessoas têm. É cansativo ter que explicar porque eu estou com ela, por que ela está comigo, porque eu deixei a minha esposa, como eu pude fazer tal coisa.

No entanto, os meus pais, nunca me julgaram. Eles entendem de alguma maneira que a vida nem sempre proporciona o pacote completo. Coloca pequenos bocados lá desarrumados, pedaços confusos, e quando você vê algo incrível, é melhor você soltar o que está fazendo e segurar com as duas mãos. Eles sabem porque eu segurei Vera quando me deparei com ela, e porque eu ainda não a deixei ir. Eles sabem que o verdadeiro amor só acontece uma vez, ou duas vezes, se você tiver muita sorte.

Meu pai era um dos mais afortunados. Ele perdeu o amor de sua vida, minha mãe – e apesar de ter demorado dez anos, ele finalmente encontrou Carmen. Ele nunca deixou de ter esperança ou fé que iria encontrar alguém para ele.

Lucia se junta a nós, vindo direto do seu novo emprego em uma das estações de televisão. Ela é alegre e tagarela, e bebe a maior parte do vinho, mas

não posso evitar de ficar introspectivo, perdido em pensamentos. Momentos como esse, com minha família, me fazem pensar que o caminho que Vera e eu escolhemos, é fácil. Me faz desejar o calor de uma casa, de um futuro, da minha própria carne e sangue.

Eu fico olhando através da mesa para Vera, enquanto ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, sua outra mão sob seu queixo, seu sorriso e olhos bondosos focados em Lucia, enquanto ela nos descreve seu dia com as mãos agitadas. Eu não estou ficando mais jovem, mas Vera também não. Eu não estou com ela apenas pelo momento, ela não é apenas uma fantasia passageira. Eu quero Vera ao meu lado para o resto da minha vida.

É assustador pensar. Não o compromisso. Você pensaria que depois de um casamento e um divórcio amargo, eu teria desistido de todo o conceito de casamento. Mas minha situação com Isabel não contaminou a instituição para mim. É algo em que ainda acredito. Em todo caso, acredito que posso conseguir a coisa certa.

Eu quero fazer tudo certo com Vera. É um luxo que eu raramente me deixo pensar, porque há tantas coisas desconhecidas, tantas variáveis. Isso é o que é tão assustador. O que Vera quer? Ela só tem vinte e quatro anos - ela não mencionou nenhuma vez casamento ou filhos, nem ao menos conversamos sobre um futuro distante. São provavelmente essas razões pelas quais ela se sinta às vezes, tão provisória.

Mas eu não quero mais isso. Eu a quero aqui, comigo, permanentemente. Eu não quero que haja qualquer medo se ela estará por perto, autorizada a permanecer no país ou não. Eu não quero dúvidas quando eu penso sobre o meu futuro. Eu quero saber que ela estará aqui comigo, com aquela mesma risada contagiosa que faz meu coração cantar, sua visão do mundo que desafia o meu, e me faz enfrentar a luz.

Ainda assim, apesar de todas as minhas necessidades, o que eu quero e as coisas que ousar sonhar, na verdade eu não quero assustá-la. Eu não quero pressioná-la para coisas que talvez ela ainda não esteja preparada. Às vezes, ela parece que está em um caminho diferente do meu. Eu quero ter certeza que isso seja algo que ela queira por conta própria.

Ela me pega observando-a, e uma onda de entendimento passa por seus olhos. Eu penso por um momento, que talvez, ela esteja querendo, mas então percebo que ela não lê mentes.

— Mateo, hoje tem algumas novidades interessantes — diz ela, como se eu estivesse a incitando.

Sinto todos me olhando. Eu levanto minhas sobrancelhas para Vera. É verdade que eu lhes falaria sobre a oferta do Atlético, mas agora parece sem importância, em comparação com os meus outros pensamentos. Mesmo que seja a chance para minha carreira, trabalhar por paixão, isso só solidifica o que eu quero.

Eu limpo minha garganta. — Bem, hoje tive uma reunião com o dono e o gerente geral do Atlético.

Todo mundo me dá atenção. Eu não tinha mencionado para eles, as vezes anteriores que eu tinha me encontrado com eles, no caso de não dar em nada, então, isso era um pouco inesperado. Isso explica as sobrancelhas bem cuidadas de Lúcia estarem acima de sua testa.

— Sobre o quê? — Carmen pergunta, seu tom de voz alto e hesitante.

Eu encolho os ombros casualmente. — Eles me perguntaram se eu gostaria de ser treinador a partir de janeiro, para substituir Diego. Ele vai para Argentina. Eu tenho até sexta-feira para decidir.

Eles ficaram atordoados. Mais atordoado do que quando contei a eles que eu estava pedindo o divórcio. Finalmente meu pai disse: — Os idiotas demoraram bastante tempo.

Eles estão animados, mais felizes por mim do que talvez eu esteja. Todos eles acham que eu poderia fazer a diferença, que eu vou fazer um trabalho excelente, que eu estava destinado para a posição. Eles não estão errados em nada disso.

Vera está olhando para mim, seus lábios vermelhos curvados para o lado, com os olhos brilhando. Ela se parece com uma menina e uma mulher, e eu não quero nada mais do que fazê-la orgulhosa. Eu quero abraçar esta mudança, mas só se ela estiver a cada passo do caminho.

Mais tarde, depois que todos nós comemos o pudim que a Carmen preparou de sobremesa, e estamos todos sentados com minúsculas taças do conhaque

favorito do meu pai, Lucia me puxa para o lado. Ela me leva para a varanda que tem vista para os jardins do quintal e do viveiro, e pega um cigarro.

— Eu pensei que você tinha parado, — eu observo, olhando com desprezo enquanto ela acende o cigarro. Ainda assim, eu não posso deixar de respirar aquele primeiro indício do papel de tabaco queimando antes que ele desapareça com o cheiro de calor saturado, e o aroma fresco dos irrigadores enquanto eles zumbem no meio da noite.

Ela revira os olhos de uma maneira que a faz parecer uma adolescente. — Comecei novamente após Alvarez me trair.

Ah sim, as coisas não terminaram tão bem com o último namorado dela. Não que eu fiquei surpreso, já que o homem era um notório jogador perto da minha idade, um daqueles milionários de uma empresa recém-criada. Lucia não parece se importar muito, talvez isso foi parte do problema.

— Quando é que você vai encontrar um bom homem, alguém com quem você se estabeleça?

Ela ri causticamente com isso e franze os lábios enquanto olha para mim com expectativa. — Quando é *que* você vai sossegar?

Eu estreito meus olhos. — Estou recém-divorciado, Lucia.

Ela inclina a cabeça para o lado, mas sua expressão não muda. — Nós todos sabemos disso. E a razão porque você está recém-divorciado, Mateo... eu vi a maneira como você olhou para ela esta noite. Toda vez que vejo você, é sempre o mesmo olhar.

Eu levanto minha mão para detê-la e olho para a folhagem escura do quintal e as luzes das casas mais próximas. — Não compare as coisas, porque eu já ouvi isso antes.

— Você está apaixonado por ela — diz ela.

Eu balancei minha cabeça. — Os seus poderes de dedução são impressionantes.

— Não, Mateo — diz ela, e sua voz está de repente séria. — Quero dizer, realmente apaixonado. Você vai pedir para ela casar com você, não é?

Suas palavras me chocam, e eu rapidamente olho para a casa para ter certeza de que ninguém está escutando. — Você precisa dizer isso tão alto? — Eu

pergunto, irritado, mais pelo fato de que ela me compreendeu do que pelo fato de que está sendo tão contundente sobre isso.

— Mas é verdade — diz ela entre baforadas. — Não é?

Eu suspiro e passo a mão no meu rosto. — Vera não está pronta para isso.

— Como você sabe, você já perguntou a ela?

— Ela é muito jovem.

— Ela tem mais ou menos minha idade, e ainda assim, você acabou de fazer a mesma pergunta para mim. Como que isso é aceitável para mim, mas não para ela?

— Porque, — eu digo lentamente, — Eu não quero criar esperanças.

Ela se inclina contra a grade, me observando por um momento muito longo. Eu posso sentir todas as conclusões que ela está tendo. — Mas suas esperanças são altas, não são? Olha, eu amo a Vera. Eu gostaria de conhecê-la melhor, que nós nos víssemos com mais frequência, mas meu querido irmão é tão egoísta com o tempo dela. Então, eu não a conheço como deveria. Mas eu não acho que ela vai fugir de você com medo, Mateo. Ela é uma estrangeira neste país, enfrentando um futuro incerto, mal fala a língua. Ela está fazendo tudo isso por você. Talvez você devesse ter mais fé.

Eu lhe dou uma olhada. — Então é por isso que você me trouxe aqui?

Ela encolhe um ombro e sopra uma nuvem de fumaça que paira no ar pesado. — Eu só estava curiosa. Achei, que se você fizer isso, talvez eu pudesse ajudá-lo a escolher o anel. Estar envolvida de alguma forma.

Bem, isso me pegou de surpresa. Lucia e eu somos próximos, mas por causa da nossa diferença de idade, nós nunca fomos *tão* próximos. — Entendo. Estou de volta no Atlético e agora você quer ser amiga de seu importante irmão mais velho.

Ela sorri para mim. — Então você está aceitando o trabalho?

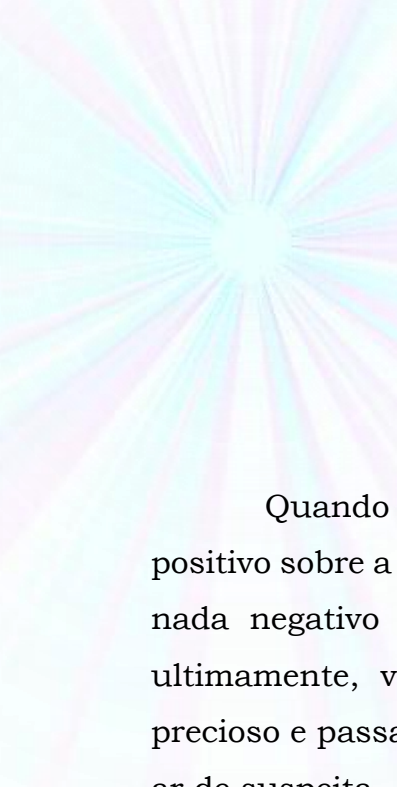
Eu expiro lentamente pelo nariz, mas a dúvida que eu senti mais cedo, a dúvida que retém minhas palavras, não está mais lá. — Eu não sei. Mas eu acho que sim. Vou lhes dizer na sexta, só para ter certeza.

— Por que você não aceitaria? — Ela pergunta.

— Eu não sei. Poderia mudar tudo, não poderia? Eu estaria de volta aos olhos do público novamente. Eles pareceram gostar muito de nos assediar enquanto não faço parte do time. Como eles vão agir quando eu for o treinador?

Ela morde o lábio e me dá um olhar simpático. — Você está certo — diz ela, batendo o cigarro para que as cinzas caíssem para o chão. Ela joga para fora da borda da varanda com o pé para evitar que Carmen tenha um ataque do coração. — Mas eu acho que é um pequeno preço a pagar para fazer aquilo que você ama, não é?

Só espero que o preço permaneça pequeno.



Capítulo Três

Quando a tarde de quinta-feira se aproximava, me sinto cem por cento mais positivo sobre a minha escolha de me juntar ao Atlético. Talvez nunca tenha havido nada negativo sobre a oportunidade para início de conversa, mas sinto que ultimamente, venho levando a vida com cautela. Quando você encontra algo precioso e passa por muita coisa para obtê-lo, é difícil não olhar as coisas com um ar de suspeita.

Estou no quarto, colocando uma camisa Prada de seda azul-claro, quando ouço Vera entrar no apartamento. Há o som da fechadura, o fechamento da porta, os sapatos sendo tirados, as chaves sendo colocadas na mesa. É uma série de sons que me faz sentir seguro.

No entanto hoje, enquanto estou me vestindo para jantar mais tarde com Bon, um bom amigo que eu não vejo a mais de um ano, há algo diferente sobre a entrada da Vera. Há um peso nos sons, e quando o seu sapato bate no chão, ele cai forte.

— Vera? — Eu pergunto, colocando minha camisa em minhas calças e saindo do quarto para o corredor. Eu paro entre a cozinha e sala de estar. Ela está sentada no braço do sofá, com a cabeça para baixo, com o cabelo loiro caindo em seu rosto, suas mãos em seu colo. Ela parece derrotada. Por um momento, eu me pergunto se é o calor que está arrastando-a para baixo. Mesmo com ar-condicionado, a casa está abafada.

Eu gentilmente coloco a mão em seu ombro. — Vera?

Ela olha lentamente para mim. Ela não esteve chorando – seus olhos estão secos – mas seu rosto parece muito pálido e todo batom em sua boca foi arrancado.

— O que há de errado? — Pergunto enquanto eu me agacho ao lado dela, com as mãos em seu braço e coxa.

Ela suspira e torce o nariz, ligeiramente envergonhada. — Eu acho que serei demitida.

— O quê? — Eu pergunto, obviamente, chocado. — Por quê? Como? O que aconteceu?

— Eu não sei — diz ela, cansada. — Minha chefe, Patrice, me pegou hoje e me disse que o meu visto de trabalho para eles termina em setembro. Ela disse que no momento, não tem certeza se eles irão pedir outro. Existe uma outra pessoa que começou na semana passada, Amy, ela é da Irlanda e fala espanhol fluentemente. Ela só trabalha uma vez na semana, mas eu acho que eles estão preparando-a para ocupar o meu lugar.

— Isso é ridículo — eu digo, uma trilha de raiva quente fazendo seu caminho até a minha garganta e nublando minhas palavras. — Por que fariam isso? Você é perfeita para a empresa. Você faz as pessoas se sentirem bem-vindas. Eu vi você lá, eu sei disso. Seu espanhol está indo bem também, eles devem ver suas melhorias em comparação quando você começou...

Ela encolhe os ombros como se tivesse perdido todas as esperanças. — Acho que não. Patrice disse algo sobre o tempo que leva para o visto ser liberado – lembre-se que levou algo como um mês ou dois na última vez – e que eles preferem contratar pessoas da Europa. Menos burocracia.

Estou fora de mim. Eu me endireito e cruzo meus braços, olhando ao redor da sala como se fosse me dar respostas. — Bem, eles não podem deixá-la esperando assim. Você foi oficialmente demitida?

— Não, — ela diz. — Patrice disse que me avisaria em algumas semanas. Eu acho que eles vão pensar um pouco mais. Eu sabia que deveria ter suspeitado desde o início, quando a permissão foi apenas por seis meses. Eu não sei se eles alguma vez me quiseram além do que um período experimental...

— Mas, Vera, você esteve com eles por quase um ano, é só que por um tempo foi por baixo dos panos. Eles não podem se dar ao luxo, o que você diria... eles estão brincando?

— Isso ou foder comigo.

— Eles não podem foder com você ou qualquer coisa assim. — Eu lhe digo, e começo a caminhar em direção à porta.

— Onde você está indo? — Ela grita, ficando de pé rapidamente. Eu pego meu telefone da tigela sobre o balcão, e o olho rapidamente antes de colocá-lo no bolso. — Eu estou indo falar com Patrice.

— Não, Mateo — diz ela, os pés descalços batendo até chegar a mim. Ela agarra meu braço e me encara com olhos suplicantes. — Por favor, não. Isso não é problema seu.

Eu abro os meus olhos, incrédulo. — Não é problema meu? Sim, é, Vera. Você é minha namorada, minha amiga, meu tudo. Mas você estar aqui, agora está dependendo deles. Eu não vou deixar que eles te tirem de mim.

Ela consegue me dar um sorriso simpático. — Eu sei. Mas tem outro jeito. Eu vou arranjar outro emprego.

— Quando é que a autorização termina oficialmente?

— 05 de setembro.

— Você vai conseguir outro emprego em duas semanas? Eu nem ao menos sei se funciona dessa maneira. Você não pode simplesmente transferir a autorização de uma empresa para outra.

Ela joga as mãos para cima. — Então trabalharei embaixo dos panos para alguém até que eles me deem uma nova.

Eu não posso fazer nada a não ser balançar a cabeça. Tenho um sentimento ruim em meu estômago, como se alguém tivesse colocado pedras lá. — É arriscado. Se você for pega, você vai ser deportada.

— Então eu não serei pega.

Eu segurei a mão dela. — Você sabe que eu ficaria mais do que feliz em cuidar de você. — Eu disse isso a ela muitas vezes, quanto a ela não precisar trabalhar, que ela pode fazer qualquer coisa que quiser, e eu vou cuidar de tudo. Só parece aumentar sua ira.

— Mas, eu ainda estaria aqui ilegalmente se você fizesse — diz ela. — Pelo menos assim eu tenho uma chance. De qualquer forma, talvez eles não vão me demitir. Eu só vou trabalhar mais para eles. Eu vou provar que sou melhor.

Admiro sua tenacidade e só posso esperar que seja tão fácil. Ainda assim, eu quero falar com Patrice. Mas talvez agora, quando estou esquentado e propenso a dizer coisas que eu vou me arrepender, não seja o melhor momento. *Las Palabras* pode ter nos unido, mas de jeito nenhum vou deixar que sejam eles a nos separar.

— Você quer que eu fique em casa hoje à noite? — Eu pergunto a ela. — Nós poderíamos beber um pouco de vinho, sair para um filme?

Ela esfrega os lábios e rapidamente nega com a cabeça. — Não. Você não vê esse sujeito Bon há séculos. Eu vou ligar para Claudia e nós vamos sair para algum lugar. Que tipo de nome é Bon, afinal?

— É diminutivo de Bonaventure, — eu digo. — Sua mãe era francesa. E muito estranha. Costumava usar amido de milho azul no seu rosto, de acordo com Bon. — Eu cresci com Bon morando no fim da minha rua em Madri, embora ultimamente ele só volte de vez em quando. No resto do tempo ele é um fotógrafo freelance, geralmente para organizações sem fins lucrativos que o deixam vagabundear em florestas tropicais ou em aldeias remotas.

— Eu realmente não quero deixá-la assim. — Eu lhe digo, puxando-a em meu peito e envolvendo meus braços ao redor dela. — Eu odeio ter um problema que não consigo resolver imediatamente.

— Eu sei — ela murmura em mim. — Talvez quando segunda-feira chegar, tudo ficará bem. Quero dizer, quem sabe, você estará começando o seu novo trabalho.

Talvez. Eu não tinha certeza de quando eu realmente começaria. Mas não parecia justo que o universo tivesse um jeito de lhe dar uma coisa, tirando outra. Eu sabia que era a lei do equilíbrio e balanço, mas eu não achava que estava pedindo demais, nós dois termos empregos em que fôssemos felizes.

Ou talvez fosse.

Eu me encontro com Bon em um bar de tapas na Plaza Mayor. As ruas de paralelepípedos estão cheias de turistas e estudantes bêbados da universidade, começando seu fim de semana. Eu faço meu caminho através deles, incapaz de compartilhar seu entusiasmo. A notícia de Vera colocou um amortecedor em tudo e meu cérebro se apegou a essa preocupação, permitindo que ela crescesse sem parar.

Eu o encontro na parte de trás, em uma cabine no canto escuro, comendo uma tigela de amêndoas. Bon agora, está provavelmente em torno dos quarenta, um homem baixo em relação a mim, mas ele tem sua maneira de fazer parecer mais alto. Sua mãe tinha incutido nele uma postura correta, quando ele era um garotinho, e agora, combinado com o fato de que ele só usava preto, fazia toda a diferença.

— Bon — eu digo de coração, sentindo uma camada de ansiedade se dissipar com seu rosto familiar. Seu cabelo escuro está um pouco mais curto em cima, mas fora isso, ele parece o mesmo.

Ele sai da cabine e aperta minha mão enquanto eu bato carinhosamente em suas costas.

— Mateo — ele me cumprimenta, — Você não mudou nem um pouco. — Ele faz uma pausa, os olhos brilhando. — Ou talvez você tenha. Você de alguma forma parece mais leve.

Eu bato no meu estômago mesmo sabendo que meu abdômen nunca mudou. — Comendo melhor, eu acho.

O brilho aumenta e ele sorri. — Eu aposto que você tem. Venha se sentar.

Ele rapidamente acena para a garçonete e pede duas cervejas. Bon sempre foi um falador, e eu não o paro quando ele começa a falar sobre todas as coisas interessantes que ele esteve fazendo ao longo do último ano e meio.

Finalmente, depois de três cervejas, a conversa fica lenta e ele me olha impetuosamente. — Chega de falar sobre mim — Ele diz. — Como está a Chloe Ann?

Seu nome sempre me faz sorrir. — Ela está indo bem. Ela começará a ir para a escola em setembro. Ela está muito animada com isso.

— E Isabel?

Meu rosto cai. — Certamente você sabe que nós estamos divorciados.

Ele balança a cabeça e se inclina para trás em sua cadeira. — Eu sei. Mas eu gostaria de ouvir isso de você. Nós não conversamos tanto, Mateo, então eu só sei o que eu ouvi de outras pessoas. Ou o que eu li nos jornais online.

— Entendo. — Eu fico olhando para Bon, imaginando o que ele vai dizer, se ele vai entender. Não tenho certeza se o que ele tem visto e ouvido é diferente da verdade. Eu limpo minha garganta. — Bem, Isabel e eu nos divorciamos agora. Eu conheci outra mulher.

— Uma mulher mais jovem. Uma canadense.

— Sim — eu digo a ele. — Ela é ambas as coisas e mais do que essas coisas. Seu nome é Vera...

— Ela tem um inferno de um monte de tatuagens — ele aponta, como se a conhecesse. Isso me incomoda.

— Ela tem — eu admito. — Acontece que eu as amo.

Bon ri sem alegria. — Você, Mateo Casalles, com todo seu estilo e elegância, ama uma mulher coberta de tatuagens. Eu teria pensado que era vulgar para você.

— Eu teria pensado que este bar era vulgar, porém aqui estou eu com você, Bon.

Ele abaixa a cabeça. — Você está tentando me insultar?

— Você está tentando me insultar?

Ele bebe sua cerveja. — Ora, ora, é apenas uma observação, nada mais. Estou curioso. Quem não está? Todos nós queremos saber sobre a mulher que fez o grande Mateo viver uma vida de escândalo e desistir de sua linda e elegante esposa.

Há algo em suas palavras. Bon nunca foi um fã de Isabel, por isso estou certo a notícia o agradara. Ele se inclina para frente, girando a cerveja em suas mãos. — É verdade que ela tem apenas vinte e três?

Eu estremeço, odiando essa fofoca, odiando que as pessoas saibam coisas sobre ela a partir de outras fontes. — Ela tem vinte e quatro agora.

— E você está com quase quarenta, certo? Grande diferença de idade.

— Você está com ciúmes?

Ele dá de ombros. — Pode ser. Eu não sou um fã de mulheres tatuadas, embora eu tive a minha quota em diferentes partes do mundo. Me diga, Mateo, você está feliz?

— Eu nunca estive mais feliz.

Ele me avalia cuidadosamente antes de tomar outro gole. Eu estou começando a ficar com um pouco de dor de cabeça. — Você parece feliz. Eu devo dizer que quando ouvi sobre isso pela primeira vez, eu não achei que fosse verdade. Eu ia te ligar, mas decidi que provavelmente era algo que eu não deveria me preocupar. Se você quer passar por uma crise de meia-idade precoce, não é meu problema. Acontece com todo homem...

— Não é uma crise — eu coloco para fora através dos meus dentes.

— Eu posso ver isso — diz ele, — e é isso que me surpreendeu. Você ainda está com ela, certo?

Eu só posso assentir. Meu coração começando a disparar.

— Devo dizer que estou surpreso. Normalmente, tal aventura não dura.

— Nunca foi uma aventura.

Sua boca se levanta. — Ah, claro. Você encontra uma boceta nova, durante seu trabalho, vai para a cama com ela, sua esposa descobre e pede para se divorciar, mas nunca foi uma aventura.

Leva tudo o que tenho para me impedir de bater os punhos sobre a mesa. — Não é assim que aconteceu.

— Não? — Ele pergunta. — Então me conta.

Ele está sendo um idiota e eu não consigo descobrir por quê. Ele sempre gostou de me tirar do sério, e me irritar, mas desta vez parece ser mais pessoal. Talvez porque pela primeira vez, é pessoal.

— Eu conheci Vera, enquanto eu estava no programa de intercâmbio de idiomas. Eu me apaixonei por ela. Nada aconteceu... — E isso não é verdade, algo aconteceu. Eu dormi com ela. Eu cometi adultério, algo que eu jurei que nunca faria. Mas eu me sinto muito envergonhado de admitir isso para ele, não quando eu sinto que ele vai usá-lo contra mim. — Mas eu percebi que o que eu tinha com Isabel não era certo, não era o que nós queríamos, e que o casamento estava acabado. Quando Vera voltou para Vancouver, eu terminei tudo.

— Mas Vera deve ter voltado antes de seu divórcio estar finalizado

Eu assenti. — Sim. Talvez eu estivesse um pouco impaciente. Mas eu não conseguia aguentar tê-la tão longe de mim.

— Eu não culpo você — diz ele. — Eu vi as fotos. Mesmo aquelas de topless. Eu não poderia deixar aqueles peitos.

Meus olhos se estreitam em fendas quentes. — Se você disser mais uma coisa, não ache que não vou chegar a esse lado da mesa e estrangulá-lo.

— Aí está o velho amigo — diz ele com uma risada. — Cabeça quente Mateo. Eu estava me perguntando quando ele apareceria.

— É melhor você tomar cuidado — Eu o adverti sem achar graça. Eu aponto meu dedo para ele. — Eu levo Vera muito a sério. Pode ser da minha futura esposa que você está falando.

Seus olhos se arregalam em surpresa e, em seguida, se aproximaram de algo parecido com piedade. — Oh céus. Você não pode estar falando sério.

Eu queria nunca ter dito nada. Era algo que tinha estado apenas na minha cabeça, agora estava na de Lucia, e agora na de Bon.

— Mateo, Mateo, Mateo, — Bon diz com um suspiro. — Pare de tentar se agarrar à sua juventude, meu velho. Este tipo de mulher é bom para alguns rolos na cama. Talvez muitos. Ela parece que te foderia em mais uma década. Fez maravilhas para você, você está ótimo. Mas isso é tudo que ela é. Isso é tudo que são esses tipos de garotas. Agora, o que você deveria ter feito, era ter o seu divertimento com ela, e nunca contar à Isabel. Agora você tem um divórcio para nada. Você realmente pensa que pode casar com esta Vera? Você não pode. Pare de enganar a si mesmo. A maneira como vocês se conheceram, você sabe que esse tipo de coisa não pode durar. Você deve parar de mentir para si mesmo, e deixá-lo ser o que é.

Eu nem sei como responder. Tudo o que sei é que ele está errado. Eu sei que ele está errado. Então, por que sinto aquele fio de dúvida profundo dentro de mim?

Ele continua, agora aparentemente cansado. — Eu conheço você, Mateo. Você sempre quer fazer a coisa certa. Tão nobre que às vezes é chato. Veja, por isso que este seu pequeno episódio me interessou. Não parece você, não a pessoa que eu conheço. Mas agora, você sente que porque jogou fora um casamento perfeitamente aceitável, você precisa segurar esta garota, fazê-la, moldá-la, em algo que ela não é. Você precisa aprender a deixar ir. Você não pode se casar com uma garota canadense tatuada de vinte e quatro anos. Não vai dar certo, e você vai estar preso em um mundo de tristeza ainda pior do que o primeiro. — Ele bate sua mão sobre a mesa. — Você precisa começar a pensar menos com seu pau e mais com a sua mente. Deixe-a ir, e encontre alguém da sua idade, da sua classe.

Ele se levanta e diz que vai ao banheiro antes que eu possa dizer qualquer coisa. Bon outrora fora meu amigo, mas agora eu não tenho certeza se isso é verdade. Isso parece mais do que apenas preocupação. Será que ele foi falar com Isabel? Ela está com ciúmes ou apenas desaprova?

Eu não sei. Mas o que eu sei é que não preciso ouvir isso.

Eu vou até a garçonete e lhe entrego cem euros para cobrir a conta. Então eu deixo o bar – e Bon – para trás.

Quando eu chego ao apartamento, Vera ainda não voltou. A longa caminhada não fez nada para acalmar meus nervos, na verdade, o calor parece só

ter piorado – então eu encho um copo grande de uísque que eu guardo para raras ocasiões e me sento na varanda. Tem uma ligeira brisa aqui, e a agitação da rua abaixo me distrai.

Bon está errado. E pronto. Embora tenha alguma verdade. É verdade que eu sempre tentei fazer a coisa certa – é provavelmente por isso que eu fiquei com Isabel por tanto tempo – e que eu me importo muito com a reputação, seja da minha família ou a minha própria.

Mas as coisas mudam. Às vezes, tudo o que é preciso para uma pessoa se perder é encontrar outra. Talvez não seja uma coisa tão boa, ser sempre nobre, ter a aparência como primeira preocupação. Talvez fosse o que eu precisava, encontrar Vera, para deixar ir a pessoa que eu tinha tentado tanto ser, e finalmente apenas ser eu mesmo.

Eu só queria que não fosse tão difícil.

Eu me sento lá por um longo tempo, ouvindo as pessoas conversando na rua, o barulho dos carros quando eles passavam rápido. Quando o scotch começa a me puxar para o sono, eu me levanto e volto para dentro, e é quando eu vejo Vera tropeçar pela porta da frente.

Ela está bêbada, seus seios quase saindo de seu vestido curto, o cabelo meio para cima e meio para baixo, selvagem em torno do seu rosto.

— Se divertiu? — Pergunto quando ela se inclina a esmo contra o balcão e tenta tirar suas sandálias sem jeito. — Espere — eu digo a ela suavemente, e me agacho ao seu lado. Ela se apoia em mim, enquanto eu tiro seus sapatos e coloco ao lado dos meus na sapateira embaixo do cabide para casacos.

— Obrigada, baby — ela solta, e eu sinto o peso dela nas minhas costas. Eu coloco minhas mãos ao redor da sua pequena cintura e seguro firme enquanto a endireito. Sua maquiagem está borrada e ela está me dando um sorriso torto.

— Sem problema — eu digo a ela, olhando-a de perto. — Onde vocês foram?

Ela encolhe os ombros. — Eu realmente não me lembro. Nós nos encontramos com Ricardo em algum bar. Ele estava lá com um grupo de amigos.

Um nó de desconforto surge no meu estômago. Eu gosto muito de Ricardo, o namorado da Claudia, mas nas duas vezes que eu encontrei os seus amigos, eles não conseguiram me impressionar. Eles eram jovens e impetuosos, sem escrúpulos, como um grupo de espanhóis modernos tentando ressuscitar Sid

Vicious. Eu não gosto quando Vera sai com eles, mas de novo, não é como se eu fosse. Ir de bar em bar e festejar em clubes não era mais a minha praia, mas eles eram com certeza de Vera.

— Eu vejo — eu digo. — Parece que você se divertiu.

Ela encolhe os ombros. — Muita bebida e dança. O de sempre. — Ela tenta tirar seu vestido, e eu a ajudo abrindo o zíper. Ela está completamente nua por baixo, e pela primeira vez eu não tenho interesse em fodê-la. Em vez disso, minha ansiedade aumenta, e fico olhando para seu corpo me perguntando por que alguém como eu a merece, se eu nem ao menos tenho o desejo de sair com ela e seus amigos.

— Você vai me levar para a cama? — Pergunta ela, piscando os olhos e mordendo o lábio.

Naturalmente, eu vou levá-la, mas não da maneira que ela pensa, e não quando ela está tão bêbada. Eu aprendi minha lição algumas vezes antes.

De fato, no momento em que ela se enfia no lençol e deita a cabeça no travesseiro, fecha seus olhos e desmaia. Ronco leve se segue.

Eu suspiro e a cubro com um lençol, em seguida, encho um copo de água para ela, e busco dois ibuprofenos. Ela nunca fica bem no período da manhã após uma noite de bebedeira, e já que ela ainda tem trabalho em *Las Palabras* na parte da manhã, ela precisa estar no seu melhor.

Eu tiro toda roupa e também vou para a cama. Ela não é a única com um grande dia pela frente. Amanhã, tudo muda.

No entanto, parece que tudo já mudou.



Capítulo Quatro

Sexta-feira e o fim de semana passaram quase como de costume. Teve, naturalmente, o evento de eu telefonar para o Pedro e informá-lo que eu ficaria encantado em aceitar o cargo. Eu comemorei colocando um pouco de conhaque no meu café. Vera estava no trabalho, terrivelmente de ressaca, caso contrário, ela teria participado do momento.

Sábado nós apanhamos Chloe Ann e a levamos para um concerto infantil ao ar livre. Ela estava um pouco mais mal-humorada do que o normal, talvez porque o calor não diminuía, mas no final ela parecia se divertir-se. Algodão doce resolve todos os problemas da vida quando você é uma criança.

Domingo foi um dia de relaxar, ler o jornal e beber *caipiroska*. Foi fácil nos enganar pensando que estava tudo bem.

Mas hoje, eu sei que as coisas não estão bem. Eu sinto isso quando eu acordo, aquela sensação corrosiva de que algo está me comendo vivo. Eu deveria estar feliz, nas nuvens – eu vou me vestir e ir para o escritório no estádio, para começar o meu primeiro dia oficial, em um emprego que eu tinha sonhado, estar de volta na equipe.

E ainda assim meu estômago está uma bola de nervos.

Até Vera percebe isso quando estamos tomando banho juntos; suas sobrelanceiras estão juntas em uma mistura de desconforto e preocupação.

— Você está bem? — Ela pergunta. — Você parece distante.

— Como eu estivesse em outra galáxia? — Eu respondo, a virando para esfregar sabonete em suas costas.

Ela levanta os cabelos de seus ombros para me dar acesso. — Algo assim.

— Eu acho que eu estou nervoso com o meu primeiro dia — eu digo a ela.

Ela balança a cabeça. — Estou nervosa este será o meu último.

Faço uma pausa, e ela me lança um olhar de desculpas por cima do ombro. — Eu sinto muito, eu sei que não é sobre mim.

— Talvez seja sempre sobre você — eu sussurro. — Eu não posso dizer que não tenho medo por nós.

O rosto dela entristece. — Não se preocupe — diz ela, e eu quase acredito que ela não se preocupa. — Eu trabalhei bastante na sexta. Eles não vão me deixar ir. Eu não vou deixá-los.

Eu me inclino para baixo e beijo seus ombros, provando a sabonete e o frescor da sua pele. — Você pode fazer qualquer coisa que tenha em mente. Mas isso não significa que eu não vou me preocupar.

Ela se vira, os olhos determinados. — Você sabe que nós ficaremos bem, não é? Isso tudo vai dar certo. É só um obstáculo, só isso.

Eu tento lhe dar um sorriso, mas ele não consegue se formar em meus lábios. — Eu só estou cansado do universo me dando algo e tirando outra coisa.

— Bem, o universo pode se explodir para tudo que me importa — diz ela. — Você merece este trabalho. Eu mereço o meu. Não tem razão pela qual não possamos ter ambos.

Ela está certa. Não há motivo. Mas talvez eu ainda esteja com medo que esteja sendo demasiadamente fácil, que ainda haverá punição para nossas ações. Bon me lembrou de que apesar da tinta sobre os papéis do divórcio estar seca, as feridas ainda estão frescas para todos os envolvidos.

Eu ainda tinha esse pensamento em minha mente, enquanto dirigia para o trabalho, para o Estádio à beira do rio. Faz anos que não volto aqui, nem mesmo para assistir a um jogo. É estranho, mas certo ao mesmo tempo.

Como são a maioria dos primeiros dias, este é fácil. Eu nem sequer conheço o time, apenas o pessoal administrativo, além de Diego e Warren. Mesmo que eu esperasse desprezo de Warren por assumir o que deveria ser o seu trabalho, ele é bastante amigável, e Diego é tão cordial como na primeira vez que eu o conheci, porém um pouco, na defensiva sobre o time. Eu não o culpo. Mesmo que seus olhos e coração estejam voltados para a Argentina, ele é o cara que ajudou a trazer este time de volta. É pessoal para ele, então, eu considero seus pontos de vista com respeito.

No final do dia, após me mostrar uma pequena mesa na mesma sala que Warren, onde vou trabalhar temporariamente, Pedro me chama em seu escritório. Ele está sentado atrás de uma mesa de vidro, com uma caixa de madeira

com charutos nas mãos. Suas paredes são brancas e cobertas com ricas fotografias em preto e branco do time; as janelas são grandes e largas e com vista para o gramado e as filas de cadeiras do estádio.

— Sente-se — ele ordena, e eu faço isso em uma cadeira de plástico que é tão moderna quanto desconfortável. Ele abre a caixa de charuto, coloca um em sua boca, e então a inclina me oferecendo.

Eu levanto minha mão, negando. Eu faço questão de não fumar charutos com pessoas que eu não conheço bem – eu odeio a ideia de estar preso com alguém enquanto espera o papel queimar.

— Como queira — ele murmura com o canto de sua boca, então acende um. Ele sopra por uns momentos, suas sobrancelhas cinzas franzidas em concentração, até que ele consegue queimar do jeito certo. — Como foi seu primeiro dia? — Ele pergunta, quando finalmente ficou satisfeito.

— Muito bom — eu disse. — Diego foi muito acolhedor, e Warren parece ser fácil de se dar bem.

— Ele é, ele é — ele diz assentindo. — É uma pena que ele não seja espanhol. Embora, o que é muito ruim para ele, é ótimo para você.

Eu sorrio calmamente para ele, sentindo como se houvesse um tom mais sério nessa conversa, além de verificar como estou.

Ele continua: — Isto, é claro, será um começo lento para você. Mas acho que é para o melhor. Será bom para você apenas observar pelos próximos meses. Eu acredito que você possa aprender muito mais vendo e ouvindo do que fazendo.

— Concordo.

— Bom — diz ele, se inclinando para a frente. — Mas apesar de estarmos facilitando as coisas para você, no momento em que você assinou os contratos nesta manhã, foi o momento em que você se tornou parte do time, parte desta administração, este símbolo internacional da Espanha.

Eu concordo. Huhu.

— E como parte desta equipe, você tem uma reputação a zelar. Bem, sua vida pessoal não é da minha conta. Na verdade, se não fosse por seu rosto ter aparecido nos tabloides no final do ano passado, poderíamos ter esquecido completamente de você. Embora eu tenha certeza que não foi intencional, ajudou.

Mas agora que você está aqui, eu acho que precisa dar um ar de... respeito e classe, quando se trata de representar o Atlético. Você concorda?

Eu acho que sim. Eu mal consigo falar, com o sangue subindo na minha cabeça. Estou preparado para algo horrível e eu não sei o que é.

— Como eu disse, — continua ele, — sua vida pessoal não é da minha conta. Mas se você pudesse, eu preferiria que não aparecesse mais nos jornais.

Eu franzir a testa. — Não apareço.

Ele me dá um sorriso afiado. — Oh, mas apareceu. Você não os lê, Mateo? Talvez você devesse.

Pedro abre sua gaveta e retira um exemplar da *Diez Minutos*, minha revista mais odiada. Barata, de mau gosto, e brega, foi a primeira a publicar mentiras sobre mim e Vera, e imediatamente eu lembro do fotógrafo que vi tirando minha foto do lado de fora do Fioris há uma semana. Mas como uma foto minha, saindo de um restaurante sozinho, poderia despertar qualquer tipo de preocupação do Pedro?

Ele me mostra. Vira algumas páginas, e lá vejo uma fotografia desfocada da Vera. Ela está vestindo a mesma roupa sexy que estava usando na noite de quinta. Ela está dançando perto de um homem que não sou eu, e rindo.

Eu acho que vou passar mal. Eu faço o que posso para manter meu rosto tão neutro quanto possível, e olho para ele quando digo: — Então, essa é a Vera. Qual é o problema?

Mas eu sei qual é o problema, porque é um problema para mim também. Eu não quero analisar a foto mais de perto, não com ele me olhando, esperando por uma reação que me recuso a lhe dar.

— Você leu a manchete? — Ele pergunta, apontando o dedo nela. Eu não tinha. Olho agora para ela, rapidamente.

Mateo Casalles tem nova concorrência.

Eu engulo e olho para Pedro. — Tudo mentira — eu digo.

— Se você lesse — disse Pedro, — continua dizendo, que sua namorada foi vista festejando em um lugar do momento na noite da quinta passada, e ficando íntima de um homem jovem. E então, continua dizendo que há rumores de que você vai se juntar ao Atlético em uma posição gerencial. Como algo pode ser verdadeiro e o outro não?

Eu mexo meu maxilar de um lado para outro por um segundo, tentando aliviar o constrangimento e a raiva que ameaça me trair. — Você não se lembra do fotógrafo esperando do lado de fora do restaurante depois de nosso último encontro? Seria fácil para ele deduzir que estou envolvido novamente com o Atlético.

— Paparazzi estúpidos — ele murmura, embora eu esteja tentado a apontar que foi ele que acenou para a câmera.

— Sim — eu digo, fazendo um movimento para me levantar e sair, — eles são estúpidos. Eles fizeram suposições sobre mim que vieram a ser uma meia-verdade – ser treinador não é uma posição exatamente gerencial. Eles fizeram suposições sobre Vera, que este garoto que ela está dançando é alguém mais do que um amigo. Todo o seu negócio é baseado em vender suposições. Todo mundo sabe disso.

— Não parece bom, Mateo, — Pedro diz enquanto eu me levanto. — Isto era normal quando você era mais jovem, e é normal para os jogadores, especialmente alguns em particular, mas eu não quero ver isso do meu treinador. Você precisa controlar sua namorada se ela não consegue se comportar.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Perdão? — Minha voz é dura e fria.

Pedro parece estar arrependido. — Desculpa. Eu não quis insultá-la, nem você, mas só quero que você esteja ciente da sua imagem de agora em diante. Você não trabalha mais para você mesmo. O restaurante já não existe mais. Você trabalha para mim, para o Atlético, para Madrid. Você tem um rosto para mostrar ao público. Preserve-o.

Eu só pude assentir em resposta, antes de me virar e sair da sala. De alguma forma mantenho a calma até eu não poder aguentar mais. Eu encosto ao lado de uma banca de revista e rapidamente pego um exemplar. Eu li quando estou na garagem do meu apartamento.

De perto, as fotografias são piores. Há duas delas. Em ambas eles estão dançando; em uma Vera está sorrindo e o garoto está próximo. Na outra, ele tem a mão em sua cintura. A partir dos detalhes distorcidos eu consigo ver que ele é um dos amigos de Ricardo – cabelo espetado, couro, brincos e tatuagens. Ele se parece com alguém que Vera poderia estar. Ele se parece com o oposto de mim.

Eu luto contra a vontade de rasgar a revista pela metade, de bater minha cabeça contra o volante, achar a Claudia e depois encontrar o Ricardo, e socar seu rosto apenas por associação. Eu foco em suas mãos, a forma como ele está possessivamente segurando-a, e acho que posso perder minha cabeça.

Ela é minha, não dele. Por que ela deixou isso acontecer?

Eu engulo em seco e tento respirar através de minha raiva. É uma batalha difícil. Digo a mim mesmo que as fotos não significam nada. Isso não significa que Vera está tendo um caso. Não significa que ela está dormindo com esse cara, que ela está apaixonada por ele. Isso não significa que eles são um casal melhor. Até onde eu sei, ele pode ter a feito rir, posto suas mãos em cima dela, e no momento seguinte, recebeu uma bebida no rosto. Vera também é briguenta. As fotos não contam toda a história.

Há apenas uma maneira de descobrir. Tenho que confrontá-la, imediatamente, antes que eu faça isso maior do que realmente é. Minha mente está sempre ansiosa para piorar as coisas. Enfio a revista no bolso da jaqueta e pego o elevador incrivelmente lento até o nosso andar. São quatro horas da tarde, e ela deve estar em casa.

Na porta, eu paro, tentando repassar como vou falar com ela. Vera pode ser muito defensiva sobre as coisas, se ela é culpada delas ou não, e a última coisa que eu preciso é uma briga, porque ela fica irritada que eu estou irritado. Engraçado como geralmente funciona dessa maneira.

Eu respiro, e abro a porta. Ela está na varanda, mexendo um grande café gelado da Starbucks, lendo na sombra um livro de capa dura. Por um momento eu penso que eu deveria deixá-la sozinha em paz, mas então eu sei que eu não vou obter qualquer paz dessa maneira.

— Ei, bonitão — diz ela, puxando os enormes óculos de sol de seus olhos e olhando para mim enquanto eu fico na porta. — Como foi seu primeiro dia?

Quando eu não chego para mais perto, seus olhos se aproximam da revista saindo da minha jaqueta. Consigo perceber que ela não viu isto antes. Ela parece curiosa, mas não envergonhada.

— Foi tudo bem digo — e eu tento sorrir, mas pelo franzir de suas sobrancelhas, posso dizer que soa falso.

— Você está fazendo alguma leitura leve? — Ela pergunta, olhando de novo para a revista.

— Conte-me novamente sobre a noite de quinta-feira.

Ela empurra os óculos para o topo de sua cabeça. Há uma série de novas sardas sobre seu nariz. Ela deve ter pego um pouco de sol durante a sua hora de almoço. É bonitinho, mas neste momento, eu coloco meus sentimentos de lado.

— Quinta à noite?

— Sim, Vera. Você saiu com Claudia. Você voltou bêbada. Onde você foi? Quem estava lá? O que você fez?

Ela pisca e, depois, esfrega sua testa. — Eu te disse. Eu não sei, foi o de costume. Nós fomos para um lugar perto da universidade, eu não me lembro do nome. Alguma coisa espanhola, obviamente. Nós bebemos e dançamos e viramos algumas doses.

— Quem estava lá?

Ela franze a testa. — Claudia. Ricardo. Amigos dele.

— Os amigos dele são seus amigos?

— Claro, por que não?

— Algum deles se destaca em particular para você?

— Mateo... do que você está falando? O que está acontecendo?

Eu dou de ombros. — Eu não sei, Vera. Embora, eu gostaria de algumas respostas. — Eu pego a revista, e a jogo sobre a mesa. — Vire algumas páginas, e me dê respostas.

Ela olha para mim por alguns instantes, e agora ela está preocupada. Ela morde o lábio e revira a revista, folheando-a. A página já está desgastada e marcada das minhas mãos. Ela suspira, a mão trêmula perto de sua boca. — Que porra é esta? — Ela sussurra, enquanto olha fixamente para ela com o mesmo tipo de horror que eu tive.

— Sim. Que porra.

Ela lentamente olha para mim. — Mateo, você não pode... esse é Paulo, um dos bons amigos de Ricardo. Você o conheceu. Eu não... eu só estava dançando com ele.

Eu fico em silêncio. Tem mais poder.

Sua expressão se transforma de confusa para suplicante. — Você está com raiva sobre isso?

Meus olhos ardem nos dela. — Eu estou irritado? Eu estou um pouco irritado, Vera. Um pouco chateado. Um pouco confuso. E muito envergonhado. Você sabe como eu descobri isso? Porque o meu novo chefe, Pedro Del Torro, proprietário do Atlético, mostrou isso para mim, me dizendo que minha namorada estava indo atrás de outros homens, e fazendo notícia.

Ela se levanta, seu rosto ficando vermelho, e joga seus braços para o lado. — Bem, o que diabos eu devo fazer? Nunca mais sair? Nunca mais dançar?

— Por que ele está tocando em você assim? Por que você está com ele assim?

Ela balança a cabeça freneticamente. — Não, não, não. Mateo, não é o que você pensa.

Gostaria que meu coração deixasse de bater tão rápido, tão alto, como se ele estivesse no limite. — Então me diga o que acho, e me diga quanto estou errado. Por favor.

Ela se aproxima e estende a mão para meu braço. Seu aperto é forte e desesperado. Eu quero tanto acreditar no que quer que saia de sua boca. — Eu estava apenas dançando com o amigo de Ricardo. Ele também é meu amigo, eu acho. Ele é carinhoso, mas você também é.

Essa foi a coisa errada a dizer, e ela sabia disso. Seus lábios se fecham por um momento e parece que entrou em pânico.

— Sou carinhoso com você, porque você é minha e posso te tocar — eu digo, tentando manter minha voz calma e estável. — Não é dele. Nem de qualquer outra pessoa.

Seus olhos se arregalaram momentaneamente. — Mateo, você não pode ficar irritado porque alguém me toca.

Eu também arregalo os olhos. Eu não tenho certeza se posso acreditar no que ela está dizendo. — Claro que eu posso ficar zangado. Eu tenho o direito.

— Bem, de onde eu venho, coisas assim não significam nada.

— De onde você vem é muito diferente daqui, com pessoas diferentes de mim. Você me fez parecer um maldito idiota, Vera.

A ferocidade em minhas palavras pega nós dois de surpresa. — Eu não sabia que alguém iria tirar minha foto — diz ela.

— Então, o único problema — eu digo, — é que você foi pega?

— Eu não fiz nada! — Ela grita, agora irritada, punhos fechados, e olhos ardentes. — Foi apenas uma maldita dança. Então por que diabos você está tão chateado, é que todo mundo está lendo esta merda e acreditando, ou que eu saio e me divirto sem você, que outros homens me acham atraente?

Eu pisco e levanto minhas mãos, atordoadado. — Ei, ei, do que você está falando? Por que isso é algo *que você está* com raiva?

— Eu estou com raiva — diz ela, — porque às vezes você me trata como uma propriedade.

Estou horrorizado. Meu coração bate desconfortavelmente no meu peito, e só agora eu percebo que estamos tendo uma grande briga na varanda.

— Você é minha propriedade — eu digo a ela, totalmente verdadeiro. Não é exatamente o que eu quero dizer - é seu coração e sua alma que eu gostaria de possuir - mas é a palavra mais próxima em tradução para mim. Isso não soa muito bem para ela.

— Você é um homem das cavernas.

Eu sorrio friamente. — Homens das cavernas também se apaixonam.

— Bem, eu não gosto disso — ela zomba, cruzando os braços.

— E eu não gosto de você parecer que não tem nenhum respeito por mim — eu respondo, então me lembro de abaixar minha voz. Não importa, parece que eu dei uma tapa em seu rosto.

— Nenhum respeito? — Ela sussurra perturbada.

— Se pendurando em outros homens, saindo, ficando bêbada, — eu continuo.

— Primeiro de tudo, eu não estou me pendurando em outros homens — diz ela, apontando seu dedo em riste. — Isso foi apenas uma foto tirada no momento errado.

Eu mordo a língua e levanto minha sobrancelha.

— Em segundo lugar, sair, ficar bêbada? Isso é só o que eu faço. Isso não tem nada a ver com respeito por você, Mateo. Eu acho essas coisas divertidas. Jesus Cristo, você acha que pode me trancar no seu apartamento, e beber uísque todas as noites como uma esponja, ou talvez me levar para seus pais ou para alguns de seus supostos amigos que olham para mim como se eu não fosse

nada, além de uma puta destruidora de lares, e que são chatos para caralho? Não é minha culpa se eu ainda sou jovem e você não é mais.

Agora parece que eu sou o único que foi atingido. Não é uma tapa, mas uma bola de demolição bem em meu peito.

Vera vê isso. Seu rosto cai ligeiramente, dividido entre querer lutar e querer simpatizar. — Eu sinto muito — diz ela rapidamente, — Eu não quis dizer isso.

— Você quis dizer exatamente isso — eu digo baixinho, afastando meus olhos dos dela. A ironia é que Vera é sempre a pessoa que me diz que não sou velho, que eu ainda estou em meus trinta anos, que quando eu completar quarenta anos, serão os novos trinta. Mas como ela poderia saber disso? Vão ser mais seis anos antes mesmo que ela tenha trinta. Nós estamos totalmente em diferentes frequências.

Eu pensei que ela tinha se encontrado, quando me encontrou. Agora já não tenho tanta certeza.

— Ambos dizemos coisas que não queremos dizer quando estamos com raiva — ela explica.

Eu ainda evito seus olhos. — E por que você também está com raiva?

— Porque não gosto de me defender contra algo que eu não devo. Eu não gosto de me sentir culpada por tentar viver a minha vida da única maneira que eu sei. É como se a única vez que estamos realmente juntos, de fato como um casal é quando nós dois estamos aqui. Fora isso, nossas vidas não se misturam de jeito nenhum, e o jeito que eu estou vivendo é completamente errado para você.

Eu não gosto do tom que sua voz está tomando, cheio de arrependimento e resignação, de coisas não ditas há meses. Isso me faz sangrar, me destrói, pensar que todo esse tempo ela está sofrendo de uma forma ou de outra, mantendo seus verdadeiros sentimentos para si mesma.

— Então, o que você está dizendo? — Eu lhe pergunto, minha voz surpreendentemente nivelada. — Que você só é minha quando está aqui? — Eu olho para ela, e ela está esfregando os dedos uns contra os outros, mudando de um pé para o outro. — E lá fora, você está livre para pertencer a qualquer um?

Ela olha para mim por alguns momentos, ainda inquieta. — Eu sempre vou pertencer a mim mesma.

— E a mim em segundo... — Eu esfrego minha mão na parte de trás do meu pescoço, e sinto apenas suor e calor. Está ficando muito difícil respirar em qualquer lugar. O mês está nos sufocando.

— Eu posso pertencer a ambos ao mesmo tempo — diz ela, embora soe como se ela estivesse sofrendo. Observo-a com cuidado. Seus ombros parecem relaxar um pouco.

— Só me prometa que você vai se policiar, — eu digo cautelosamente.

Ela atira adagas em mim, de volta na defensiva. — Eu não tenho malditos doze anos de idade.

Eu reviro meus olhos. — Eu não estou dizendo que você é uma criança, Vera. Estou dizendo apenas para ter algum respeito por mim quando você estiver por aí, e tudo isso terá terminado. Não teremos que discutir isso novamente.

— Não, isso não vai acabar — diz ela. — Porque eu tenho respeito por você. Eu estou malditamente apaixonada por você, seu grande idiota.

Suas palavras não têm o seu efeito pretendido. Eu viro de repente e apanho a revista da mesa, empurrando-a em seu rosto. — Esta não é a imagem da mulher que está apaixonada por mim. Esta é uma foto de... — E ela está certa, dizemos coisas que não queremos dizer quando estamos com raiva. Eu, pelo menos, consigo segurar minhas palavras. Mas ela pode ver através de mim daquele seu modo estranho.

Suas pupilas estão dilatadas com dor — Uma prostituta bêbada, isso é o que você ia dizer.

Eu não ia dizer isso, não exatamente. Meus pensamentos foram mais educados, mas por pouco.

— Existe uma diferença — eu digo com cuidado, — entre ser algo e agir como tal.

— Existe? — Ela pergunta. — Porque você está sendo um idiota chauvinista agora e agindo como um, também.

— Por que você não me chama de velho outra vez, ou não tem mais veneno em você?

— Oh, há muito veneno.

Eu avanço sobre ela até que ela está apoiada contra a mesa. Por um momento, ela parece enervada, até que eu pego sua mão e pressiono no meu coração. Olho para ela, meu olhar firme.

— Este sou eu. Esse é quem eu sou. Você sabia disso quando você me conheceu. — Eu me inclino para mais perto, até que me sinto submerso nas manchas de ouro de seus olhos. — Você sabe com o que eu me importo. Orgulho, sim. Respeito. Por mim. Pela família. Por relacionamentos. Se essas coisas me fazem ser, o que você disse, um idiota chauvinista, então não pode ser nenhuma surpresa para você.

Há algo sobre o modo como ela está olhando para mim – selvagem e sutilmente violenta, como um lobo encurralado – que está me excitando. O calor não está apenas no ar espesso empoeirado, ou no suor da minha pele, ou na raiva fervendo no meu coração – é uma onda quente empurrando através do meu centro. Antes que eu perceba, estou duro, e minha respiração fica mais pesada.

Isso não contribui para diminuir a selvageria em seus olhos. Não precisa.

— Você me surpreende a cada dia — diz ela, com a voz insensível, mas atraída. Seu olhar cai na minha boca.

A pressão dentro de mim cresce, minhas pálpebras ficam pesadas. Eu coloco minha mão na parte de trás do seu pescoço e a seguro lá. Ela está me irritando, esta sua incapacidade de entender como eu me sinto. Às vezes eu sinto que ela participa menos no nosso relacionamento do que eu, embora eu saiba que nem sempre é verdade.

— Você precisa entender que você é minha — eu digo a ela. Saindo mais como um zumbido, e meus lábios estão ao seu ouvido, a poucos centímetros longe da umidade de sua pele. — Só eu posso fazer isso com você. Ninguém mais.

Eu chego para baixo e abro meu zíper. Ela endurece ligeiramente com a ação, e eu paro, deixando que suas reações me guiem. Ela relaxa, e isso é tudo que eu preciso para levantá-la e colocar sua bunda na borda da mesa de ferro forjado. Ela oscila um pouco sob o seu peso, mas fica no lugar.

Seus olhos agora são uma mistura de desejo e luta. Ela ainda está com raiva, ainda pronta para lutar. Assim como eu. Mas agora, vem de uma maneira diferente. Eu normalmente não associo raiva com o sexo, então isso é novo para mim. Enquanto eu olho em seus olhos, deslizo a mão entre a saia e as pernas para

empurrar sua calcinha de lado, eu posso ver que isso também a surpreende. Acho que eu a surpreendo todos os dias.

— Isso não conserta as coisas — diz ela desafiadoramente, mas envolvendo suas pernas em volta de mim, enquanto fala me puxando na sua direção. A mesa balança.

— Como você sabe? — Eu sussurro, e simultaneamente guio meu pau em sua direção, enquanto coloco meus lábios e dentes ao lado de seu pescoço. No momento, sinto que pode consertar as coisas para mim. Sinto que poderia expulsar todos os outros homens da sua vida, me tornar permanente em seu mundo temporário. Estamos do lado de fora, ao alcance dos ouvidos dos vizinhos que precisam apenas espreitar em torno da repartição para nos ver; estamos à vista de qualquer apartamento do outro lado da rua.

Eu gostaria que o fotógrafo estivesse ali, tirando uma foto disso. Eu mostraria a quem ela realmente pertencia. Eu mostraria a eles que eu estou à altura da função.

Eu me empurro para dentro dela. Ela engasga, com expressão de dor. Ela não está molhada o suficiente para mim, e embora, o prazer que irradia a partir das minhas bolas para o meu pescoço pareça nada mais, eu hesito, prestes a puxar para fora. Eu quero isso duro, rápido e difícil, mas não vou fazer com que ela sofra.

Mas ela aperta as pernas ao redor de meus quadris e me prende a ela possessivamente. Eu entro mais lento desta vez, os meus lábios de volta em seu pescoço, querendo fazer uma marca. Eu mordo e mordisco e chupo o sangue para a superfície. Meus golpes agora são afiados e deliberados. A mesa balança ruidosamente, e seus suspiros ofegantes viram gemidos sem fôlego.

Parece impossível aumentar o fogo queimando dentro de mim, mas eu tento, mais rápido, mais forte, mais desesperado, mais irritado, mais perdido. No calor do dia, estou molhado ao toque, e ela está apertada em volta de mim, e o ar parece como um cobertor de lã úmida; só alimenta a loucura.

Ela é minha, ela é minha, ela é minha.

Eu sou dela.

Mesmo nesta frustração fervente, me lembro de ser um cavalheiro. Eu deslizo meus dedos entre suas pernas com uma mão enquanto eu seguro a parte de trás do seu pescoço com a outra. No minuto em que eu a sinto tensa, sua

respiração presa na garganta, eu me deixo ir dentro dela. Estou forçando, segurando-a, não me importando que meus próprios gemidos são altos sobre a agitada rua abaixo.

Nós dois estamos respirando pesadamente, e eu me afasto para olhá-la. Ela está sonolenta com o sexo, mas há algo rebelde em seus olhos. Embora meu corpo esteja aliviado por gozar, meu coração não está. Eu saio dela, fecho meu zíper, e a ajudo a descer da mesa. Então eu me afasto, confuso. Ela estava certa – não resolveu nada.

Eu a deixo ali na varanda e caminho para dentro da casa. Por força do hábito, eu me certifico que minha carteira está em minhas calças, e pego minhas chaves.

— Para onde você vai? — Ela pergunta atrás de mim. Ela parece tensa, mas um pouco em pânico.

— Eu preciso clarear a minha cabeça — eu digo a ela, e saio, fechando a porta atrás de mim.

Claro, não há lugar para eu ir. Vera tem Claudia e as pessoas com quem trabalha. Eu não tenho ninguém. Talvez meus pais, minha irmã. Todos os outros amigos que eu tinha, perdi quando deixei Isabel. Até mesmo os grandes amigos acabaram por não ser tão grandes, e sutilmente se distanciaram de mim, talvez com medo de serem sugados em um escândalo, talvez preocupados que o meu comportamento poderia passar para eles. Tenho certeza que muitas esposas estiveram por trás disso, ameaçando seus maridos que se eles alguma vez saíssem com um homem que deixou de lado a sua esposa por uma garota mais jovem, eles poderiam fazer o mesmo.

Eu tinha tantos amigos, e os perdi apenas porque eles não quiseram entender o que era se apaixonar por alguém que não deveria. Muitos amigos escolheram me julgar ao invés de me amar.

Eu vou para as ruas em vez disso, andando e andando até o sol se pôr, e encontro um pequeno e tranquilo bar, para tomar uma bebida. Eu peço uma gim tônica para lidar com o calor, gim extra para lidar com o meu coração. Tudo pesa tanto agora, eu posso sentir isso pressionando meus ombros. Tem a Vera, e há ainda a solidão. Às vezes eu tenho ambos, mas agora parece que só tenho o último.

Eu quero tanto ler a minha carta, mas está no apartamento com ela, e eu estou aqui. Ela não me mandou mensagens – não há “onde você está?” e “quando você está voltando?” ou “nós precisamos conversar” ou mesmo “idiota machista” – por isso não sinto vontade nenhuma de voltar. Eu quero ficar nas ruas de Madrid até o sol nascer. Eu quero beber, e andar pelas ruas estreitas repletas de pessoas duvidosas, até que eu sinta que eu tenho uma resposta para a pergunta enterrada que está me atormentando.

Você pode se adaptar a algo sem mudar? Você pode dar sem perder tudo de si mesmo?

Não tenho certeza.

Mais cedo ou mais tarde, entretanto, meus pés doem – meus sapatos de trabalho são novos e não deve ser amaciado de uma só vez e os meus ossos estão cansados. Deve ser a idade.

Eu caminho de volta para o apartamento, e entro o mais silenciosamente possível. Está escuro e silencioso exceto pelo zumbido da geladeira.

Vera está na cama, mas ela não está dormindo. Ela está sentada, os ombros caídos para frente, e vestindo uma das minhas camisetas. A cortina está aberta e a luz derrama para dentro, iluminando um lado dela e deixando o resto na sombra. Suas bochechas brilham. Ela esteve chorando.

— Sinto muito — ela sussurra, enquanto eu estou na porta. De uma vez, minha raiva se foi, substituído com nada além de amor por esta menina assustada.

Eu vou até a cama e puxo-a em meus braços. Eu beijo o topo de sua cabeça tão forte quanto eu posso. — Sinto muito.

— Eu só estou sendo teimosa — ela funga em mim. — Eu não sei por que. Eu acho que eu tenho medo, e estou frustrada, e eu me sinto tão, tão presa.

Eu endureço. — Presa?

— Não por você — diz ela com firmeza. — Nunca você. É... eu não sei ainda o meu lugar aqui, e sinto que onde quer que eu vire há algo tentando me afastar. Eu não pertenço a Vancouver, e também ainda assim não sinto que pertenço aqui.

— Você pertence a mim — eu digo a ela, minha voz rouca de paixão, de desejo.

— Eu sei — diz ela, balançando a cabeça, — Eu sei que sim. Mas às vezes isso não é suficiente. Eu preciso de mais do que você, Mateo. Eu preciso de você, e

eu preciso de uma vida própria, na qual eu me sinta segura. Eu preciso de um lugar para plantar minhas raízes.

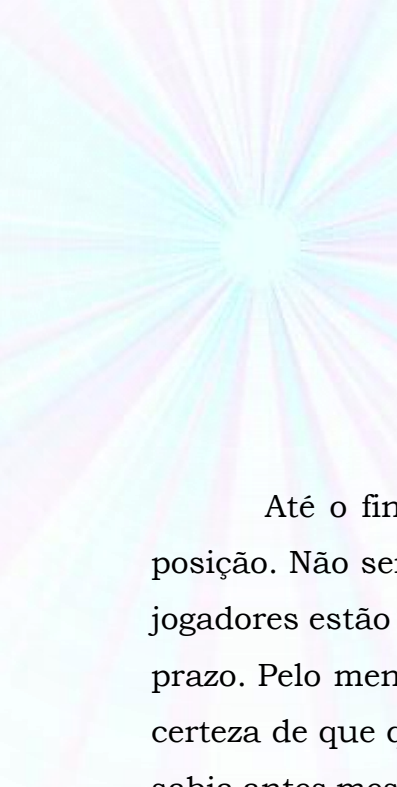
— Isso não pode ser aqui?

— Espero que sim. Eu só estou com medo de que a Espanha não queira que eu fique.

Eu corro minha mão para baixo na parte de trás de sua cabeça. — Eu vou falar com a sua chefe. Você poderá ficar.

— Mateo, está tudo bem. — Ela diz mesmo que não esteja, mesmo que eu vá fazer tudo o que puder.

No entanto, enquanto eu a beijo, me enterro dentro dela, e adormeço com ela, eu sou deixado com mais perguntas.



Capítulo Cinco

Até o final da semana, eu tinha me ajustado muito bem em minha nova posição. Não ser um treinador neste momento, apenas um observador, é fácil. Os jogadores estão entusiasmados comigo, o que tornará as coisas mais fáceis a longo prazo. Pelo menos, será mais calmo até eu realmente começar em janeiro. Tenho certeza de que quando eu começar a mandar neles, suas atitudes mudarão. Eu já sabia antes mesmo de entrar nisso, quem precisaria de mais trabalho, e quem seria o maior problema. Felizmente são jogadores diferentes.

Quinta à noite eu saio para jantar com Vera, Claudia e Ricardo. Eu sei que Vera está fazendo um esforço para me incluir em sua outra vida, e eu faço um esforço para ser uma parte dela. Porém, é um pouco constrangedor, sentar à mesa do Ricardo, quando tudo o que posso pensar é em seu amigo descolado. Felizmente, ninguém comenta a foto na revista, embora eu já saiba que todos a viram.

Porém, quando saímos do restaurante, tarde, e bêbados de três garrafas de vinho, flashes explodem em nossos rostos. Dessa vez há dois fotógrafos – agora, é informação pública, que eu sou o substituto de Diego – e, embora meu primeiro instinto seja proteger Vera, e mostrar o dedo do meio para os paparazzi, eu decido aproveitar o momento, e consertar as coisas.

Coloquei meu braço em volta da cintura de Vera e a puxei para mim, com um largo sorriso para as câmeras. Anos atrás eles amavam meu sorriso, eles ainda devem amá-lo.

— É bom ver vocês juntos de novo — diz um dos fotógrafos, o incomodo com os mullets.

— Nós nunca nos separamos — eu respondo calmamente, antes de acompanhá-la pelos degraus das escadas em direção a Claudia e Ricardo, que estão de pé na calçada assustados, e com os olhos esbugalhados.

— Quem estava com você na semana passada, Vera? — Ele pergunta.

Eu estreito meus olhos rapidamente, antes de responder por ela. — Ela tem direito de ter amigos, não tem? Boa noite, senhores. — Levanto minha mão com

desdém para eles, em seguida, aceno para Claudia e Ricardo continuarem caminhando. Nós quatro rapidamente desaparecemos pela rua e para longe da vista dos fotógrafos.

— Céus — Claudia jura, colocando seus longos cabelos escuros por trás das orelhas. — Você é uma celebridade mais uma vez.

Eu dou de ombros. — Eu acho porque agora sou o futuro treinador, e por isso eles estão por toda parte. Mês de poucas notícias, talvez. — Eu aperto a cintura de Vera, tanto como apoio, e como um lembrete.

No dia seguinte, a nossa foto apareceu na versão on-line da revista. Talvez nós dois juntos parecendo felizes não é tão digno de impressão, quanto Vera dançando com um inútil, mas ainda está lá. Eu não sei quem está lendo e obtendo falsas suposições sobre a nossa vida juntos, mas eu espero quem quer que seja, que veja isso. É insignificante, talvez, se importar tanto com o que milhares de estranhos pensam, mas isso não muda o fato de que eu o faça.

Se Pedro viu, ele não mencionou, e quando o trabalho acabou, eu fumei um charuto rápido com ele, enquanto andávamos pelo campo de futebol. Ele é pelo menos alguém, que posso tolerar durante o tempo de um charuto. Depois disso, quando fiquei sabendo que Vera foi para casa durante o dia, vou até o escritório de *Las Palabras*.

Eu não estive aqui, desde que eu embarquei no primeiro ônibus em abril passado, mas tudo voltou para mim como se fosse ontem.

Lembro-me de estar animado pela primeira vez em muito tempo. O sentimento era estranho, sentir era estranho. Meus nervos estavam abalados, e quando subi no ônibus, eu estava envergonhado porque todos esses rostos estranhos estavam olhando para mim, e eu tinha que ser a última pessoa a entrar, atrasando tudo. Mas, quando eu fiz meu caminho pelo corredor e encontrei um par de lugares vazios, e nós ainda não estávamos saindo, eu relaxei. Eu não era o último.

Eu não tinha a intenção de chegar atrasado, era Isabel que estava sendo deliberadamente lenta, como se ela quisesse que eu perdesse a viagem. Ela não queria que eu fosse, pensava que não havia nenhum ponto em melhorar o meu inglês já que eu sabia o suficiente. Mas isso realmente não era a questão. O

suficiente nunca foi bom o bastante para mim, não enquanto o melhor era tão fácil de conseguir.

Ela levou o seu tempo tentando encontrar o lugar, apesar de eu dar direções diretas, e quando ela me deixou no escritório, estava mais irritada do que triste com a minha partida.

Às vezes me pergunto o que teria acontecido se ela não tivesse feito isso, se eu tivesse chegado ao escritório *Las Palabras* mais cedo. Eu teria chegado no ônibus com todos os outros. Eu teria sentado ao lado de Ricardo ou talvez do Jose Carlos ou Nerea.

Eu nunca teria visto Vera entrar no ônibus e sentar-se ao meu lado. Eu nunca teria sentido cada polegada da minha pele vibrar como se tivesse acordado, e observado ela caminhar pelo corredor, parecendo corada, sexy, tatuada, jovem e incrivelmente bonita. Eu nunca desviaria meus olhos, olhando fixamente para longe dela pela janela, como se eu não tivesse a notado.

Eu nunca teria esperado alguns momentos, recompondo a mim mesmo, tentando encontrar o meu inglês e minha voz antes de virar para ela, encontrando seu olhar vibrante e peculiar, lábios inseguros para dizer: — Olá, eu sou Mateo.

Isso foi tudo para mim, realmente. Eu apertei sua mão, e senti um impulso profundo dentro do meu coração, como se algo estivesse sendo revelado após muito tempo. Não havia como voltar atrás. Naquela época, eu sabia que ela era um problema, eu estava em apuros, e pelo resto da minha vida seria diferente. Eu não sabia o quão diferente, mas então percebi que não poderia permanecer a mesma. Você não mantém seus olhos no chão, uma vez que você viu a beleza das estrelas.

Eu deixei as lembranças caírem sobre mim, e eu as mantenho perto enquanto me aproximo do escritório. A placa dizia fechado, mas eu posso ver uma luz acesa através do vidro e a sombra de alguém passando. Eu bato meu punho com força na porta e espero.

Passam alguns minutos, e há um movimento do outro lado da porta. Eu vejo um par de óculos gatinho me espreitando, e então algo desbloqueia e a porta se abre.

— Sr. Casalles — diz Patrice, me olhando de cima a baixo. Eu só a vi uma vez desde que ela assumiu o cargo de gerente de *Las Palabras*, em uma pequena

festa, e ela parece exatamente a mesma. Cabelo arrumado, nariz afilado, olhos afiados sob óculos ainda mais afiados.

— Me chame de Mateo, por favor — eu digo a ela com meu sorriso mais sedutor.

Ela concorda. — Claro, Mateo. Vamos entrar.

Ela aponta e eu entro no pequeno escritório. Está uma bagunça, e eu posso dizer onde Vera se senta, porque essa parte é ainda mais bagunçada. Há um pequeno arsenal de batons espalhados sob o monitor do computador e duas latas aparentemente vazias de Diet Coke.

— Suponho que você veio aqui para discutir a situação da Vera — diz Patrice, apoiando-se contra a porta onde eu presumo que seja seu escritório particular.

Concordo com a cabeça, e sou atingido por uma sensação enervante, como se eu estivesse em uma reunião de pais e mestres ou algo desse tipo. — Ela não sabe que estou aqui, é claro, — eu rapidamente falo para retirar a ideia. — E ela vai me odiar se descobrir. Mas eu só queria saber a verdadeira história de você. Às vezes eu acho que ela está me protegendo um pouco, não me contando tudo.

Isso não é exatamente verdade. Eu acho que Vera tem sido honesta desde o início, mas Patrice não tem que saber disso.

Ela me dá um sorriso tenso. — Muito bem. A verdade é, Mateo, nós vamos ter que demitir Vera.

Eu a olho fixamente, porque eu não acho que a ouvi direito. — Desculpa?

Ela suspira e torce as mãos, olhando para os cartazes na parede com os merdas de Espanhóis. Se eu ouvi corretamente, eu estou prestes a me ressentir por todas as coisas sobre esta empresa filha da mãe.

— Nós só obtivemos o visto de trabalho de seis meses para Vera, porque simplesmente não tínhamos certeza se contratá-la a longo prazo seria viável. Por um lado, ela não fala espanhol.

Eu olho para ela. — Ela está aprendendo. Ela está tentando. — Minhas palavras são tão afiadas quanto seu rosto.

— E isso é bom. Mas não é bom o suficiente. Somos uma empresa espanhola e precisamos de alguém que fale espanhol e inglês fluentemente

— Mas ela é apenas uma administradora.

— Sim, mas por quanto tempo? Você de todas as pessoas deve saber sobre crescimento e progresso. O que aconteceria se a nossa agente de reserva saísse? Vera tomaria seu lugar. Ela não pode assumir o lugar dela do jeito que está. Encare a realidade, ela não serve para este trabalho. Ela deveria, eu não sei, estar em uma loja de música vendendo CDs.

— Essas não existem mais — eu digo rangendo os dentes.

Ela cruza os braços irritada. — Eu sei que ela é sua... o que quer que ela seja para você, mas você sabe o que quero dizer. Mais do que isso, este trabalho não a interessa. É apenas um trabalho. Ela não vai fazer disso sua carreira e nós também não. Agora, já temos alguém que acaba de começar a ajudar. Ela é parte da Europa, não há nenhum documento ou legalidades, nenhuma negociação com o governo, e ela é fluente em espanhol. É apenas a melhor opção para todos.

Não tem ar em meus pulmões, mas eu consegui dizer: — Todos, menos Vera.

— Eu sinto muito, Mateo — diz ela, e soa um pouco triste. Mas não o suficiente.

— Ela sabe?

Ela balança a cabeça. — Eu ia contar a ela na segunda-feira, e deixá-la trabalhar a última semana.

— Você percebe o que vai acontecer com ela se você fizer isso, — eu digo, passando a mão pelo meu cabelo. O escritório começa a parecer muito pequeno. Eu fico olhando para batons de Vera sobre a mesa, imaginando os lábios dela, e eu sinto algo dentro de mim se desfazendo. Isso não pode estar acontecendo.

Suas sobrancelhas pontiagudas vão para cima. — Mais uma vez, eu sinto muito, Mateo. Eu gosto de Vera. Ela é uma menina engraçada e muito... doce. Mas ela não se encaixa neste lugar.

Não tenho mais nada a dizer a Patrice. É evidente que, mesmo se eu tirar minha carteira para ela, insinuar que *Las Palabras* poderia precisar de doações para novos equipamentos de escritório, ela não iria aceitar. Eu saí e caminhei para o meu SUV, levando um momento para pensar sobre o que devo fazer. Eu tenho de fazer alguma coisa. Tenho que pensar. Se eu não fizer isso, pensarei sobre o inevitável. Eu vou desmoronar.

Eu não estou acostumado a ser um homem sem uma solução. Quando eu me apaixonei por Vera, a solução era clara. Eu tive que deixar Isabel. Não foi fácil, mas era evidente. Agora, eu não tenho nenhuma solução e nada é claro.

Vera não tem que trabalhar. Eu posso facilmente sustentá-la. Mas ela quer trabalhar, e, para permanecer legalmente no País, ela tem que trabalhar. Há sempre a opção de universidade, mas ela me disse que as taxas de estudante estrangeiro eram muito além do que ela ou seus pais podiam pagar – ou gostaria de proporcionar – mas ela era inflexível, onde, apesar de ser uma boa aluna, ela não era boa o suficiente para se qualificar para qualquer tipo de bolsa. Eles dariam a ela isso em seu próprio país para uma escola canadense, mas não aqui.

Eu tinha falado da opção da universidade antes, lhe dizendo que eu poderia pagar por isso, mas ela desconversou como se fosse apenas um sonho. Ela não me deixaria pagar por isso, e nosso desentendimento sobre isso se transformava em briga.

Agora eu me pergunto se eu posso voltar a convencê-la, já que a deportação está por um fio. Provavelmente é tarde demais para ela entrar no próximo mês para este ano letivo, mas sempre há o semestre em janeiro. O único problema é que ela ficaria ilegalmente até lá.

Talvez não seja um grande problema. Há milhares de imigrantes ilegais da Somália, Nigéria, México, El Salvador, todos trabalhando na Espanha por baixo dos panos. Eles não são pegos. Vera também não tem que ser pega. Se jogarmos certo, nós podemos realmente ser capazes de fazer isso.

Me apegando a esse pensamento como uma tábua de salvação, eu volto correndo para o apartamento, ansioso para consolidar essa ideia.

Vera não está em casa quando eu chego, o que só agrava a minha ansiedade. Por sorte no momento em que eu me servi um whisky, e me sentei desconfortavelmente no sofá, ela aparece na porta da frente, segurando uma pequena sacola de mantimentos.

— “Hola” — diz ela animada. — Ficamos sem comida e eu estava “famiiiiinta”.

Ela joga a sacola sobre o balcão e, em seguida, vem me dar um beijo. Ela parece estar de bom humor. E eu me sinto terrível por estar prestes a arruiná-lo.

— O que há de errado? — Pergunta ela, olhando para mim com os olhos arregalados. — Eu posso sentir isso vindo de você. O que aconteceu?

Eu lambo o whisky dos meus lábios, e sento no sofá, segurando seu olhar firme. — Se lembra do que você disse no outro dia, como tudo ia ficar bem?

Seu rosto empalidece, ficando mais pálido do que leite.

— Bem, — eu continuo — mantenha isso em mente. Vai dar certo. Tudo ficará bem. Eu já tenho uma solução.

— Mateo...

— Eu fui a *Las Palabras* hoje. Há pouco. Depois do trabalho.

Ela me olha horrorizada. — Não.

— Sim — eu digo. — Eu fui. Queria eu mesmo conversar com Patrice, descobrir se havia algo que eu poderia fazer, se podíamos chegar a algum tipo de acordo.

— Mateo — ela lamenta. — Oh Deus, o que você fez?

Lhe dou um sorriso triste e balanço a cabeça. — Eu não fiz nada. Era tarde demais, Vera. Você estava certa, sobre a garota irlandesa que fala espanhol. Patrice está pensando em demiti-la. Ela irá dizer a você na segunda-feira. A próxima semana será a sua última.

Sua boca forma um O pequeno, e eu imediatamente penso nos batons em sua mesa. Eu sei por que a visão havia me atingido tanto. Esses batons eram uma parte tão pequena dela, tentando se encaixar no escritório, no mundo ao seu redor, e falhando.

— Sinto muito — digo, e eu realmente, verdadeiramente, profundamente sinto. Eu acho que ela não tem ideia. — Eu tentei, mas... ela não precisava de nada disso. Ela tem ideia fixa.

— Bem — diz ela, endireitando-se, uma mão em seu quadril, a outra em sua boca, esfregando os dedos sobre ela. — Como diabos eu vou ficar por uma semana. Foda-se o salário e foda-se ela. Foda-se todo esse programa.

— Mesmo que seja onde nós nos conhecemos?

— Ainda que permitiu nos conhecer, mas não vai nos deixar continuar?

— Eu concordo, — eu digo. — Além disso, de qualquer forma, ela não estava no cargo naquele momento. Isso não conta.

Ela deita no sofá ao meu lado, e inclina a cabeça no meu ombro. Eu posso sentir todo o seu peso sobre mim, e eu sei que ela está colocando-o em minhas mãos. Estou muito ansioso para lidar com isso por ela, eu só espero que eu saiba como nos tirar disso.

— Que diabos eu vou fazer? — Pergunta ela, a voz cansada agora.

— Você vai morar aqui ilegalmente até janeiro. Então você irá para a faculdade.

— O quê?

— É o único caminho. Mas não é tão difícil, Vera. Você verá.

Ela se senta e me olha incrédula. — Não é tão difícil? Como você sabe? Você normalmente abriga imigrantes ilegais?

Dou-lhe um meio sorriso. — Eu faria, se todos eles se parecessem com você.

— Isso não é engraçado.

Eu suspiro. — Não, não é. Mas honestamente, é nossa melhor chance. Seja como for, terá que dar certo. Mesmo que você encontre outro emprego, e convença-os a patrociná-la, o que levaria algum tempo, por isso vai ter que ser dessa maneira. Apenas tem que ser assim.

— E o que você estava falando sobre a coisa da faculdade?

— Sua graduação em astronomia. Não há nenhuma razão para você não terminar nas universidades daqui.

— Uh, tem, sim. É chamado dinheiro. Eu não tenho isso.

— Mas eu sim.

— Mateo, nós já passamos por isso. Eu não quero que você pague por mim.

— Não importa — eu digo. — É isso, ou você continuará a viver com medo de ser descoberta, ou de ir embora. Agora não temos muita escolha, Vera. Nós não temos. Eu queria que tivéssemos. Eu gostaria que isto fosse mais fácil.

Ela morde o lábio por um tempo, depois olha para o chão. — Direito comum. Estamos em direito comum, estamos vivendo juntos por pelo menos seis meses. Podemos fazer algo com isso? No Canadá é uma coisa juridicamente legal...

— Eu duvido que no Canadá, as pessoas possam obter vistos estendidos ou autorizações, por estar dormindo com alguém. Caso contrário, não haveria tanta tragédia em romances estrangeiros, haveria?

— Tragédia? — Ela pergunta.

— Digamos apenas, que o caminho que escolhemos, de todos os caminhos, não é o mais fácil.

— Sem merda, Sherlock.

Eu olho para ela. — Sherlock Holmes?

Ela me dá um sorriso irônico, mas cansado. — Outra forma de expressão.

— Claro. — Eu fecho minhas mãos e fecho os olhos.

Depois de um longo silêncio, ela diz: — Por favor, não pense que eu não aprecio isso.

Eu só dou um grunhido em resposta.

— É só muito dinheiro. Um monte de dinheiro. Quinze mil euros por um ano. Eu nunca poderia carregar esse tipo de culpa comigo.

— Você já carrega muita culpa em você, — eu digo a ela, os olhos ainda fechados.

— Nada mais do que mereço.

Meus olhos se abrem e olho para ela bruscamente. — Vera. Pare com isso. Você não merece nada além da felicidade. Tire da sua cabeça boba, que isso será algo que você deve. Não é. Você nunca fez nada de errado. Você nunca foi quem estava casado.

Ela engole e olha para longe. — Eu sou uma destruidora de lares — diz ela calmamente. — Eu sou a vilã.

— Não — eu digo, minha voz dura. Eu lanço minhas palavras. — Eu sou o cara mau. Isso nunca vai mudar. Mas você, você é tudo menos isso. Você é pura e maravilhosa e quente e doce e...

— Uma prostituta.

— Vera — eu digo, raiva e frustração crescendo dentro de mim na velocidade da luz. Eu pego sua a mão. — Não se atreva a se chamar disso. Você não é uma destruidora de lares. Você não é uma prostituta. Você não merece ser demitida. Você não merece ir embora. Você não precisa nem me merecer, mas eu estou aqui agora, e eu vou tentar o meu melhor para nos tirar dessa. Podemos ficar bem, se você apenas me deixar fazer isso. Por favor, Estrella, me deixe tentar. Isto é tanto para mim como é para você. — Levando sua mão para os meus lábios, e beijo os nós dos seus dedos. — Eu não posso te perder. Não vou.

Ela me olha intensamente, talvez tentando igualar minha própria expressão, talvez em busca da verdade. — Você não vai.

— Então me deixe tentar.

Ela balança a cabeça lentamente. — Ok.

Eu abro um sorriso. De repente, nada parece impossível. — Então segunda-feira, você vai para *Las Palabras*, e faça-os se arrepender. Pegue seus batons, todas suas coisas. Não olhe para trás. Mantenha sua cabeça erguida como a estrela que você é. Então vamos começar a dar uma olhada no material da faculdade, para saber exatamente o que precisamos.

Ela se agita. — E você tem certeza de que isso vai ficar bem, eu ficar aqui ilegalmente?

— Vera. Eles terão que passar por cima do meu cadáver para levá-la embora — eu digo. — Além disso, eu sempre quis abrigar um alienígena⁶. No entanto, quando eu era jovem, claro que era um alienígena real. Você sabe, como ET, certo?

— Isso é tão antigo — diz ela.

Eu levanto a minha cabeça, pensativo. — Bem, eu sou velho.

Seu semblante muda, e ela rapidamente desvia o olhar. — Sinto muito por isso.

— Eu sei.

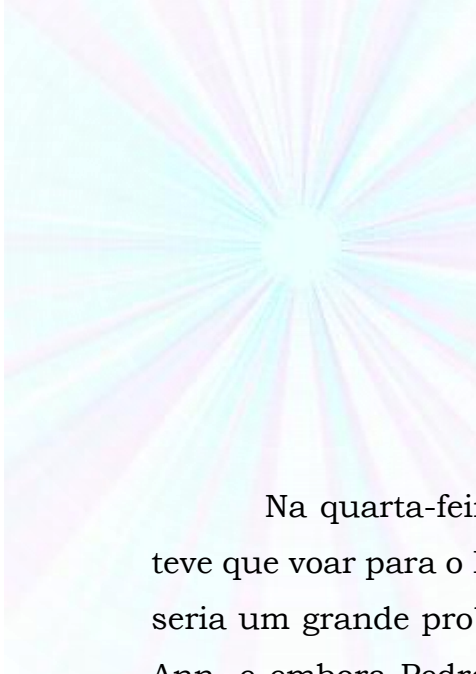
Ela desliza seus dedos frios em toda a barba por fazer no meu rosto, no meu queixo, como se ela estivesse me sentindo pela primeira vez. — Você não é velho. Você é perfeito. Mais do que isso, você é perfeito para mim. Agora, eu não poderia te querer de outro jeito, que não exatamente da maneira que você é.

— Um homem velho?

Ela levanta a sobrancelha com impaciência. — Um homem bonito.

Eu acho que posso viver com isso.

⁶ A palavra “alien” no inglês serve tanto para alienígena quanto para estrangeiro. Ele faz um trocadilho.



Capítulo Seis

Na quarta-feira seguinte, eu acabo trabalhando até tarde, porque Warren teve que voar para o Reino Unido para uma emergência familiar. Normalmente não seria um grande problema, exceto que quarta-feira é o dia que eu fico com Chloe Ann, e embora Pedro até agora tenha me permitido sair mais cedo – afinal, sou apenas um observador – hoje ele não faz. Estou tentado ligar para Isabel e dizer a ela que eu não posso ir hoje, mas eu estou preso na ideia de que Isabel possa usar isso contra mim. Ela pode pensar em mim como não confiável e um não bom pai, apesar de fazer tudo ao meu alcance para ser o oposto disso.

Mesmo assim, é algo que pondero, até que Vera me diz para não me preocupar com isso, que ela vai resolver isso. Chloe Ann tem uma espécie de dia de acampamento de verão na manhã de quarta-feira, para que Isabel possa ter todo o dia de folga, e Vera foi comigo para este acampamento para buscá-la ao meio-dia em inúmeras ocasiões. Ela até mesmo dirigiu uma ou duas vezes, então eu não tenho preocupações sobre ela levando o SUV através do tráfego congestionado de Madrid e os motoristas voláteis.

Quando eu finalmente chego em casa, por volta das seis da tarde, eu encontro uma cena diferente no apartamento que eu esperava.

Chloe Ann está sentada na frente da TV, olhando para ela com grandes olhos vidrados. Vera está na varanda bebendo uma cerveja.

Eu tenho que admitir que meu primeiro pensamento não foi bom. Vera não serve para ser babá, alguém que coloca minha filha na frente da televisão para que possa ir beber. Ela e Chloe Ann supostamente deveriam passar um bom tempo juntas. É importante para mim, mais importante do que é para qualquer uma delas.

— Oi, querida — eu digo para Chloe Ann, enquanto me agacho ao lado dela. Meus olhos correm para a janela onde eu vejo Vera me notar. Eu beijo a minha filha em sua cabeça. — Como você está?

Ela me dá um sorriso doce e, em seguida, olha para a televisão onde algum desenho animado detestável está passando. Eles não fazem como antigamente.

— Tudo bem, papai — ela diz.

Concordo com a cabeça e sento no chão ao lado dela. — Apenas bem? — Eu pergunto, descansando os braços sobre os joelhos e olhando entre ela e a TV. — Porque a Vera está lá fora?

— Eu não sei — diz ela com um pequeno encolher de ombros.

— Como foi o acampamento hoje? — Pergunto.

— Tudo bem, papai — diz ela, e por um momento eu acho que a televisão roubou sua alma, mas então ela olha para mim e sorri mais genuinamente. — Tivemos que fingir que estávamos em um zoológico.

— Eu aposto que você foi um Panda.

— Eu tentei — diz ela com um beicinho. — Mas eles disseram que não era permitido neste jardim zoológico. Eu fui uma cabra. Foi divertido.

— Isso é ótimo, querida, — eu digo a ela, e me levanto. Eu a olho por alguns instantes, para o seu cabelo castanho claro derramando pelas costas, as tranças uma vez arrumadas que Isabel tinha feito para ela esta manhã, agora todas confusas e bagunçadas, então caminho até a varanda.

— Está tudo bem? — Pergunto a Vera quando passo pela porta deslizante.

Ela não está olhando para mim; sua atenção está no apartamento do outro lado da rua, mas ela engole, maxilar tenso. — Está tudo ok.

— Contanto que não seja bem — eu digo, tomando o assento em frente a ela. — Então você iria soar como Chloe Ann.

Vera traz os olhos para os meus, e eles estão cheios de preocupação. Ela parece exausta também, seu rosto pálido.

— O que aconteceu? — Pergunto, com os olhos voltados para a sala, certificando-me que Chloe Ann ainda está lá.

— Um monte de coisas — diz ela, e sua voz é rouca. — Eu tive um dia ruim.

— Chloe Ann está bem?

Ela balança a cabeça. — Sim. Ela está bem. Estivemos... brigando, eu acho. Eu levanto minhas sobrancelhas. — Brigando?

— Não fisicamente.

— Bem, não, mas do que você está falando?

Ela exala pesadamente e seus ombros caem para frente. — Tudo começou quando fui buscá-la. Eu estava em pé com os outros. Você sabe, os outros pais. Eu cheguei cedo, então eu estava esperando acabar. As crianças estavam conversando em um círculo, e todos nós estávamos de pé. Todo mundo se conhecia. Mas uma garota veio até mim e começou a falar em espanhol. E eu realmente não entendi. Quero dizer, eu entendi o sentido, mas eu disse a ela que eu não falava espanhol muito bem, que eu estava aprendendo. Ela perguntou por que eu estava lá. Ela falava inglês também. Eu disse a ela que estava lá para pegar Chloe Ann. — Ela respira fundo e, por alguma razão, senti uma dor no meu coração, porque eu sei onde esta história vai.

— E a menina diz, oh, interessante, e eu sei que ela está tentando descobrir por que uma pessoa que não fala espanhol, como eu, tem uma criança nesse acampamento, então eu digo que não é minha filha. E mesmo assim, ficou tudo bem, porque a menina balança a cabeça, compreendendo bem. Mas, então, essa filha da puta, que estava ouvindo a coisa toda, vem com sua bolsa Balenciaga, seus sapatos Louboutin, com seu corpo de yoga bem definido, e começa a falar em espanhol rápido para a menina, que, em seguida, olha para mim como se eu fosse um lixo branco de merda.

— Sinto muito — eu me encontro dizendo, mas Vera segue adiante.

— E eu acho que estaria tudo bem, quero dizer só posso imaginar o que esta mulher está dizendo, mas pelo menos eu posso me fazer de burra, e ficar calma. Então, eu estou ali com um sorriso congelado no rosto, e, em seguida, as crianças terminam, e Chloe Ann aparece, enquanto a mulher ainda está vomitando sua merda desprezível. Eu pensei que talvez ela não fosse perder a cabeça, mas isso não aconteceu, porque mais tarde, quando estávamos no carro, Chloe Ann se vira para mim e diz algo como, 'por que você está fingindo ser minha mãe' ou 'você não é minha mãe', e... — Uma lágrima escorre do olho da Vera, e eu chego mais perto para abraçá-la, mas ela levanta a mão para me manter longe. — E eu tentei dizer a Chloe que eu não era sua mãe, mas eu era sua amiga e amiga de seu pai. Mas com o meu espanhol, eu não tenho certeza se ela entendeu. E então ela começou a chorar, dizendo que ela queria seu pai e sua mãe, e que ela me odiava.

— Oh, Vera. Estrella — eu digo a ela.

— Mas isso não é tudo.

— Não é? Precisa de mais?

— Eu me senti tão mal por tudo, que a caminho de casa eu parei em uma sorveteria e disse para Chloe Ann que ela poderia ter o que quisesse. Eu não a impedi de chorar, contudo ela ainda veio comigo até a loja, e eu comprei seu sorvete de menta com gotas de chocolate, e então... — Ela faz uma pausa para enxugar os olhos. — Então, quando estávamos saindo, esse filho da puta apareceu, e começou a tirar fotos de nós. Chloe Ann começou a chorar mais, e eu apontei para o cara, gritando que se foda para o cara ir embora.

— Bom — eu digo a ela, colocando a mão em seu joelho nu e apertando. — Estou feliz que você fez isso.

— Sim, mas agora isso vai sair nos jornais.

Eu dou de ombros, fingindo que não significa nada. Eu não quero aumentar o complexo de culpa da Vera. — Possivelmente, talvez não. Mas isso significa que eles estavam seguindo você?

— Eu não sei — diz ela francamente. — Era o seu carro, talvez eles saibam o que procurar.

— O fotógrafo não disse nada para você?

Ela balança a cabeça. — Não, ele só tirou a foto. Quando eu comecei a gritar, ele foi embora como eu pedi. Mas ainda assim, eu acho que Chloe Ann ficou traumatizada.

— Ela está bem, Vera. Ela está dentro de casa assistindo um desenho animado. Ela me disse que teve que ser uma cabra no acampamento hoje. Isso é tudo o que está em sua cabeça.

— Ela me odeia — ela fala derrotada.

— Não, não, não — eu digo, agarrando seu belo rosto em minhas mãos. — Ela não te odeia. Ela é minha filha, e você é meu amor, e só há amor entre vocês duas. Ela é apenas jovem, isso é tudo. Ela está bem. É com as mulheres do acampamento que eu tenho que me preocupar. Eu vou falar com elas, não se preocupe com isso.

Ela aperta os olhos fechados. — Mateo, por favor — diz ela dolorosamente. — Não tente corrigir outro problema. Basta deixá-las para lá. Deixe aquelas cadelas dizerem o que quiserem.

— Existe uma diferença entre dizer o que querem e dizer na frente da minha filha. Eu não vou deixar Chloe Ann ser alimentada com mentiras sobre você e eu. Isso não é justo com ela ou com nós, ou até mesmo com a Isabel. — Eu a deixo de lado e me levanto. — Agora vem para dentro, e vamos pedir o jantar para hoje à noite. Você pode dizer a Chloe Ann que ela pode pedir o que ela gosta.

Vera parece insegura, mas eu pego seus braços e a levanto. — Pare de se esconder aqui e vá para dentro. Chloe Ann está bem, você vai ver.

Por um momento penso que Vera irá montar acampamento lá fora para sempre, mas, em seguida, ela passa a mão nos cabelos colocando-os para trás, ajeita os ombros, e entra no apartamento passando por mim. O fato de que ela está agindo assim, tentando impressionar minha filha, faz coisas curiosas em meu coração. Eu não posso deixar de pensar, fora toda a sua juventude e insegurança, Vera seria um dia, uma mãe maravilhosamente amorosa e compassiva.

E como Chloe Ann faz as pazes com Vera, nós resolvemos por uma noite de pizza e desenhos animados, o pensamento aumenta e aumenta e aumenta, até que é tudo que eu posso pensar.

Porém, por enquanto, há outras coisas para fazer primeiro.

Durante a quinta-feira e a sexta, Vera e eu estamos atentos procurando as últimas notícias das revistas de fofocas. Apesar de não dizermos isso, eu sei que ela está tão convencida como estou, de que a foto dela com Chloe Ann irá aparecer em algum lugar.

Quando aparece na sexta-feira à tarde, no site de uma revista, quase estou aliviado. A busca acabou. Aí está, a maldita mentira.

Felizmente, encontrei quando estou em casa com Vera, e não no meu escritório. Pedro poderia ter ficado louco por causa disso, porque o que a revista disse, não é bom para imagem do Atlético, e especialmente para a minha.

É apenas uma imagem, mas a imagem diz mais que mil meias-verdades: Chloe Ann está em pranto e tentando ficar longe de Vera que está segurando sua mão com força, a outra mão mostrando o dedo do meio, que não foi desfocado. O rosto de Vera está irritado, sobrancelhas comprimidas, lábios em um sorriso de escárnio. Por um momento eu estou grato que ela não está com seus vestidos sensuais, como de costume, mas com uma calça capri e uma blusa conservadora,

caso contrário, a imprensa teria algo terrível a dizer sobre isso. Ela soube como se vestir quando foi buscá-la.

O artigo fala sobre o quão infeliz a minha filha está com Vera – a garota canadense destruidora de lares – e como o divórcio afeta muito mais do que apenas o pai. Como de costume, há uma série de pontos de exclamação com exagero e declarações ousadas que acompanham a maior parte do lixo dessas revistas.

Quando eu sento olhando para isso no Macbook, Vera está horrorizada e lendo sobre meu ombro, eu me sinto com tanta raiva, que penso que poderia morrer ali. Eu olho para o nome do homem que escreveu o artigo, Carlos Cruz, que é também o fotógrafo, eu estou supondo que é o com o “mullet”, e imediatamente estou planejando como posso caçá-lo, e bater nele até acabar com sua vida.

Mais uma vez, Vera pede desculpas, e mais uma vez eu tenho que convencê-la de que não é sua culpa. Ela fez a coisa certa – a coisa mais doce – e os paparazzi a pegaram em um momento ruim, que é sempre o melhor momento para eles. Digo a ela que isso vai passar, que não está dizendo nada que não vimos antes.

Eu acredito nisso também, de verdade.

E então eu recebo um telefonema.

De Isabel.

Eu fico olhando para a tela do telefone, enquanto ele está na minha mão, e eu sei, eu sei, por que ela está ligando. Ela viu a mesma coisa. Ou ela estava procurando por isso, encontrou por si mesma, ou alguém a avisou sobre isso, mas ela viu. Eu coloco o computador no colo de Vera e me levanto. Minha mão, enquanto coloco o telefone no meu ouvido, está tremendo ligeiramente.

— Olá? — Eu respondo.

Eu escuto o ar sendo sugado por entre os dentes.

— Mateo — diz Isabel, seu tom esculpido em gelo e neve. — Nós precisamos conversar.

Eu limpo minha garganta. — Nós estamos falando.

— Não — ela diz, e é então que eu percebo o quanto ela está se refreando. Há um gorgear em sua voz debaixo de todo o aço. Ela está prestes a perder a cabeça. — Você vem aqui. E então nós vamos conversar.

Eu olho para Vera que está olhando para mim, aflita, como se ela soubesse. Gostaria de saber se existe alguma maneira de fingir que eu não tenho

nenhuma ideia do que Isabel quer falar, mas eu decido que não há nenhuma razão. Vai acontecer de qualquer maneira.

— Tudo bem — eu digo. — Quando? Segunda?

— Agora. Mesmo.

Eu sou um homem morto. Isabel deve estar fora de si, se ela viu o artigo. Ninguém quer admitir que está com medo da sua ex-esposa, mas eu estou.

— Tudo bem — eu digo. — Vou sair agora.

— Deixe a vagabunda em casa — ela ordena, e, em seguida, desliga o telefone antes que eu possa dizer qualquer coisa.

Eu engulo e olho para baixo para o telefone por um instante, antes de dar um sorriso sem graça para a Vera. — Isabel. Eu acho que ela sabe. Eu tenho que ir.

Vera parece querer protestar, mas ela só balança a cabeça, os nós dos dedos tensos enquanto ela distraidamente segura o computador. — Tudo bem — diz ela em voz baixa. — Eu sinto muito.

— Vera, pare — eu digo, levantando minha mão. — Eu não quero ouvir mais desculpas de você. — Eu suspiro. — Por que você não procura online um restaurante que nunca fomos? Quando eu voltar, vamos sair para comer, ficar bêbados, fazer sexo. Parece bom, não é?

Comida, álcool e sexo são três de suas coisas favoritas, mas a sugestão nem se quer traz um sorriso em seu rosto, apenas um pequeno encolher de ombros. Ela está realmente sofrendo. Eu quero ficar e confortá-la, mas isso terá que ser mais tarde, e naquele momento, tenho a sensação de que ela pode ter sido a única que me consolou.

Chegar à casa de Isabel e Chloe Ann leva muito mais tempo do que deveria. O trânsito de sexta à noite parece estar mais louco hoje, e eu realmente vejo duas pessoas em uma briga ao lado de seus carros parados. O calor está pegando todo mundo, e mesmo que o ar condicionado no SUV esteja no máximo, imagino o que aconteceria se, de repente, parasse. Eu também provavelmente saltaria para fora do carro, e começaria a gritar com o mundo, subiria no telhado, e bater meus punhos contra o meu peito.

Este mês tem sido uma loucura.

Quando eu finalmente chego na casa – minha antiga casa – eu me sinto como um relógio ferido. Eu respiro profundamente, e me dirijo até a porta da frente. A pequena parte do jardim da frente está tão impecável como sempre, você nunca imaginaria que uma criança pequena mora aqui. Isso é tudo Isabel, é claro.

Eu toco a campainha em vez de bater. Parece estranho até mesmo fazer as duas coisas quando eu costumava simplesmente entrar. Esta foi a minha casa durante sete anos. Agora é a casa de uma estranha.

Quando Isabel atende a porta, ela é o retrato de fúria. Embora seu cabelo loiro esteja bem preso na lateral e ela está usando um vestido simples que mostra anos de yoga e pilates, os ombros estão tensos, seu rosto está vermelho, e seus olhos são tão nítidos como lâminas de barbear, pronto para tirar sangue. Tenho certeza que quando ela abrir a boca sua linguagem será igual.

— Isabel — eu digo cordialmente, embora também não estou sorrindo.

— Você está atrasado — ela ferve.

Eu olho para o meu relógio e encolho os ombros. — Tráfego. Eu não sabia que eu estava sendo cronometrado.

Seus olhos se estreitam. — Eu tenho dificuldade em acreditar que você não está ciente de alguma coisa.

E então, já que estamos indo para frases de duplo sentido. Hora de encarar isto de frente.

— Por que você me chamou aqui, Isabel?

Eu entro no hall, que ainda cheira como limões e madeira polida, e ela bate à porta atrás de mim. — Você sabe muito bem por que está aqui.

E então, ela irrompe em uma enxurrada de insultos explícitos bem interessantes e palavrões que eu já ouvi, cada um deles atirados em mim como uma arma. Como de costume, eles saltam fora da minha pele. Estou quase impressionado com os nomes que ela me chama, jogando em torno declarações vazias como “mal pai”, e “crise de meia-idade”, e “pôr em perigo a nossa filha”, mas não até que ela traz o nome da Vera para isso, que eu tenho o suficiente.

— Não foi como se ela estivesse pedindo por isso — eu atiro de volta para ela, tentando controlar meu temperamento. — Ela estava apenas levando Chloe Ann para tomar um sorvete.

— Minha filha é intolerante à lactose! — Ela grita, horrorizada.

Eu franzir a testa. — O quê? Não, ela não é.

— Sim, ela é! E você sabe quanto açúcar tem no sorvete? Eu não terei uma filha gorda que tem diabetes antes que ela esteja no ensino médio.

Eu levanto minhas sobrancelhas para os céus. — Isabel, sério. Ela é uma criança, as crianças comem sorvetes, e ela não é e nunca foi intolerante à lactose. Você a alimenta com queijo o tempo todo. Você está mais chateada com isso ou com a foto?

Ela dá um passo em minha direção, as unhas para fora, e eu não tenho certeza se ela está indo me dar o tapa habitual ou não. Eu me mantenho firme e não desvio o olhar. — Você me fez parecer uma idiota mais uma vez. Você sabe, todo mundo estava falando sobre a Vera na semana passada, sua dança com aquele garoto no clube, e fiquei feliz. Realmente, eu estava feliz, porque ela estava fazendo pela primeira vez, você parecer um idiota. Mas então havia mais fotos, de vocês dois, jantando, saindo para uma caminhada, e depois de minha filha com aquela pequena vagabunda miserável, e toda vez que uma revista fala sobre o nosso divórcio, cada vez que me lembram que você me jogou de lado, apenas para obter alguns lábios jovens em torno de seu pau de uma vagabunda estrangeira gorda, e...

— Cala a merda da boca! — Eu grito com ela, dando um passo à frente, então, estou com o rosto próximo ao dela, segurando-a. — Você cala a porra da sua boca, e mantenha suas palavras vis para si mesma, ou isso vai ficar muito feio.

Ela não recua. — Já está feio! — Ela joga as mãos para o teto. — Você tem a minha filha em destaque na lama!

— Ela é minha filha também! — Eu rujo de volta. — Você não acha que isso me incomoda?

Ela me dá um olhar de desprezo. — Eu acho que você agradece a Deus cada vez que eu pareço uma idiota. Eu acho que você tem lhe agradecido muito ultimamente.

Eu me afasto, enterrando meu rosto em minhas mãos, e deixo escapar um gemido de desespero. — Isabel, por favor. Apenas me escute. Nada disso foi feito de propósito, foi uma grande infelicidade. Você sabe que estar de volta no Atlético vai chamar a atenção novamente para mim, mas tudo vai desaparecer depois de um tempo.

— Todo esse tempo — ela diz baixinho. A mudança tom é chocante, e eu tenho que olhar para ela. — Todo esse tempo que você poderia ter feito alguma coisa para você mesmo, e você não fez. Não até que você me deixou. Não até agora.

Eu franzo a testa, intrigado. — Obrigado, Isabel. Até recentemente, eu tinha um restaurante, um dos mais bem-sucedidos, por você ter me incentivado a fazer. Estou bastante certo que isso conta como fazer algo comigo mesmo.

Ela olha para mim incisivamente. — Você sabe exatamente o que quero dizer.

E eu sei. Mas como é que eu vou explicar que encontrar Vera me fez perceber que eu estava vivendo uma vida errada? Isso não significaria nada para Isabel, e só acrescentaria combustível para o fogo.

— Onde está Chloe Ann? — Eu pergunto, mudando de assunto.

— No andar de cima.

— O quê? Você me chamou aqui para uma briga quando ela está lá em cima?! — Minha garganta aperta, e eu estico meu pescoço para olhar a escada. Felizmente Chloe Ann não está lá. — Como você ousa deixá-la exposta a isso? Você não acha que ela já passou por coisas suficiente?

Ela encolhe os ombros e passa as unhas feitas contra os lábios finos. — Bem, eu tenho certeza que ela já está acostumada com isso. Isso não é nada comparado ao fato de estar sendo feito de bobo para toda a Nação. Meu Deus, Mateo. Com que tipo de garota que você está saindo, hein? Fazer a minha garotinha chorar daquele jeito.

Minhas mãos fecham e abrem. — Garotinhas choram o tempo todo. Não foi nada que Vera fez...

— Exceto levar seu pai para longe dela. Isso é o que ela fez.

— Você não entende.

— Não. Eu não entendo. E ainda bem. Se eu entendesse você, e suas motivações, isso significaria que eu tenho o cérebro de uma cobra.

— Você tem certeza que não entende?

— Se cuide, Mateo. Falo sério. — O jeito que ela se centra em mim, assim como um réptil que ela diz que não é, eu sei que ela está falando sério. — Não me faça mudar as coisas para você, porque eu vou.

— Você está me ameaçando?

Ela olha para seus sapatos pontiagudos. — Não. Eu não estou. E sei que tenho que construir um processo realmente bom contra você, se eu quiser afastar Chloe Ann de você. Você ganhou seus direitos de forma justa, não é? — Ela olha para cima, e nós sabemos que ela está falando sobre o dinheiro que eu paguei a ela. — Mas se qualquer coisa como esta acontecer novamente, eu não posso prometer que outras pessoas não vão tomar algum tipo de ação.

— Ação? Que diabos você está falando? Outras pessoas?

Ela levanta uma sobrancelha e um sorriso mal-intencionado aparece em seus lábios. Eu sei o que ela quer dizer, pelo menos a parte das pessoas. A família dela. Os sangues azuis, que antes tinham laços com a linhagem real espanhola, os mais pretensiosos, amargos sogros e cunhados que você poderia ter. — Basta manter a minha filha fora dos jornais. E mantenha-se fora disso, também. Se eu ou minha família formos arrastados para a lama mais uma vez, as coisas não serão mais tão fáceis. Você sabe que se livrou fácil de tudo isso, não é?

Eu mexo meu queixo para trás e para frente para aliviar a tensão, mas eu não digo nada. Eu só passo pela Isabel e vou embora. Mas quando estou no carro e escuto a porta se fechar, não posso evitar, e me viro. Chloe Ann está na janela do segundo andar, abraçando seu urso panda de pelúcia perto dela, olhando para mim com olhos grandes.

Meu coração parte em pedaços. Eu levanto minha mão para acenar para ela, mas ela só se vira e se afasta da janela, desaparecendo na escuridão do quarto. É preciso tudo o que tenho para não quebrar, não perder a cabeça. Eu entro no carro e demoro alguns minutos para recuperar a compostura, para acalmar o meu coração, para fazer a dor desaparecer por dentro. Isabel estava certa. Eu consegui me livrar dessa fácil. Tudo antes parece fácil em comparação com a dor de agora, e a dor que eu sei que virá.



Capítulo Sete

Estou começando a me sentir como um prisioneiro em minha própria casa. Eu não me importo muito, mas Vera parece inquieta, como um animal enjaulado. Quando voltei da casa de Isabel, decidimos não dar a chance de nossas fotografias serem tiradas novamente, e apenas ficamos dentro de casa durante a noite. Nós pedimos comida chinesa gordurosa, e acabamos com duas garrafas de vinhos caros, da minha adega improvisada no armário da frente, mas eu sei que Vera está ansiosa para ir lá fora e se soltar. Ela está um pouco bêbada, como eu, e apesar de nos sentirmos sem restrições, eu sei que esse sentimento é temporário. É um band-aid, mas é garantido. Neste momento precisamos ignorar as feridas.

É tarde quando o telefone toca, e mais uma vez é Isabel. Eu suspiro, dando a Vera um olhar cansado, e ela balança a cabeça, indo em direção ao banheiro com o seu copo de vinho. Ela não precisa me dar privacidade, mas isso me faz sentir melhor, se ela não está ao alcance da voz das palavras potencialmente vis de minha ex-mulher.

Felizmente, Isabel é breve. Ela me diz que está levando Chloe Ann para ver seus pais no fim de semana e eu não serei capaz de vê-la. Eu normalmente tentaria discordar disso, mas deixo passar. Me preocupa, como deveria, que este poderia ser o início de um novo padrão, mas no momento eu realmente não tenho um fundamento para me sustentar. O vinho também não me ajudaria a ganhar qualquer argumento também.

— O inferno não é pior do que uma mulher desprezada.

Me viro na cadeira, enquanto coloco o telefone de volta no bolso, e dou um olhar curioso para Vera, enquanto ela caminha na minha direção. Outra gíria que não entendo. — Lamento não entender.

Ela me dá um sorriso suave, mas cansado e senta-se no braço do sofá. Eu imediatamente envolvo meu braço em volta da sua cintura, e a puxo para baixo em meu colo, onde ela cai com uma risadinha embriagada, os cabelos escondendo o sorriso maroto no rosto.

— Explique, — Eu exijo. — Ou vou puni-la com beijos.

Ela levanta a sobrancelha. — Seguido de punição com pênis?

Eu dou de ombros, feliz que ela está agindo brincalhona. — Isso pode ser providenciado. Agora me diga, minha Estrella.

Ela suspira e enterra seus lábios no meu pescoço. Eu não posso evitar o pequeno gemido que escapa de mim, nem minha dureza crescendo debaixo da sua bunda. Seria tão bom – tão bom – apenas sucumbir à necessidade física, para afastar toda essa angústia mental. Eu fecho meus olhos e luto contra a vontade de pegá-la e levá-la para o quarto, a única outra maneira que eu sei como fazê-la sentir-se segura e satisfeita, a única maneira que sei como escapar durante um momento como este.

— O inferno não é pior do que uma mulher desprezada — diz ela contra a minha garganta — é um ditado. Eu não sei de onde vem, mas isso é mais o menos o que significa, que não há nada mais assustador do que uma puta irritada. — Ela faz uma pausa, sugando a respiração, e eu sei que ela teme ter dito a coisa errada. — Desculpe — ela rapidamente acrescenta, e eu sinto seu corpo tenso sob meus dedos. — Eu não quis dizer que Isabel é uma puta.

Ela anda tão nervosa ultimamente medindo suas palavras, é como se estivesse adivinhando todos os aspectos do seu ser. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça com minha mão e deixo a suavidade de seu cabelo passar em mim. — Eu sei que você não quis, — eu asseguro. — E, bem, ela está sendo uma puta. — E isso é um grande eufemismo.

— No entanto, você pode culpá-la? — Ela pergunta, levantando a voz, e quando ela se afasta de mim, seus olhos estão molhados. Isso parte o meu coração. Estou ficando cansado de ter meu coração partindo, e eu sei que isso não vai mudar tão cedo. Todos os dias há outro peso sobre nós e outra rachadura aparece.

— Não — eu digo com sinceridade. — Eu não posso culpá-la.

Um silêncio cai sobre nós, pesado como um manto.

Finalmente, ela limpa a garganta. — Ela vai ficar magoada por um longo tempo — diz ela. — Ela vai ficar com raiva. Isso não vai sumir. Eu pensei que tudo tinha ficado para trás, que ela seguiria em frente. Vocês se divorciaram há um ano, se ela ainda está com tanta raiva um ano depois...

— Ela está com raiva, porque voltei para o Atlético — eu digo a ela. — Ela está puta por causa dos paparazzi, a maneira como eles estão nos perseguindo novamente. Ela está furiosa, porque sente que parece que está sendo feito de boba. Se eu tivesse ficado com a cabeça baixa, ela não estaria fazendo isso.

— Mas você não pode viver sua vida com medo, Mateo — ela me diz.

Eu sorri para ela e retiro o cabelo do seu rosto. — E nem você pode.

Ela se volta contra o meu corpo, afunda, se molda. Ela é uma segunda pele. Ela é uma parte de mim que eu não posso suportar me separar. Rezo para que eu nunca precise. Rezo para que possamos sobreviver a tudo o que está vindo em nossa direção.

E eu posso sentir isto vindo, essa tensão, essa tempestade entrando em cada dia. Estou aterrorizado de que meu plano não funcione, que ela será descoberta, que ela não encontre um emprego, que ela não entre na faculdade. Tenho tanto medo que as estrelas levem o seu brilho para longe de mim.

Eu a levanto em meus braços, e apesar de todas as suas curvas, ela pesa nada mais do que uma pena. Eu a levo pelo corredor até o quarto e a jogo na cama. Ela brilha nas luzes ocre da rua que atravessam nossas janelas, e não demora muito para nós dois estarmos nus, e eu subo em cima dela, prendendo seus braços acima da sua cabeça, e bebendo em seu corpo como o mais bonito, vinho decadente.

Eu vou devorá-la até que tudo isso tenha desaparecido

Eu vou consumi-la até que nós sejamos tudo o que resta.

Eu empurro dentro dela e deixo que a minha fome assuma.

Eu deixo minha fome nos levar para um lugar melhor. Quente, lento e fugaz. Fugaz.

Quando acordamos na manhã seguinte, emaranhados nos braços um do outro, o sol brilhando através das janelas, parece que só temos um ao outro e isso é tudo o que resta.

Talvez tenha sido sempre assim.

Eu me lanço no meu trabalho. Chego cedo ao estádio, e saio tarde, mas não faço nada para desencorajar os fotógrafos que estão por vezes, esperando pela estrada apenas por um vislumbre de mim. Eu não consigo entender isso, porque até uma foto minha entrando em um carro, significa algo para eles, e depois de um tempo eu paro de tentar.

Vera também se mantém ocupada, preenchendo toda a papelada para a faculdade e ficando quieta. Várias vezes Claudia ligou ou passou por aqui, e enquanto elas se divertem bebendo e dançando ao redor da sala, eu começo a me sentir como um pai que colocou a criança de castigo. Ela até desistiu da sua aula de espanhol, e agora eu a ensino. Por mais que eu não goste quando Vera sai, eu percebo que ela precisa se soltar e se divertir. Ela tem um espírito muito livre para ficar escondida, mesmo quando há muito sexo para distraí-la.

Quando a manhã de quarta passa, eu pego Chloe Ann do seu dia de acampamento. Vera fica em casa – desta vez sem objeção – e eu vou com um plano em mente. Eu não estava brincando quando disse que queria falar com essas mães no acampamento para colocá-las em seu lugar.

Quando entro no prédio da escola onde o acampamento é mantido, sou imediatamente recebido com olhos hostis. Cada mulher está olhando diretamente para mim com a mesma expressão: os lábios franzidos, uma única sobrancelha levantada, um olhar perspicaz.

Chloe Ann corre direto para mim.

— Papai! — Ela grita, jogando os braços em volta da minha perna. — Você veio.

— Que sortuda — uma mulher com um terrível batom escuro sussurra para outra. — Ela não tem que ser traumatizada por aquela puta novamente.

Eu olho para mulher bruscamente. — Desculpa? — Eu digo alto o suficiente para que todos possam ouvir.

A mulher não parece ter medo. Ela dá um sorriso falso que se parece com um traçado de giz. — Como você está, Mateo? Nós sentimos sua falta na semana passada. Pelo menos, sua filha sentiu.

— Papa — Chloe Ann grita, puxando minhas calças. — Podemos ir, por favor?

Eu coloco uma mão gentil no topo de sua cabeça. — Só um minuto, querida, — eu digo a ela, então volto a minha atenção para a mulher. — Você sabe, eu tenho certeza que qualquer pai aqui, apreciaria se você não usasse essas palavras na frente das crianças.

A professora da creche, a Sra. Caro, olha para cima antes de colocar os brinquedos numa caixa. Ela é a única mulher que parece preocupada. Todas as outras mulheres ainda estão olhando para mim com ódio absoluto em seus olhos. É só agora que eu percebo que o olhar sempre esteve lá, eu apenas nunca notei. É claro que elas odeiam o homem que ferrou uma das suas, e, claro, elas odeiam a Vera, que elas a consideram uma prostituta – a outra mulher.

— Eu não sei do que você está falando — a mulher do delineador de lábios diz arrogantemente. — Se alguém está dizendo palavrões em torno de sua filha, não sou eu. Talvez você devesse perguntar o que sua namorada adolescente está dizendo. Talvez ela precise que sua boca seja lavada com sabão...

A mulher cai em um ataque de risos, inclinando-se contra sua amiga, enquanto todas as crianças são ignoradas. Ela também é uma ignorante, pelo fato de que é a única agir como uma adolescente.

Não posso me rebaixar ao seu nível. Eu não lhe darei uma resposta.

Eu me levanto e seguro a mão de Chloe Ann, e a levo para longe. A mulher grita atrás de mim: — Dê meus cumprimentos a Isabel. Diga a ela que sinto sua falta.

Eu respiro fundo, mas continuo andando. Estamos no estacionamento, quase no carro, quando o fotógrafo do ‘mullet’ aparece do nada e começa a tirar fotografias, as lâmpadas piscando.

Eu imediatamente fico na frente de Chloe Ann, protegendo-a das luzes da lente, e eu posso ouvi-la chorar de medo atrás de mim.

— Saia da minha frente, — eu falo para o fotógrafo, colocando meu braço na minha frente. Eu não quero nada mais do que soltar uma sequência de palavrões, mas considerando o que eu tinha acabado de dizer anteriormente, isso me faria um hipócrita.

Ainda assim, esta situação pede por isso mais do que qualquer outra coisa.

— Sua filha está sendo maltratada, Sr. Casalles?

A pergunta me pega tão de surpresa, que eu fico de queixo caído, e só consigo piscar, antes de me flash me cegar novamente.

— O que maldição? — Tanto para não xingar.

— Sua filha, — o homem continua. Clique, clique, clique. — Ela estava chorando, angustiada quando eu a vi pela última vez. Sua namorada está a maltratando?

— Que porra é essa? — Eu grito, punho para cima, e Chloe Ann chora. Eu rapidamente a pego, abro o carro, coloco-a para dentro e fecho a porta, as janelas escuras a protegem do escândalo.

Eu viro para encará-lo como se eu estivesse enfrentando um agressor. — Agora, por favor, que porra você está falando? Ninguém está maltratando ninguém. A minha namorada buscou minha filha no dia do acampamento. Elas tomaram sorvete. A minha filha estava chateada com uma coisa ou outra, bobagem de criança, e você seu idiota, decidiu que era uma merda de um grande momento para tirar a maldita foto. Se alguém está abusando de alguém por aqui, é você. Me perseguindo a cada porra de lugar que eu vou, me aterrorizando, minha namorada, minha filha. Você é nojento. — Eu me viro para colocar a mão na maçaneta da porta. — E se eu ver seu rosto novamente, eu vou arrancar sua cabeça fora.

O fotógrafo para de fotografar por um momento, e a pausa é o suficiente para que eu me vire para olhar para ele. Ele está olhando para mim com um sorriso estranho no rosto. — Você está me ameaçando, Sr. Casalles? — Ele pergunta. — Eu acho que você está. Sr. Casalles ameaça jornalista local enquanto ele está à beira de outra crise de meia-idade. Por que você não tornar as coisas mais fáceis para mim, e me diz por qual boceta você vai trocar o seu atual modelo?

Eu não penso. Eu mal sinto. Eu apenas dou o soco.

Eu consigo ultrapassar a câmera e bato bem no nariz. Eu sempre fui bom em fazer o gol. Ele grita de dor, e sua câmera cai se despedaçando no chão. Eu não acho que já tenha sentido alguma coisa tão satisfatória, mas a sensação dura apenas um momento, até eu ouvir Chloe Ann chorando dentro do carro.

Eu realmente fiz besteira desta vez. Eu posso ouvir vozes atrás de mim, e algumas das mães do dia do acampamento presenciaram tudo. Eu espero que elas também tenham visto tudo o que ocasionou o golpe, mas sabendo da sua vingança determinada, provavelmente não faria diferença.

E então, eu entro em pânico. Enquanto o fotógrafo, segurando o nariz e soltando todos os palavrões, se abaixa para recolher sua câmera quebrada, eu entro no carro e rapidamente ligo o motor. Eu saio da vaga do estacionamento – Chloe Ann fungando no banco de trás – e vou para a estrada.

Deixo o incidente para trás, mas eu sei que ele não vai me deixar.

Quando eu chego em casa, Vera deixou um bilhete dizendo que ela saiu para uma curta caminhada. Chloe Ann se acalmou, e eu tento lhe explicar-lhe porque o papai fez o que fez. É difícil, porque o que eu quero incutir na minha filha é a capacidade de arcar com o que a vida joga nela, sem partir para violência ou perder a compostura. Eu não quero que ela acredite que não há problema em machucar alguém só porque eles te machucam.

Eu acho que eu consegui passar isso para ela; ela parece entender, balançando a cabeça pequena e olhando para suas pequenas mãos.

Quando Vera volta, ela imediatamente vê que algo está errado. Felizmente agora, Chloe Ann está sorrindo, e não parece abrigar qualquer ressentimento em direção a ela.

— Eu fiz besteira — digo a Vera, e percebo quão ferida minha voz soa.

Seu rosto desaba e ela pega a minha mão, me levando para o sofá.

— Me conta — ela pede, sentando e me puxando para baixo ao seu lado.

Sabendo que Chloe Ann está ocupada com um livro de colorir e de qualquer maneira não consegue entender inglês, eu conto desde o início, desde que cheguei ao acampamento e tive que lidar com aquelas mulheres horríveis, até sair da cena do crime, Chloe Anne chorando na parte de trás.

Colo meu rosto entre minhas mãos, me inclino sobre os joelhos, e tento me esconder do mundo. Vera esfrega a mão lentamente para cima e para baixo nas minhas costas, mas não diz nada. Não há nenhum “vai ficar tudo bem” porque como é que tudo vai ficar bem? Como poderia? As coisas já estavam ruins antes, e eu apenas coloquei esse último prego no lugar. Não importa que eu possa ter tido o direito de atacar, mas eu conheço este fotógrafo, e o parasita que ele é, e ele não vai deixar barato.

— Ele vai prestar queixa, — murmuro em minhas mãos.

Ela para de esfregar minhas costas. — Ele disse isso?

— Eu apenas sei.

E eu estava certo. Na manhã seguinte, recebo um telefonema do departamento de polícia me informando para arranjar um advogado porque o Sr. Carlos Cruz quer me processar por agressão. Eu acabo tendo um dia de folga no trabalho para resolver tudo – a última coisa que eu quero é que Pedro saiba sobre isso, e eu preciso fazer tudo o que posso, a fim de manter isso debaixo dos panos.

Eu sabia que não seria fácil. O meu advogado, que eu tinha visto muito durante o ano passado, me diz que há uma boa chance de isso não ir para o tribunal e que pode ser resolvido de outra forma com grandes somas de dinheiro. Aparentemente eu sou bom em pagar as pessoas. Mas ele não está muito otimista sobre ficar fora dos jornais, de qualquer maneira, não quanto a isso.

Quando eu deixo Chloe Ann na casa de sua mãe, estou tentado a dizer a ela tudo ali mesmo. Dessa forma, não será uma surpresa quando ela ler sobre isso. Mas de alguma forma eu não consigo me forçar a fazer isso. Há esta pequena esperança dentro de mim, brilhando vagamente, que talvez o Sr. Cruz esteja tão envergonhado ou embaraçado sobre o incidente que não irá para os tabloides.

Só mais tarde, é que percebo que eu deveria ter dito alguma coisa. Mesmo se o fotógrafo não falasse, há uma chance de Chloe Ann dizer se Isabel perguntar a ela sobre sua estadia. Dizer que eu passei o resto da quinta-feira uma pilha de nervos, é um eufemismo.

Agora é sexta-feira. São dez da manhã, e eu estou de volta à minha mesa, distraidamente observando jogos antigos e jogos ganhos no meu computador, em uma tentativa de compreender melhor a equipe. Eu mal consigo me concentrar. Eu estou praticamente um inútil. Meus dedos doem, mas eu aposto que seu rosto dói ainda mais.

Há uma batida na minha porta. Eu me viro na cadeira para ver Pedro, do outro lado do vidro, fazendo sinal para que eu abra. Eu não sei por que ele não simplesmente entra já que não está trancada, mas ele é o tipo de cara que se envolve em pequenas lutas de poder ao longo do dia.

Eu lentamente me levanto da cadeira e caminho até a porta. — Sim, senhor? — Pergunto quando eu abro a porta, olhando-o com curiosidade. Ele parece o mesmo de sempre – um sorriso fácil com os olhos endurecidos – por isso não posso ler do que se trata.

— Mateo. — Ele diz meu nome como se ele não estivesse certo se é meu. — Como você está se sentindo?

— Muito melhor — digo a ele. — Intoxicação alimentar.

Há um levantar quase imperceptível de sua sobrancelha. — Que bom. Fico feliz em ouvir que você está melhor. Escuta... posso entrar?

Eu tento não engolir o tijolo na minha garganta. — Claro, — eu digo a ele, dando um passo para o lado.

Ele cruza os braços e olha ao redor do escritório. — Onde está Warren?

— Com Diego — digo a ele. — Lá embaixo.

— Bom — ele diz novamente. — Mateo — diz ele, e, em seguida, faz uma pausa como se estivesse segurando a respiração. Eu espero o pior. Ele já sabe. Eu estou demitido.

— Eu acho que nós podemos mudá-lo para a posição de Warren antes de você assumir o lugar de Diego. Estaremos por fazer isso em outubro. Está tudo bem com você?

Eu pisco algumas vezes. — Me desculpe?

Suas sobrancelhas grisalhas franzem, como se eu já soubesse disso. — Nós achamos que você estava pronto. Eu acho, de qualquer maneira. É melhor se livrar de Warren agora.

— Uh, mas, senhor, eu pensei que Warren iria ficar como meu assistente técnico?

Ele sorri cautelosamente. — Ah, Mateo. Que pensamentos ingênuos. Warren já sabe que ele não vai a lugar nenhum. Você tirou o lugar dele. Ele estará em melhor situação com uma outra equipe. Ele não terá nenhum problema em encontrar uma, de preferência na Inglaterra.

Parece que hoje em dia, todos que falam inglês são demitidos. Eu não sei o que dizer, só que eu, pessoalmente, não acho que estou pronto para ser assistente técnico do Atlético. Ainda não tivemos o nosso primeiro jogo oficial da temporada — que começa na próxima semana.

— Por que você está esperando até outubro, quando o campeonato está em pleno andamento?

Ele dá de ombros. — Lhe dar algum tempo para ver o time em ação real.

— E quem você vai contratar para a sua posição?

Outro dar de ombros e ele se vira para a porta. — Veremos. — Pelo tom de sua voz, soa como ele estivesse atirando em um barril de peixes longe dele.

Ele sai, fechando a porta atrás dele, e de repente eu sinto como se as paredes estivessem desmoronando sobre mim. Eu deveria estar contente em mudar para o cargo de Warren tão cedo, mas é difícil sentir algo, além de estar sobrecarregado, especialmente quando eu não consigo controlar nada, e minha vida pessoal está a ponto de explodir em algo que temo não poder recuperar.

E eu vou da beira para o meio de um fogo verdadeiro. Às três da tarde, depois de Diego, Warren e Pedro terem saído mais cedo, como costumam fazer nas sextas-feiras, eu recebo uma mensagem de Vera.

Você já viu?

Eu não vi, e não preciso perguntar o que ela está falando.

Eu tomo uma respiração profunda e tento firmar minhas mãos trêmulas, enquanto eu clico na página marcada para o site '*Diez Minutos*'.

Vera me manda uma nova mensagem, mas eu não posso olhar para o telefone. Meus olhos estão colados na tela. É quase tão ruim quanto eu temia. Talvez mais, talvez menos, e sabendo de alguma forma que isto aconteceria, não faz com que pareça diminuir a surpresa.

Desta vez, está na primeira página do site, e talvez seja por isso que faz com que os cabelos na minha nuca se arrepiem, com se o meu peito se enchesse de concreto e areia movediça.

Futuro treinador do Atlético e Ex-estrela do Futebol Ataca Fotógrafo.

Há três imagens. Uma delas sou eu caminhando com Chloe, tentando protegê-la de sua lente. A outra é eu gritando com ele, a saliva voando para fora de meus lábios. A última é do Carlos – depois de ser atingido – com seu olho roxo ferido, e seu nariz sangrando. Ele não parece horrível, mas ele com certeza fingiu uma expressão de dor.

O artigo não fala a verdade. Ele fala uma mentira. Diz que eu o vi e fiquei irado, querendo vingança por erros passados. Aparentemente eu o acertei sem motivos, quebrei sua câmera, e em seguida, saí correndo da cena do crime. Essa última parte é verdade, é claro, mas a quantidade de mentiras em suas palavras é inacreditável.

Para piorar a situação, ele realmente entrevistou a mulher com o delineador nos lábios, aquela puta imatura. Pelo visto seu nome é Maria Francisco, a esposa de um político local, de algum partido não muito conhecido. Ela disse que sabia que eu era “má notícia” quando me viu buscar Chloe Ann, e já fui antagonizando ela e as outras mulheres no dia do acampamento, sem nenhum motivo aparente. Ela constatou que não ficou surpresa com o ocorrido, e apenas desejava que ela pudesse ter feito algo para proteger o fotógrafo da minha ira. Ela testemunhou o soco que eu “aleatoriamente” tinha dado e, em seguida, correu para ajudar. No momento que ela chegou ao local, eu tinha ido embora.

O artigo continua dizendo que o fotógrafo está pensando em apresentar queixa, e é só então que eu percebo que ele não escreveu o próprio artigo. Suponho que ele achou, que desta forma tinha mais credibilidade.

Quando me sento na cadeira, o quarto parece brilhar mais, as luzes fluorescentes zumbem mais alto. Tudo dentro de mim parece estar preso em um estrangulamento. É como se eu não respirasse, eu não sangrasse, meu coração não batesse. Eu sinto que a minha raiva é tão crua e terrível que está realmente tentando me matar. Eu não acho que eu já estive lívido assim, sentindo tão sem esperança, em toda a minha vida.

Fico sentado por um bom tempo. Parece uma eternidade, parece ter sido há séculos sempre, e quando finalmente consigo me mover, fico chocado ao ver que apenas trinta minutos se passaram. Eu finalmente olho meu telefone e as chamadas não atendidas, e dez mensagens em pânico, todas da Vera.

Realmente, não há nada a dizer. Então eu mando uma mensagem para ela dizendo que eu estou no meu caminho de casa e vou vê-la em breve.

Quando eu entro no apartamento, ainda estou atordoado. Vera esteve chorando, e ela está tremulando ao redor como uma ave que não voa. Ela está preocupada comigo, ela teme por ela. Ela está murmurando coisas sobre eu ir para a prisão, que ela ficará sozinha, que ela nunca mais me verá. Não parece importar que ontem as coisas pareciam mais endireitadas com o advogado. De repente, é como se batesse nela, quão frágil é a vida dela aqui, e ela parece perder a cabeça diante dos meus olhos.

Eu faço o meu melhor para confortá-la, mas é difícil quando eu não acredito na metade da merda que está saindo da minha boca. Mas eu tenho que ser forte,

mesmo que eu não me sinto assim. Eu tenho que ser aquele a fazer com que nós passemos por isso, para mantê-la acima da água, nesta crescente maré furiosa.

Não tenho certeza de como isso aconteceu – talvez foram os copos de uísque que nós tomamos, sentados juntos na sala de estar, e olhando para a brilhante luz do sol do lado de fora, até que ela desapareceu em azul e preto, mas de alguma forma nós passamos o dia.

Bem na hora que estou prestes a dizer a ela, que devemos ir para a cama, e ver o que o amanhã traz, quando penso para mim mesmo, que nós conseguimos passar por isso facilmente, meu telefone toca.

Nós dois congelamos. Sabemos quem é, sem nem precisar olhar. Eu olho para o nome de Isabel no visor da chamada, e pela minha postura, Vera sabe. Ela coloca a mão no meu ombro, me beija suavemente no ombro, e vai para a cama.

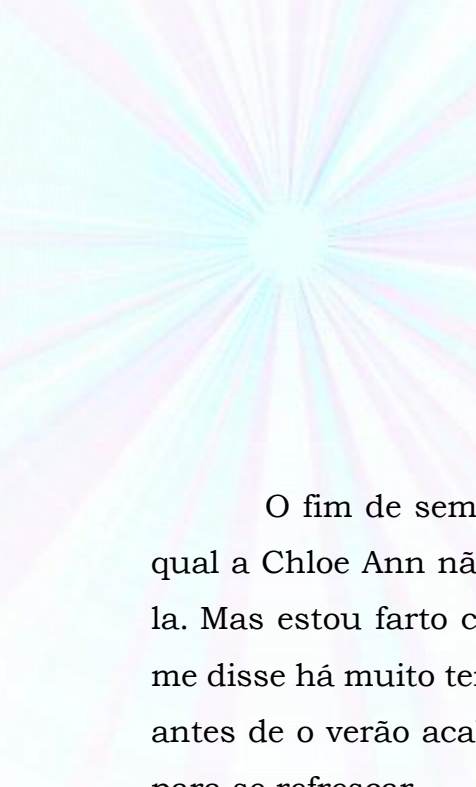
Isabel está furiosa. Isso não é novidade, mas sua raiva tem tantos níveis, que é como o jogo *Zelda*⁷ que eu costumava jogar quando criança. Uma vez que você os desbloqueia, eles continuam vindo.

Eu apenas escuto. E é tudo como eu pensei que seria, ela não tem interesse na verdade, o fato deste homem ser uma ameaça para nós e nossa filha. Ela só se preocupa com sua imagem, por ter sido feito de boba, como foi por consequência, e como parecia para os outros pais. Acho que talvez uma parte dela esteja feliz que acabei em um ato tão violento, porque é uma maneira dela mostrar ao mundo, que o divórcio foi uma boa coisa – lhe dá algum controle. Mas o fato é que seu orgulho fala mais alto do que qualquer outra coisa, e antes de tudo, ela está envergonhada por ter casado comigo.

Quando desligo, eu não tenho certeza de onde estou ou o que vai acontecer. Vou para cama e me enrosco ao lado da Vera. Nenhum de nós dormiu durante muito tempo, mas quando finalmente o sono me alcança, faz isso com tanta ferocidade, que o meu último pensamento nebuloso é o medo que eu nunca possa acordar.

Mas quando eu acordo na manhã seguinte, eu não tenho certeza se era o medo, ou desejo desesperado.

⁷ Vídeo Game da Nintendo



Capítulo Oito

O fim de semana passa em um borrão. Mais uma vez, há uma razão pela qual a Chloe Ann não pode vir me ver, e desta vez não tenho medo de questioná-la. Mas estou farto com a resistência de Isabel e suas desculpas. Parece que, ela me disse há muito tempo, que ela queria levar Chloe Ann para um parque aquático antes de o verão acabar, e que com este calor era cruel negar-lhe a oportunidade para se refrescar.

Eu não gosto disso. Na verdade, eu a odeio com todas as minhas forças. Eu sinto que este é o começo de um processo muito lento de destruição. Mas meus protestos passam despercebidos, e eu passo o fim de semana com Vera, tentando passar por ele com um turbilhão de calor, névoa e álcool.

Temos medo de deixar o apartamento, por isso não saímos, novamente estamos aprisionados, mas desta vez, eu realmente sei que é para o melhor. Eu só sei que o Sr. Cruz estará lá fora, esperando por mim, esperando por uma outra tentativa, e eu sei que outros repórteres se juntarão também. É uma grande história, grande o suficiente para sair na edição de domingo do “El País”⁸

Tinha a minha cara de raiva, tinham as acusações. Você pensaria que estaria acostumado com isso, mas eu não estou. Eu só tinha aparecido no principal jornal da Espanha anos atrás, quando eu estava no Atlético. Para fazer parte novamente, apenas eu, e não um jogador, é grave. Me dói pensar que todos no país – meus pais, meus parentes e minha irmã, e idiotas como Bon e antigos amigos de Isabel e as pessoas com quem estudei em “*Las Palabras*” – eles estão lendo isso, e balançando a cabeça, se perguntando o que está acontecendo comigo, onde eu errei. Eu abandonei minha esposa, assumi uma nova namorada, voltei para o Atlético, dei um murro em um fotógrafo. É sempre um passo em frente, dois passos para trás. Dar e receber. O equilíbrio dos cosmos.

⁸ Principal jornal da Espanha.

O pior vem na segunda-feira de manhã, quando percebo que tenho que deixar meu apartamento para ir ao trabalho, e uma vez no trabalho, vou ter que enfrentar consciente a fama de ira do Pedro.

Eu chego a garagem sem incidentes, mas quando eu tiro meu carro para a rua, eu posso ver a multidão de repórteres reunidos. Alguns deles começam a correr para mim, piscando suas câmeras, e me esforço muito para manter a compostura, para me certificar de que eu não estou batendo em ninguém, enquanto acelero e dirijo. Você pensaria que há coisas mais importantes acontecendo neste nosso mundo louco, nesse mundo virado de cabeça para baixo, mas aparentemente não hoje. Hoje só importa atormentar quem não tem chance de compartilhar o seu lado da história.

Alvos fáceis.

Quando eu chego ao estádio, eu sinto os olhos de todo mundo queimando contra mim. Eu não posso nem sorrir para eles, fingir ser esse cara jovial que apenas foi mal compreendido. Eu nem posso fingir ser eu. Eu olho para baixo, para as pontas dos meus pés, minha expressão fechada e neutra. Eu não quero que eles vejam nenhuma parte de mim.

Meu escritório não está vazio. Warren está de pé na mesa, fixando algo na parede. Ele pode não ser mais tão jovem, mas com a cabeça loira raspada, olhos selvagens, e membros fortes, ele poderia passar por alguém em seus vinte anos. Quando eu entro, ele se vira para mim, parecendo tão preocupado quanto extremamente impressionado.

— Muito bem — diz ele, e de tal jeito que eu demoro um momento para perceber que ele está sendo muito sincero.

— O quê? — Eu pergunto em inglês enquanto me sento e viro minha cadeira para encará-lo.

— Eu odeio essa merda sangrenta — diz ele. — Você não lembra a vez que eu tive uma briga com Sebastian? Real Madrid? Eu estava no Arsenal? Aquele fodido idiota fotografou a coisa toda.

— Carlos Cruz? — Eu pergunto, agora lembrando, a vez que Warren entrou em uma briga com um jogador do Real Madrid. Isso foi há muito tempo atrás, mas a maior parte das lutas de futebol ficava na minha cabeça, principalmente porque você sempre sabia quem começou ou quem o provocou.

Ele balança a cabeça. — Sim. Ele foi o único que tirou as fotos do lado de fora da boate. Enfim, eu estou apenas dizendo, ele é um idiota e eu estou feliz que você deu um murro naquela cara idiota. Ainda mais você, Mateo.

— Por que especialmente eu?

— Porque eu tenho esperando por você ficar um pouco louco, se me permite dizer.

Eu franzo a testa para ele. — Você tem?

Ele acena com entusiasmo. — Meu velho, eu já estive no seu lugar. Não exatamente assim, mas próximo. Eu também deixei a minha ex-mulher. Não por alguém muito mais jovem, mas alguém muito melhor. Minha vida foi uma confusão por um longo tempo, e também a da Sheila. Ela é, você sabe, a minha nova esposa. A única mulher. Nós ainda estamos juntos, você sabe, apesar do que todos aqueles fodidos pensavam.

— Entendo.

— Eu só estou dizendo, eu sei como é. É difícil errar com alguém, e é difícil ser aquele errando. Mas eu não me arrependo nem por um segundo. Nem a Sheila. Não consigo imaginar a vida sem ela, então isso faz toda a merda sangrenta que passamos, valer a pena. Na verdade, — ele faz uma pausa para coçar a barba dourada no queixo, — acho que precisamos passar por toda essa merda, a fim de provar a nós mesmos, e ao mundo, que nós podemos lidar com isso, que nós fomos feitos um para o outro. Com o passar do tempo, mais cedo ou mais tarde as pessoas se esqueceram. Depois que nos casamos, minha ex finalmente encontrou alguém e se casou novamente. Minha família entendeu que era sério. Demorou um longo tempo, mas passou. Valeu a pena.

Agora, estou me sentindo definitivamente culpado por Warren. Não que fosse a minha decisão de, eventualmente, deixá-lo ir — foi tudo Pedro — mas a chance de ele sair em breve é grande, e só agora estou realmente começando a gostar dele.

Ele me dá um sorriso curvo que esconde seus dentes tortos. — Se eu posso lhe dar conselhos... bem, isso não é realmente conselho, porque eu não sei muito. Mas o que você e Vera são? O que quer que tenham, segure isso. Eu sei que você já sabe disso, posso dizer só de olhar para você, mas o que quero dizer é, vocês vão ser o infinito um do outro por um longo tempo. O único barco a remo na

tempestade ou qualquer outra coisa sangrenta antologia – desculpe, analogia – que há. Mas será só você e ela, porque todo mundo vai fingir que não entendem. — Ele se inclina e pisca para mim. — Aqui está o ponto. Eles entendem. Mas eles não querem. Para entender, eles temem, você se transforma. E eles preferem que outra pessoa leve a culpa do que eles. Eles ficam seguros. Você fica selvagem. Mas no final, você está feliz e você está livre, porque você fez o que sabia que tinha que fazer. Apenas fique com ela, e saiba que, mesmo que seja apenas vocês dois por um tempo, se estiver destinado a ser, vocês dois realmente serão tudo o que precisam...

Ele faz uma pausa antes de se sentar em sua mesa. — Bem, enquanto o sexo é bom. Se não é, então eu não acho que nada pode ajudá-lo.

Eu quase lhe garanto que o sexo é mais do que bom, mas eu tenho a impressão de que ele sabe disso.

Estou impressionado com Warren, e sua visão me deixa um pouco otimista. Talvez seja bom resumir o mundo em apenas Vera e eu. Enquanto não deixarmos ir um do outro, enquanto nós podemos trabalhar juntos, enquanto tivermos isso, o resto do mundo, um dia, nos alcançará.

Meu otimismo me deixa, porém, na hora que eu recebo um telefonema de Pedro.

Ele quer me encontrar em seu escritório. Imediatamente.

Eu me levanto, e estou prestes a sair quando Warren me deseja boa sorte. O engraçado é que ele quis dizer isso, assim como ele quis dizer tudo o que ele disse antes. Eu não tenho certeza do que Pedro tem em mente para mim agora, mas o fato é que eu tirei o potencial de carreira de Warren, e eu poderia estar tirando seu trabalho atual, e ainda assim o homem não parece ter qualquer rancor. Esse fato me dá um pouco de coragem, enquanto eu faço o meu caminho pelos corredores para ver o meu patrão.

Ele está esperando em sua mesa Lucite, seu escritório todo branco esterilizado. Não há charutos desta vez, apenas o seu longo rosto severo como um cigarro seco.

Não há perguntas ou suposições. Nós dois sabemos por que estou aqui.

— Mateo — diz ele, mas isso é tudo o que ele diz, enquanto aponta para a cadeira em frente a ele. Por um momento eu gostaria que ele apenas me despedisse

ali mesmo, então eu não teria que passar por todo esse processo longo. Mas mesmo assim, me sento e coloco minha máscara, pronto para as coisas que ele vai dizer. No momento, eu quase rio porque eu estou fazendo-o parecer, pior do que o meu pai real. Agora, se existe alguém cuja opinião me interessa. Não é esse cara. Não mesmo.

— Eu acho que você já sabe, — eu digo a ele.

Ele consegue dar um sorriso irônico embora seus olhos permaneçam frios como pedra. — Quem não?

— Eu suponho que você não quer saber a verdadeira história — eu digo a ele, cruzando um pé sobre o meu joelho. Eu presto atenção aos meus sapatos. Eles parecem ser o lugar mais seguro. Bonito, de couro marrom brilhante. Muito caro. Eles foram uma espécie de presente, quando eu vendi o restaurante. Eu tento pensar em minha vida como um dono de restaurante teria lidado com este escândalo. Eu acho que teria feito bem para o negócio.

— Tenho certeza de que já sei a história real, — Pedro diz simplesmente. — Eu estive vendo os jornais cuidadosamente. Eu não posso dizer que estou surpreso que isso tenha acontecido. Parece que você não pode tomar uma merda sem alguém lá. De certa forma eu sinto pena de você, Mateo.

— Mas... — Eu preenchi, porque há sempre um.

— Mas — ele diz, — Eu espero mais de você. Olha, eu sei que você não pode fazer nada se você vai para a academia, e alguém te segue, ou você sai para jantar, e eles estão lá, ou Vera faz o que ela costuma fazer, e é fotografada. Eu sei que você não pode viver uma vida reclusa, mesmo que seja por apenas um curto período de tempo, até que o fascínio por você acabe. Mas eu esperava de você um pouco mais de decência. E embora eu não possa necessariamente culpá-lo por bater nesse cara, eu achei que você teria mais respeito pela sua equipe. Pelo Atlético. E por mim. Porque você sabia o que aconteceria se você batesse nele, não é?

Eu mal aceno. Eu me sinto como uma criança novamente na sala do diretor. Naquela época, eu também tive problemas por causa da minha cabeça quente.

— Eu não estava pensando, — eu digo a ele, e essa é a verdade. E lembro de uma nítida falta de pensamento. Foi tudo ação e instinto.

— Não, você não estava. — Ele suspira, longo e forte. — Mas eu tenho uma filha. Eu tenho duas. Eu sei o que é tentar protegê-las. Eu acho que este fotógrafo é uma criatura vil, e eu não acho que você está errado. Mas você precisa ter certeza de que vai resolver isso fora do tribunal. Eu não quero um julgamento, eu não quero que isso se prolongue. O foco para esta temporada tem de estar na equipe, não em você. Você não pode ser mais famoso do que os jogadores, é assim que tem que ser.

— E é assim que eu quero isso — digo a ele. — Eu prometo, existem acordos que estão sendo feitos enquanto falamos. Estou mais do que disposto a negociar para evitar que isso aconteça desnecessariamente. Só espero que Cruz aceite.

— Ele é um sanguessuga — diz ele. — Se é suficientemente alto, ele vai aceitar. Mesmo que isso não seja tão alto, tem que parecer alto para ele. Faz parecer que você está sofrendo por causa do acordo, e ele vai pegar o que você der a ele.

Outro bom conselho, e ainda nem é meio-dia ainda neste dia horrível. Eu dou a Pedro um olhar curioso, querendo saber em quantos incidentes como este ele esteve envolvido. Sua expressão não me diz nada, mas eu sinto que suas palavras me deram tudo o que eu preciso saber.

Hoje à noite Vera tem sua aula de espanhol, e pela segunda semana consecutiva, ela acha que vai perder. No entanto, embora eu saiba que temos que ficar longe de problemas, e nos manter seguros ficando em casa, eu sei que isso não pode continuar assim.

Eu tive uma ideia no início do dia. No caminho para casa, uma vez que eu despistei o carro dos paparazzi que estava me seguindo, eu parei em uma loja de artigos de festas na periferia da cidade. Peguei algumas coisas, e então eu vim direto para casa.

Sua aula começa as sete, e às seis horas eu pego no closet a sacola de compras. Eu trago para a cozinha, onde ela está encostada no bar, bebendo uma taça de vinho tinto, e folheando uma revista de moda, parecendo aborrecida.

Eu balanço a sacola para ela. — Adivinha o que eu tenho?

Ela fecha a revista e olha para mim com olhos curiosos. — O quê?

Eu sorrio para ela, sabendo mais do que ela, e esvazio alguns dos conteúdos em cima do balcão. Uma peruca curta loira e uma longa preta, estilo Cher, caem em fios brilhantes.

— Fantasias⁹? — Ela pergunta, seus olhos começando a brilhar mais.

— Talvez mais tarde — eu digo a ela. — Mas, por enquanto, é o nosso caminho para a sua aula de espanhol.

Ela leva um momento para pensar nisso. — Espera, como?

Eu jogo a preta longa, e ela a pega. — Você coloca isto, eu coloco este. Nós caminhamos para fora do prédio, e eu a levo direto para a aula. Ninguém vai saber que somos nós.

Ela me dá uma careta nada impressionada. — Sim, claro, eles não vão saber.

— Eles não vão — eu digo, e esvazio o resto da sacola. Há um colete jeans manchado e um grande moletom de capuz preto com as palavras — Amsterdam High — impresso nele. — O belo colete é para mim, e o moletom elegante é para você. —

— Você está brincando.

— Eu vou rir em breve, mas te garanto que eu não estou brincando agora. — Eu pego a peruca e o colete. — Você não acredita em mim?

Eu tiro minha camisa, coloco o colete horrível, e visto a peruca. Quando eu viro para enfrentar Vera, ela está sorrindo. É um de pena, provocado porque eu pareço um idiota, mas um sorriso é um sorriso, e o dela vale milhões.

— Oh, uau — diz ela. — Você está muito quente.

Aceno com a cabeça para a peruca preta. — Não tão quente quanto você estará, minha Estrella.

Ela suspira dramaticamente, mas ainda coloca o capuz e a peruca em sua cabeça. Ela endireita a franja que cai em seu rosto e me olha. — Você está feliz agora?

— É totalmente inadequado, mas estou extremamente excitado — eu digo a ela, enquanto a olho de cima a baixo. — Você parece uma menina muito má, pega pela polícia por roubar uma grade de cerveja e um saco de maconha do carro de

⁹ Aqui tem um duplo sentido: fantasia sexual e roupas de disfarce.

alguém. — Sua expressão se torna sedutora. — Bem, você sabe que não há nada pior do que estar inadequadamente excitado. Enfim, não quando se trata de mim.

Ela vem para mim, e envolve seus braços em minha volta e do colete duro.

— Você tem aula — eu digo a ela, tirando seus braços de cima de mim.

— Você não pode me dizer o que fazer.

— Eu posso — eu digo, batendo na sua bunda. — Agora vamos.

— Estamos seriamente saindo com isso?

Eu concordo. — Muito sério. Só por alguns quarteirões, até que os fotógrafos estejam fora de vista. Embora — eu digo, me virando para o espelho no hall e admirando a minha imagem ridícula, — Eu estou me apaixonando por este estilo...

Ela revira os olhos e pega sua bolsa, em seguida, desliza o capuz sobre seu cabelo preto.

Minutos depois, nós saímos pela porta da frente, ambos com grandes óculos de sol nos rostos. Eu me curvo um pouco para baixo, curvando meus ombros para frente, mascarando minha postura normalmente ótima, e coloco um sorriso preguiçoso no meu rosto. Vera faz o mesmo. Nós não nos parecemos nem um pouco como normalmente somos – irritados e desafiadores – mas, mesmo assim, o meu coração acelera na minha garganta, e estou certo de que vamos ser descobertos.

A princípio seus olhos e câmeras estão sobre nós, mas somos salvos por outro casal que vem em direção ao prédio. Eu os conheço – italianos, Gio e sua esposa loira Sophia – e eles são elegantes o suficiente para distrair as câmeras. Nós nos afastamos e somos esquecidos.

Ainda assim, não tiramos nossos disfarces até que estamos a apenas algumas quadras do prédio onde ela tem suas aulas. Enquanto ela entra, eu espero lá fora, pegando uma xícara de café em uma cafeteria nas proximidades, até que ela termine e venha se juntar a mim.

Algo sobre estar fora, na noite em que o ar se atreveu a deixar cair alguns graus, me faz sentir mais vivo do que estive em semanas. Eu posso sentir isso saindo de Vera também, essa energia que pela primeira vez não é formada a partir do caos e do medo. Nós dois temos muito o que temer, mas enquanto caminhamos de mãos dadas pelas ruas abafadas, mesmo com os nossos disfarces dentro de sua

bolsa lotada, nos sentimos anônimos e livres. Isso não significa que não tivemos alguns olhares estranhos aqui e lá – nós tivemos. As pessoas nos reconhecem. Mas continuamos andando como se isso não significasse nada.

Assim como Warren havia dito, temos um ao outro, e isso é tudo que precisamos. O nosso próprio mundinho em nosso próprio pequeno sistema solar em nosso próprio pequeno universo. Esta noite, nós somos infinitos.

Nós vamos para um bar, e ficamos lá por horas. Nós lanchamos tapas, bebemos sangria gelada, observamos as pessoas da nossa mesa escura, conversamos entre nós em espanhol. Ela está melhorando.

É quase uma pena ir para casa, mas nós dois sabemos que devemos. Esta noite foi mais um band-aid, mas foi um que nós precisávamos desesperadamente, ou então iríamos arrancar as costuras. É uma sensação incrivelmente boa ter todas as preocupações colocadas de lado no momento, trancadas em uma caixa de aço pesada, só pensar em aproveitar a vida e um ao outro.

Alguns minutos do apartamento nós colocamos nossos disfarces mais uma vez, e apenas a um quarteirão de distância, eu pego Vera pela cintura e a puxo para um beco estreito vazio. Eu a giro em torno de modo que ela fique pressionada contra o muro de pedra. Eu a beijo apaixonadamente, colocando os cabelos sintéticos atrás das orelhas. Pode não parecer o dela, mas sua boca macia certamente o faz.

Ela me alcança, uma mão puxando o lado da minha calça, a outra no meu pescoço. Neste momento, parecemos dois estranhos e ambos somos livres, no entanto, nós escolhemos um ao outro.

Estava sujo neste beco, a parede manchada com o calor, a pedra irregular do solo, e estamos expostos ao mundo. Mas os nossos disfarces me fazem sentir seguro, e eu estou impulsionado pelo desejo de ser um homem procurado, agindo escandalosamente à vista de uma cidade em perseguição.

Eu enterro meus lábios em seu pescoço, mordendo, beijando, saboreando, e ela habilmente desfaz meu cinto e abaixa meu zíper. Eu a empurro para cima da parede, segurando-a ali, empurro a saia em torno de seus quadris. Eu a levo lá, rápido e forte, corajoso e ousado. Eu me coloco profundamente, sentindo cada centímetro dela, e eu estou tão completamente envolvido por seu abraço apertado quente que meus olhos reviram para trás na minha cabeça. Eu sinto que nós

estamos dando o dedo proverbial para o mundo, provando a nossa própria maneira que nada pode nos impedir, que podemos lidar com o que quer que venha no nosso caminho. É sempre mais do que apenas sexo quando se trata de nós, e desta vez não é exceção.

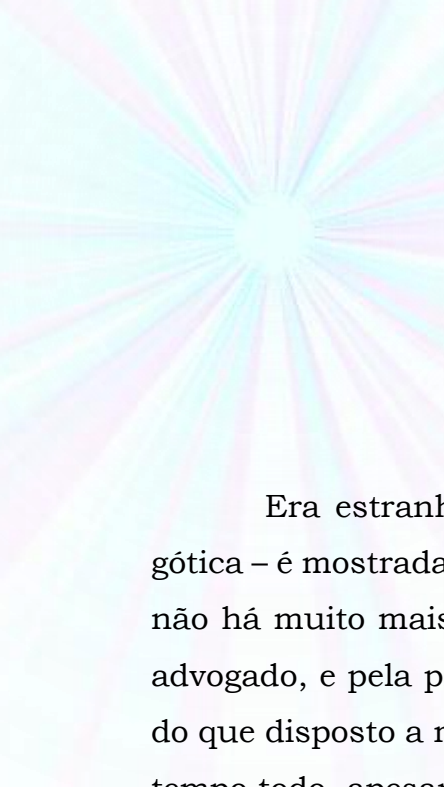
Depois que nós gozamos, ela desliza para baixo em seus pés e cai em meus braços. Eu a seguro firme, recuperando a compostura, e leva-me um instante para perceber onde estamos e para onde devemos ir.

— Não há nada como um pouco de fantasia sexual. — Ela brinca, enquanto se afasta de mim, com sua peruca torta.

Eu sorrio, mas por dentro eu discordo. Isso não é de jeito nenhum considerado uma fantasia sexual.

Nós nos arrumamos, e fomos para o apartamento. Há apenas três fotografos do lado de fora agora – o resto deve ter desistido – e não vejo Carlos entre eles. Eu evito contato visual, e é apenas quando estamos caminhando pela porta que eu vejo um flash disparar e ouço alguém gritar: — Sr. Casalles!

Mas é tarde demais. Estamos seguros dentro, e eles só têm uma imagem da parte de trás da minha cabeça. Isso significa que não podemos usar esses disfarces novamente, mas mesmo por apenas uma noite juntos, valeu a pena.



Capítulo Nove

Era estranho a nossa foto – eu como o caipira e Vera como uma rainha gótica – é mostrada no dia seguinte em um tabloide sem importância, mas fora isso não há muito mais a informar. Na quinta-feira eu recebo um telefonema do meu advogado, e pela primeira vez é uma boa notícia. Parece que o Sr. Cruz está mais do que disposto a resolver fora dos tribunais. Esse foi provavelmente o seu plano o tempo todo, apesar de eu deixar claro que se isso acontecer, ele tem que prometer que nunca tiraria outra fotografia ou escreveria outro artigo sobre mim ou a minha família novamente. Meu advogado parece pensar que não vai ser uma quebra de acordo, mas não me atrevo a compartilhar do seu otimismo. Este mês me transformou em um homem endurecido.

— Baby — ouço Vera ronronar ao meu lado. Eu gemo e olho para o relógio de mogno na mesa da cabeceira. São quase oito horas. Normalmente, as manhãs de sexta-feira começam um pouco lenta, mas hoje eu esperava chegar ao trabalho mais cedo para que eu pudesse sair logo após o almoço. Vera e eu temos planos de visitar San Sebastian no fim de semana, na costa norte, e eu estou esperando que eu possa convencer Isabel a nos deixar levar Chloe Ann conosco. Eu acho que as ondas refrescantes do Atlântico vão ser como um tônico para nossas almas exaustas, algo para nos recarregar novamente. Normalmente, nós teríamos tirado proveito do condomínio em Barcelona, mas nós dois sabemos o que aconteceu da última vez que estivemos lá.

Xingo em espanhol e saio rapidamente da cama. Vera está apoiada sob os lençóis olhando como uma sedutora muito irresistível. É uma verdadeira pena que eu não possa ficar mais alguns momentos e desfrutar dela, mas é tudo sobre pequenos sacrifícios para o bem maior.

No meu caminho para o escritório tento o telefone de Isabel, esperando que possa perguntar sobre Chloe Ann, mas acabo escutando sua mensagem do correio de voz. Eu mando uma mensagem para ela, e em seguida, paro na loja da esquina para pegar um café rápido e um punhado de revistas de fofocas. Eu sei que parece

ridículo – um homem de negócios comprando essas histórias de merda – mas quase se tornou um ritual diário para mim.

Eu dirijo ao estádio e chego lá com alguns minutos de sobra. Sento-me no SUV, tomo um gole do meu café, e, em seguida, as folheio rapidamente.

O que eu vejo na primeira revista que eu pego, na primeira página, faz meu sangue congelar.

A manchete diz enfaticamente: A verdade sobre Mateo Casalles.

Não é escrito por Carlos Cruz; em vez disso, é por uma mulher em uma revista pequena chamada Caliente. Não há novas fotos para acompanhar a história, apenas uma de quando estou aplaudindo depois de marcar um gol para o Atlético, uma de mim e Isabel deixando meu antigo restaurante, e uma de mim e Vera se beijando na rua, provavelmente de um ano atrás.

De qualquer forma, as fotos não são o foco do artigo. O foco é a mentira.

Todo o artigo é sobre alguém, uma fonte anônima, que aparentemente, é próximo a mim, que diz que tem toda a verdade sobre a situação.

E o fato assustador, terrível, perturbador do assunto é – eles sabem de alguma coisa. A maioria do que eles dizem são mentiras absolutas – como se eu traísse Isabel antes, que eu saí do negócio do restaurante porque estava indo à falência – mas tinham algumas verdades.

É a verdade que é a mais prejudicial.

É a verdade sobre Vera.

O artigo explica como a fonte “anônima” tinha suspeita sobre ela, pensando que ela era nada mais do que uma “refugiada canadense” e examinou sua situação. Ela foi capaz de descobrir que Vera estava no país graças a um visto de trabalho do *Las Palabras*, mas que ela tinha sido recentemente demitida, e teria que deixar o país em breve ou arriscar sua deportação.

Eu não entro em pânico. Eu não me desespero. Eu simplesmente dirijo o carro para longe do estádio, e vou direto para a Isabel. Eu não me importo sobre o trabalho. Eu não buzino para o tráfego. É como se eu agora estivesse puramente no piloto automático, indo em direção ao único lugar que eu sei que eu posso obter respostas.

Eu não sei o que eu vou dizer ou o que eu vou fazer. Por causa desta fonte, alguém que eu sei que está relacionado com Isabel, se não ela mesma, Vera já não

pode se esconder até janeiro. Ela vai ter que ir embora. A menos que ela encontre um novo emprego e um novo patrocínio em uma semana – e ela não foi realmente à procura desde que esteve sob prisão domiciliar – ela vai embora.

É o pior cenário e é real.

Eu estaciono em frente à casa, e corro para a porta. Desta vez eu não bato, e quando eu entro na casa destrancada, vejo querida Chloe Ann, vestida toda de rosa e assistindo TV.

— Papai! — Ela grita e corre para me dar um abraço.

— Olá, minha querida — eu digo a ela, e aperto com mais força do que nunca.

— Você está aqui para brincar comigo? — Ela pergunta.

— Eu queria estar — eu digo. — Eu não posso ficar muito tempo, e eu tenho que falar com sua mãe. Que tal você ir até seu quarto por um tempinho?

— Por quê?

Eu olho para ela com olhos suplicantes. — Por favor, Chloe Ann, — eu imploro apenas quando Isabel sai da cozinha, enxugando as mãos no pano de prato. Ela não parece surpresa em me ver.

— Mamã — Chloe Ann diz, olhando para ela.

Isabel hesita depois assente. — Vá para o seu quarto agora. Isso só levará um momento.

Como diabos que vai.

Chloe Ann faz beicinho, mas enfim, sobe as escadas para o quarto dela. Quando ouvimos a porta fechar, Isabel se vira para mim.

— O que você quer Mateo?

— O que você acha? Que tal parar com a farsa e você me dizer exatamente o que eu li hoje no Caliente. — Estou com tanta raiva, e tão chocado de ser capaz de formar palavras, soar tão legal e controlado. Não sinto mais nada.

— Eu não sei do que você está falando — ela diz, e se vira, entrando na cozinha.

Sigo, implacável. — Você fez. Foi você? Você não se sente culpada por ter que mentir sobre isso para mim? Você não mentiu o suficiente?

Ela olha para mim, o rosto inexpressivo, e eu continuo: — Sou capaz de ler o artigo em voz alta para você, se você quiser, mas eu sei que você já leu. Então quem foi? Você? Você está tão desesperada para me ter de volta?

Quando ela ainda não diz nada, eu não posso deixar de aumentar minha voz. — Me responda! — Eu exijo. — Me diga quem espalhou as mentiras, quem falou?

Ela joga a toalha em cima do balcão, em seguida, se vira, recostando-se contra ele, e cruza os braços. A cozinha brilha ao lado dela, tão estéril como ela é. Finalmente, ela diz: — Eu não vi nenhuma mentira. Especialmente sobre Vera. Isso é tudo verdade, não é?

— Quem fez isso? — Eu repeti.

— Por que isso importa?

— Foi você?

— Eu queria que fosse — diz ela com sarcasmo. — Mas eu não queria ser aquela a me rebaixar ao seu nível.

— Eu defendi você! — Eu grito, de repente sufocado pela raiva queimando através de mim, fazendo minha pele quente, queimada, inflamada.

Ela me dá um olhar incrédulo e coloca o cabelo louro para trás das orelhas de uma maneira tão lenta que só alimenta o meu fogo interior. — Quando você já me defendeu? — Ela diz.

Minha boca se abre. Fecha. Ela está tentando desacreditar todo o nosso casamento; ela está tentando colocar o nó em volta do meu pescoço, e me puxar para anos de guerras ocultas e contagens secretas e um milhão de cartões detidos perto do peito. Eu não posso ir por esse caminho; eu nunca vou sair vivo.

Eu puxo ar e tento controlar meu temperamento. Ela está me provocando. Ela está fazendo um bom trabalho, ela sempre fez. — No lobby do meu apartamento — eu digo a ela, esperando que a ênfase queimasse como uma pimenta. — Você foi atrás de Vera — cuspiu nela. — Você estava prestes a lutar com ela. Eu defendi você quando ela reagiu.

Seus olhos ficaram estreitos, e eu vejo que foi um erro dizer isto; que foi um erro defendê-la. — E por que você me defendeu?

— Porque você é a mãe da minha filha — eu digo a ela. — Porque você ainda é da família. Porque a culpa foi minha, Vera também está errada, e você tinha todo

o direito de ficar chateada. Eu defendi você, porque eu pensei que era a coisa certa a fazer.

— E agora? — Ela pergunta despreocupadamente, com a sobrancelha levantada.

Meu maxilar parece tão tenso que tenho que mexer de um lado para o outro, antes que eu sequer possa responder. — Agora eu gostaria de não ter defendido. Você não terá mais minha compreensão, e eu não vou mais me sentir culpado pelo que fiz.

Seu lábio superior curva, prestes a atirar algo venenoso em meu caminho, mas eu levanto minha mão para detê-la e dou um passo adiante. — Não deixe que o que eu lhe fiz te torne esta pessoa. Não deixe que a porra da sua família pense que você pertence ao nível deles.

O rosto de Isabel está branco como uma geleira. Frio, impassível e suave. — Você deve ser mais legal comigo, Mateo. Eu já lhe disse isso antes, não foi? — Não há nada além de ameaça em sua voz, e ela não está vazia.

— Fazer Vera ser deportada não vai parar qualquer coisa — eu digo a ela. — Isso não vai nos unir novamente. Não vai me impedir de amá-la.

Com isso, ela solta um grunhido de escárnio. — Isso nunca foi sobre amor, Mateo.

— Se você tivesse me amado, você entenderia.

Minhas palavras ficam entre nós como fumaça em um bar sujo. Eu não preciso ouvir que ela me amava, que nosso casamento não era apenas uma farsa pelas razões erradas, que ela acreditava que uma vez eu era o seu mundo. Eu não preciso ouvir isso, mas eu quero ouvir. Eu quero saber que a minha vida antes disso não era uma mentira, eu quero saber que Chloe Ann foi concebida por amor.

— Eu nunca te amei — diz ela, e essas palavras se juntam as outras até que tudo que eu posso fazer para respirar.

Mas está tudo bem. — Bem, eu te amei, Isabel.

— E então simplesmente parou.

Eu concordo. — Às vezes o amor simplesmente acaba — eu digo. — Às vezes ele precisa ser alimentado.

Espero que eu esteja convencendo-a. Eu estou sendo tão sincero quanto posso, tentando controlar meu temperamento, a raiva impotente que se segura. Eu

não acho que eu fui tão aberto durante nosso casamento. Mas eu posso ver o gelo em seus olhos, a pressão sobre os lábios. Ela não está aceitando isso. Ela não está escutando.

— Tudo que precisava de alimentação era seu pau — diz ela. — Então você me trocou por alguém que faria isso, alguém mais jovem, mais vagabunda. Você pensou que seria divertido pegar uma prostituta doente. Vamos realmente trocar a Isabel.

Eu não posso ouvir mais isso. Não dela, não de ninguém. Vera é uma bruxa moderna, que todo mundo continua querendo queimar na fogueira, e toda vez que ela pega fogo, eu também pego. Eu fecho meus olhos e tento me recompor.

— Você só queria transar com aquela vagabunda, aposto que ela está constantemente chupando homens quando você não está olhando. Homens mais jovens, melhores do que você.

Inspiro. Expiro. Ignoro a dor esmagadora, a raiva.

Ela só quer chegar até você.

Eu inspiro rapidamente através do meu nariz. — Quando você deixou o ódio assumir a sua alma? — Pergunto a ela, tentando manter minha voz calma. — Quando você deixou de ser a pessoa que eu costumava conhecer?

— Quando você fodeu com ela e fodeu a minha vida — diz ela, as palavras afiadas como facas, e eu posso sentir ela dar um passo em minha direção. Ela está bem na minha cara, mas eu me recuso a abrir meus olhos, a reconhecê-la. — Você arruinou tudo o que eu trabalhei tão duro. Tudo. — Ela cheira a gim, e o cheiro se dissolve quando eu a escuto andar para o outro lado da cozinha para a porta que dava para o quintal.

A porta se abre e eu prendo a respiração.

— E eu nunca, nunca vou deixar você esquecer isso, Mateo — diz ela, antes de fechar a porta atrás dela.

Quando eu abro meus olhos, eu estou me segurando à esquerda em direção à parede, e meu braço quase não pode me manter. Eu sinto que há morcegos no meu peito, preso entre meu coração e meus pulmões em uma onda de violentas asas negras.

Mais uma vez eu sei que eu vou perder Vera.

Parece que eu posso perder o sol do céu.

Depois que eu saio da casa da Isabel, eu volto ao trabalho. Eu ainda não ouvi falar da Vera, o que significa que ela não viu aquela determinada revista. Se eu puder, tenho o desejo de esconder a notícia dela, e espero que eu ainda possa levá-la para San Sebastian para o fim de semana. Embora eu fosse sobrecarregado com a culpa, ela seria poupada disso, pelo menos por alguns dias. Nós merecemos isso. Ela merece isso mais do que tudo.

Mas primeiro eu tenho que lidar com Pedro. Ele me chama em seu escritório logo depois do meio-dia para outra conversa, e eu estou começando a pensar que isto será para sempre uma coisa semanal. Encontrar algo sobre Mateo para reclamar, chamá-lo, ameaçá-lo com uma coisa ou outra, e então lhe oferecer um charuto.

Pedro é, obviamente, tão obcecado com os tabloides quanto eu sou, porque a revista está aberta em sua mesa quando eu entro.

Ele está calmo, o que eu acho que é um bom sinal, embora as coisas possam ficar de um jeito ou de outro. Ele me pergunta quem é o informante. Eu digo a ele que não sei – o que é a verdade, mas eu suspeito que seja a família de Isabel. Eles sempre foram um bando de abutres, disputando as atenções e os privilégios que eles acham que são devidos a eles por sangue. Poderia ser sua mãe de coração frio, ou sua irmã conivente, ou irmão tentando uma escalada social. Toda a família é intercambiável, e no final, não parece importar. Quem quer que fosse a fonte anônima, eles queriam me remexer através das brasas, e eles fizeram.

Em suma, Pedro me diz que não sabe o que fazer comigo, e parte de mim está tentado a lhe dizer o que fazer com ele mesmo. Eu me importo muito sobre como as coisas parecem, como as coisas são, e eu não preciso ouvir isso do meu chefe.

— Por que você não faz de Warren o treinador e me demite? — Pergunto a ele, me sentindo corajoso, sem nada a perder. — Dessa forma, você não tem que lidar com esse problema novamente.

Ele finalmente parece chocado. — É isso que você acha? — Pergunta ele. — Que eu iria demiti-lo por isso?

Eu concordo. — Sim, acho. Você me chamou aqui o suficiente sobre isso, algo que está mais ou menos fora das minhas mãos. Eu acho que você iria me demitir por isso. Mas aqui, deixe-me lhe dar uma saída fácil. Se você acha que eu

vou escolher entre estar com Vera ou estar novamente no Atlético, vou me afastar de você. Eu não preciso desse emprego, mas eu preciso dela.

Ele franze os lábios, olhando para a revista com as sobrancelhas levantadas. — Devo dizer, — ele diz, — eu realmente não esperava ouvir isso.

Eu saio da minha cadeira e olho para ele. — Bem, você ouviu isso. Você pode pensar que me conhece, Sr. Del Torro, mas você não conhece. Todo mundo faz essas opiniões sobre mim, com base no que viram e ouviram de outras pessoas e de outras fontes, mas a única maneira de você conhecer o meu verdadeiro eu, é se você assistir o que eu faço e ouvir o que eu digo. Estou feliz por estar de volta ao time, e com o tempo eu acho que eu poderia ajudar a moldar esses meninos em algo ainda mais espetacular do que eles são. Eu tenho essa fé em mim mesmo, confiança nas minhas habilidades, e eu reconheço uma coisa boa quando eu vejo isso. Mas Vera também é uma coisa boa, melhor do que todo o resto. E quando se trata das coisas que importam na maior parte da minha vida, ela supera tudo. Então, artigos de merda e ameaças vãs e expectativas desleais realmente não importam muito, quando se trata de minha vida, porque eu já sei o que é importante, e o que não é.

Eu vou para a porta, e antes de eu sair eu lhe dou um aceno cordial. — Tenha um bom fim de semana.

Depois que saio, eu me sinto vivo com energia. A adrenalina corre louca pelo meu sistema, me segurando na borda da vergonha e euforia. No caminho para o apartamento eu ligo para Vera e digo para fazer as malas, que estamos indo para San Sebastian imediatamente. Ela parece ser pega de surpresa pela minha impulsividade, mas feliz com isso, e só por isso, que eu sei que ela ainda não viu a revista.

— Chloe Ann vai poder ir? — Ela pergunta.

— Não — eu digo a ela, — mas está tudo bem. Vai ser apenas nós. Nós precisamos disto.

Não há argumentos.

Duas horas depois, estamos no SUV e a meio caminho para a cidade litorânea, parando na banca de produtos agrícolas, para fazer um lanche de tomates frescos e queijo. Vera parece brilhar mais do que o sol; a poluição claustrofóbica, o calor, e as pessoas de Madrid são apenas uma memória.

Mas não é para mim. Eu mantenho a grande, má verdade dela, mantenho perto de mim como uma faca, perigosa para nós dois. Eu tento dividir minha mente em dois, e ignorar a nossa realidade, a única que está se aproximando de nós, cada vez mais perto. Eu sei que na segunda-feira Vera saberá. Mesmo que ela nunca veja o seu rosto – o que parece impossível – eu sei que tenho que dizer a ela. Ela tem que saber que ela está indo embora.

— Você está bem? — Ela me pergunta quando nós voltamos ao carro. Campos de girassóis dançando na brisa quente em ambos os lados da estrada.

Eu me viro para sorrir. — Sim, eu estou bem. — Mas é quase impossível fingir. O futuro se aproxima, pesado no meu coração. Eu não posso perdê-la, eu não posso perdê-la, eu não posso perdê-la.

O que posso fazer?

Quando chegarmos a San Sebastian, o ar é chicoteado por sprays de água salgada, e nós nos hospedamos em um pequeno e pitoresco hotel no lado ocidental de areia da Bahia de La Concha. É privado e romântico, e a velha senhora que trabalha atrás da recepção parece alheia a tudo, exceto nosso conforto.

Nosso quarto é do outro lado da baía, as ondas do Atlântico rolando com o pôr do sol que brilha em suas cristas. Nós vestimos roupas confortáveis, e saímos para a rua para comprar um pouco de peixe e batata frita de uma loja inglesa que vimos. Recebemos um monte embrulhado em sacos de papel gordurosos, pequenos saches de vinagre e ketchup, compramos uma garrafa de vinho tinto em um armazém, e, em seguida, fomos para a praia.

Ainda é dia, embora o sol há muito tempo se foi, e o céu está da cor de caramujos na primavera. Pontos brancos minúsculos se destacam no azul, estrelas começando a brilhar. O som das ondas é relaxante, e ainda que haja pessoas na praia, principalmente algumas pessoas sem-teto, acampadas em sacos de dormir em uma extremidade, parece que todo o lugar é só nosso.

Vera lambe o óleo e o vinagre de seus dedos, se deitando de volta na areia. Ela fecha os olhos e respira profundamente por uma ou duas batidas, então, ela inclina a cabeça e olha para mim.

— Deite comigo. Vamos fazer uma “siesta”. — Disse ela, acariciando a areia ao seu lado.

Eu me inclino para trás, a cabeça aconchegada nos grãos que ainda estão quentes do calor do dia. Eu pego sua mão e seguro firme, enquanto nós observamos o céu escurecer, e as constelações aparecerem. Como nos velhos tempos, eu lhe pedi para me contar as histórias por trás de cada uma, e ela faz isso. Há amor em sua voz, talvez para mim, talvez para as próprias estrelas, e eu estou tão emocionado com tudo que uma única lágrima consegue escapar do meu olho, e desliza para baixo no canto do meu rosto.

Está escuro, e por isso, ela não pode vê-la. Ela continua me contando mais uma vez, sobre os animais místicos e histórias de esperança e amor. Estou certo de que metade delas foram criadas apenas a partir da sua imaginação, e isso só serve para me lembrar o quão maravilhosa, brilhante e encantadora ela é. Quem dera que o seu espanhol fosse bom o suficiente para que ela pudesse compartilhar as mesmas histórias com Chloe Ann, então eu faço votos que ela um dia compartilhe o mesmo com o nosso filho.

Mas, como agora isso poderá acontecer, agora que o mundo está pronto para levá-la embora. Voltar para o Canadá vai arruinar a Vera, tirar sua vida. Embora os tempos aqui tenham sido difíceis, ela ainda tem determinação, vontade para enfrentar seus desafios, querer mudar as coisas quando ela se sente presa. Mas quando ela se depara com sua família, ela encolhe, e se torna menos mulher que ela é. Eu não quero que isso aconteça com ela, e esse é o meu pensamento mais altruísta.

Meu pensamento mais egoísta é que eu não vou sobreviver sem ela ao meu lado. Eu preciso que ela fique, porque agora, é a única maneira que eu sei como viver. Eu não posso voltar a ser apenas eu – tem que ser nós dois. Nós valemos cada sacrifício, cada ponte queimada. Precisamos um do outro, mais do que precisamos dos corações que bombeiam em nossos peitos.

Como tanta coisa poderia ter mudado tão rápido? Eu aperto a mão dela com mais força, desejando que eu pudesse afundar na areia, deixar a praia nos engolir, e levá-la comigo. Quero protegê-la do que está por vir, e rasga minha alma saber que eu não posso.

— Mateo — ela diz baixinho, mas eu não posso suportar virar a cabeça para olhá-la. Eu quero continuar sentindo-a, olhando para as estrelas. Eu não quero que ela veja a dor em meus olhos. Eu não quero estragar a nossa noite.

— Sim — eu respondo, igualmente suave. Eu olho para cima e vejo uma estrela cadente passar no céu. Eu fecho meus olhos e faço um pedido.

Eu quero a Vera comigo para sempre.

— Eu te amo, você sabe — ela disse, e é suficiente para me fazer abrir os olhos.

Eu engulo em seco, com tanto medo que eu possa quebrar. Eu levo sua mão aos meus lábios e beijo sua palma. — Eu também te amo.

— Você acha... — ela diz, e em seguida, para. Ela suspira e parece que seu coração está pesado. — Você acha que nós vamos ter um ‘feliz para sempre’, depois de tudo isso?

Sua pergunta me surpreende tanto, que eu não tenho escolha, senão olhar para ela. Seus olhos estão escuros, molhados e com os postes de luz distantes refletindo neles.

— É claro que vamos — eu digo. — O que te faz dizer isso?

— Porque você não parece convencido.

Eu esfrego os lábios, tentando pensar, tentando soar convincente o suficiente para ela. — Vera, minha Estrella, eu quero nós juntos para sempre. Eu quero que sejamos felizes. Eu quero fazer um monte de coisas que só os tolos podem sonhar.

— E você acha que somos tolos?

— Eu acho que nós somos tolos se nós não sonharmos.

— Mas querer não é o mesmo que saber, como ter. Você acha que nós vamos ficar bem?

Eu quero mentir para ela, mas eu não posso. Deixo escapar um suspiro baixo e digo: — Eu acho que nós merecemos ficar bem. Mas, a curto prazo...

— Você sabe de alguma coisa — diz ela. — Não sabe?

Eu olho para ela, franzindo a testa. — Por que você diz isso?

Ela recolhe a areia, e deixa cair através de seus dedos, observando os grãos distraidamente enquanto ela repete a ação uma e outra vez. — Eu estou com você há mais de um ano, e nesse tempo nós já passamos por muito. Eu conheci você depois de um mês em *Las Palabras*. Eu definitivamente conheço você agora. Eu sei quando você está sofrendo, quando você está incomodado. Você acha que pode esconder tudo por baixo de seu belo rosto, e gestos elegantes, mas eu conheço o

seu lado verdadeiro. E eu sei que há algo acontecendo agora, algo que está quebrando o seu coração. — Ela faz uma pausa e engole em voz alta. Ela pisca algumas vezes, seus olhos ficando mais úmidos, e o meu coração que ela está falando, eu posso sentir o aperto profundo. — Eu tenho medo de saber o que é porque eu sei que vai quebrar meu coração também. Mas, por favor, Mateo. Eu preciso saber. Eu não posso deixá-lo passar por isso sozinho. Me deixe entrar com você.

Eu me inclino e beijo seus lábios, sinto o gosto das lágrimas que derramaram por suas bochechas. Eu sinto tanto amor por ela e tanta tristeza, que nem consigo separar os dois. Passo meus dedos pela textura selvagem sedosa de seus cabelos, e a seguro no lugar, como se eu pudesse abraçá-la aqui para sempre.

É um belo beijo. É aquele que precede tristeza e mudança, o último que se sente forte e livre. Eu aprecio isso, a saboreio. Quando eu me afastar de seus lábios, boca, língua e alma, eu vou ter que lhe dizer a verdade. Vou ter que a destruir, destruir isto, me destruir.

É a dor que faz me afastar. Tudo já mudou nela.

— Vera — eu digo baixinho, arrastando meus dedos para baixo na suavidade de sua testa, o seu nariz empinado, a plenitude dos lábios que eu estava sentindo momentos atrás. — Fomos descobertos. Não é mais segredo que você não tem um visto de trabalho. Você vai ter que sair em uma semana.

Um arrepio a percorre, como se ela estivesse com frio, mas eu acho que é o choque e o medo colidindo juntos da maneira mais horrível. Seus olhos se abrem e o mundo fica menor.

— Como isso aconteceu? — Ela sussurra. Eu expiro pelo nariz, ganhando força, e digo a dura verdade do que eu vi naquela manhã.

Ela imediatamente se levanta, e começa a andar apressadamente pela areia. Eu me levanto, pisando sobre as sobras do peixe e das batatas fritas na pressa de correr atrás dela.

— Onde você está indo? — Eu pergunto, agarrando-a pelo braço e puxando-a para mim.

Ela parece enlouquecida, uma criatura feroz apanhada em uma armadilha. — Eu tenho que ver a revista!

— Não, Vera, — eu digo a ela, segurando-a com força, embora ela tente se afastar. — Isso não ajudará em nada.

— Eu tenho que deixá-lo! — Ela grita para mim. Ecoa em toda a praia, através das ondas, através do céu.

— Eu sei, — eu digo, como eu sei. No momento não existe felizes para sempre. Não tem nenhum indício de um futuro. Existe apenas o que sabemos, que ela tem que me deixar e que ambos seremos nada sem o outro. — Eu sei. Eu sinto muito.

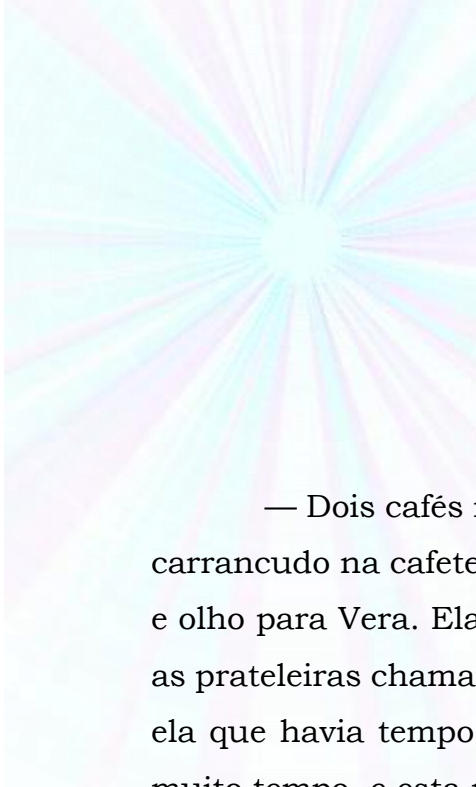
Seu rosto torce, e ela deixa escapar um soluço que a faz se dobrar. Ela quase cai de joelhos, chorando de dor, e eu a seguro, trazendo-a para mim. Ela soluça no meu peito, as costas trêmulas, e eu estou tão perto de me libertar e entrar em colapso com ela. Eu tenho que ser forte, tenho que ser, mas é mais difícil do que eu jamais pensei que seria. O mundo tem arremessado tantas facas no meu caminho, mas isso é o que me fez querer cair.

— Eu sinto muito — repito, embalando-a para mim, embora eu saiba que pedir desculpas não vai ajudar em nada. — Eu não queria te contar. Eu queria que este fosse o nosso último fim de semana juntos antes que a verdade se estabelecesse. Eu queria que nós fôssemos como éramos quando estávamos livres.

— Nós nunca fomos livres — diz ela, com a voz abafada, mas ela agarra minha camisa com as mãos como se estivesse com medo de me deixar ir. Eu também, tenho medo de deixá-la ir.

— Não, acho que não fomos. Mas pelo menos estávamos juntos.

Silêncio paira sobre nós. Ondas se quebram. Pessoas ao longe riem de uma piada. Um carro buzina. O mundo está acontecendo normalmente, alheio ao mundo que está terminando na praia.



Capítulo Dez

— Dois cafês médios para viagem, por favor — eu peço ao barista com olhar carrancudo na cafeteria. Depois que eu pago, eu viro e me encosto contra o balcão e olho para Vera. Ela está em uma loja de souvenir do outro lado da rua, olhando as prateleiras chamativas para algum tipo de lembrança da Espanha. Eu falei para ela que havia tempo para isso em Madrid, mas ela parece pensar que não resta muito tempo, e esta pode ser a única chance que ela tem, aqui em San Sebastian.

Eu gostaria de poder dizer que ela está errada, mas ela não está. Não há realmente nenhum tempo. Amanhã vamos voltar a Madrid, e ela vai começar o processo de encontrar seu caminho para casa. É claro que eu vou comprar sua passagem. Ela está inflexível dizendo que pode pagar, que ela tem algum dinheiro guardado, mas eu vi os recibos do caixa eletrônico, e eu sei que duzentos dólares nem sequer vão levá-la ao meio do caminho.

Há algum tipo de ironia no fato de que eu estou comprando mais um bilhete para ela voltar para Vancouver. Poderíamos brincar que eu estou constantemente tentando mandá-la embora, mas não há nada para rir. É tudo para ficar com raiva, gritar, chorar. Eu tenho vontade de fazer nada além de lutar contra a vida, mas desde que eu disse a Vera a verdade, e depois que ela viu na revista por si mesma, ela se fechou e cedeu. Ela aceitou.

Eu não vou. Eu não posso. Eu só não sei como lutar. Eu não sei como conseguir o que quero.

Eu só quero a Vera. Eu a quero ao meu lado. Eu a quero comigo. Eu só a quero. Eu tenho tanta coisa que eu posso ter, tanto que eu não preciso, mas no final eu só a quero.

Por que essa necessidade tem que ser tão difícil?

Quando eu pego os cafês, eu atravesso a rua para me juntar a ela. Ela me mostra os ímãs da Espanha, as canetas, as camisetas e marcadores que ela pegou. É tudo um lixo. Mas em suas mãos desesperadas, ela os agarra como tesouros esquecidos.

Nós entramos no SUV e dirigimos. Esse era o nosso plano para o dia, apenas dirigir e dirigir e dirigir, e se sentir livre pela última vez. Sem regras, sem limites, sem fronteiras. O caminho nos leva ao nordeste ao longo da costa até cruzarmos a França. Por que não?

— Já estive na França? — Eu pergunto a ela, e pela primeira vez naquele dia, um sorriso natural aparece em seu rosto.

— Não — ela diz. — Estamos na França?

Eu concordo. — Sim. E eu sei exatamente onde levá-la. Biarritz.

— Parece... elegante.

— Como chique? É de certa forma. Mas é muito bom. Perfeito para uma viagem de um dia.

Eu não vou a Biarritz há muito tempo, mas quando nós estacionamos, e caminhamos ao longo do passeio na orla, com vistas deslumbrantes da cidade à beira-mar, suaves colinas de edifícios brancos e arrebentação de ondas, parece que nada mudou. A cidade é uma mistura maravilhosa de turistas ricos e surfistas que vieram pegar as famosas ondas na região. Algumas pessoas poderiam ser ambos.

O caminho nos leva rapidamente para a avenida, nos dando uma vista panorâmica da cidade, do oceano, e do litoral espetacular, no final, a rocha da Virgem Maria. A estátua branca olha fixamente para nós, como se nos pedisse perdão, ainda que Vera e eu nos seguramos um ao outro, nós sentimos que somos nós que pedimos a ela. Nós somos os pecadores aqui. E agora estamos pagando por isso.

A melancolia nos envolve como a névoa no oceano, e poucas palavras são ditas entre nós. Não há muito a dizer, e ainda há muito a dizer. Passamos por restaurantes pitorescos, suas janelas revestidas com vinhas secas de alho e pimentas vermelhas como sangue, e passamos por pequenos barcos, abrigados em minúsculas marinas fechadas, com paredes de pedra sendo a única barreira entre o mar revolto.

Enquanto caminhamos, eu ouço o som fraco de música. É um saxofone — não é o meu instrumento favorito — mas aqui é melódico, triste e poderoso. Ele sobre o mar para nós, e nos banha como o sol.

Eu aperto a mão de Vera e ela aperta de volta. Nós dois ouvimos isso, ambos sentimos. É quase como um canto de cisne¹⁰, só para nós, algo invocado pelas estrelas, ou Deus, ou a própria Virgem Maria. É somente quando nós viramos a esquina que vemos a fonte.

Há um afloramento rochoso recebendo a arrebentação das ondas, e no final do passeio tem um músico de rua solitário. Ele está tocando para ninguém, além do oceano, e dessa maneira, os sons do saxofone parecem ainda mais tristes.

— Vera, — Eu me encontro dizendo, incapaz de parar a emoção que está tentando agarrar seu caminho para fora do meu peito. Eu paro, puxando-a para o lado do caminho, as ondas quebrando abaixo de nós, e mantenho seu doce rosto em minhas mãos. Bronze e branco. Tão bonito juntos.

— Vera — eu digo novamente, encarando por um tempo seus olhos confusos, e eu não tento mais lutar contra isso. — Vera, você quer se casar comigo?

Minhas palavras a pegam de surpresa. Elas me pegam de surpresa. Mas isso não impede de ser a coisa mais verdadeira, honesta e crua que eu já disse.

Sua boca entra para a forma bonita de O, e as sobrancelhas se juntam, e seus olhos estão dançando, como se ela estivesse apaixonada. Neste momento eu sou um homem de esperança e potencial; recebi um vislumbre da pessoa que me tornarei, alguém para fazê-la orgulhosa. Alguém melhor.

Mas o momento é perdido, quando o seu rosto aparenta tudo o que é tristeza e mágoa. Não é a expressão que eu queria. Não é sua culpa, não é seu coração. É só a sua mente, querendo me empurrar para longe.

— Oh, Mateo — diz ela, sem fôlego. — Não.

E assim, eu sinto que realmente perdi tudo. Sou rejeitado. Eu não vou tê-la como minha esposa, a mãe dos meus filhos, ou qualquer outra coisa que eu sonhei em ter, como o tolo que sou.

Eu não tenho nada.

De repente eu suspiro, percebendo que eu mal posso respirar. — Não? — Repito, só para ter certeza.

¹⁰ Canção do cisne ou "Canto do cisne" é uma referência a uma antiga crença de que o cisne-branco é completamente mudo durante toda a sua vida, mas pode cantar uma bela e triste canção imediatamente antes de morrer.

Ela balança a cabeça, e as lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Eu não posso. Não assim, não desse jeito.

— Que jeito? — Eu pergunto, aflito. Minha mão agora está no meu coração, porque eu temo que possa parar de funcionar. Talvez eu aceite.

— Deste jeito! — Ela chora, jogando as mãos para o lado, instável. — Você só está pedindo como um meio para eu ficar.

Agora é a minha vez de ficar chocado. — O quê? Espere um minuto. Por favor, Vera, não é isso que está acontecendo aqui.

— Sim, é!

Eu a pego pelos ombros, e a seguro, desejando que eu pudesse colocar algum sentido nela. — Não. Não. Eu queria te propor faz muito tempo. Isto não tem nada a ver com tentar mantê-la no país.

— Eu ainda vou ter que ir embora — ela diz francamente.

— Você ao menos pode me ouvir? — Eu falo novamente, agora mais alto, porque sinto como se eu estivesse me despedaçando, e ninguém nunca mais me ouviria. — Eu sempre quis me casar com você. Eu quero que você seja a mãe dos meus filhos.

— Nós nunca sequer falamos sobre crianças! — Ela grita, alarmada. — Você nem mesmo sabe se eu as quero.

Isto é verdade, mas eu nem posso me sentir envergonhado sobre isso. — Eu sei, eu imaginei que iríamos falar sobre isso ao longo do caminho. Você quer crianças, não é?

Ela encolhe os ombros, impotente. — Eu não sei. Talvez. Não é nada que eu realmente pensei. Tenho estado tão ocupada, apenas tentando ficar aqui a cada maldito dia.

E novamente eu percebo a nossa diferença de idade. É algo que eu tenho pensado muitas vezes, não importando as circunstâncias. Ela é muito jovem para pensar sobre isso constantemente. Talvez ela seja o tipo de garota que nunca pensa nisso. Qualquer uma das duas opções, não seria surpresa para mim, e ainda assim, eu adoraria ambas.

Eu olho para longe, me virando para encarar o músico da rua, que continua tocando sua música triste. Eu sinto que poderia ser sobre mim, o homem que já teve tudo, e nada ao mesmo tempo.

Eu sinto a sua mão no meu ombro, leve e hesitante.

— Olha, Mateo — ela fala calmamente. — É muita coisa. Eu não posso lidar com isso, eu não aguento. Agora não. Em qualquer outro momento, de qualquer outro jeito, talvez eu tivesse dito sim.

— Talvez — eu murmuro, sem me virar.

— Você ao menos tem um anel?

Eu suspiro. — Não — eu digo severamente, frustrado. — Lucia queria escolher comigo quando chegasse à hora.

Há uma pausa. — Oh. Você falou sobre isso com Lucia?

Eu concordo. — Sim.

Ela está silenciosa. Ela tira a mão. Eu continuo olhando o mar, contemplando quão fria a água é, e se ela me amorteceria se eu pulasse. O corpo suporta até determinado choque. Gostaria de saber quanto eu posso aguentar. — Eu sinto muito — diz ela. — Eu só... não está certo. Não está bem. Só posso dizer como eu me sinto.

— Se você não estivesse indo embora, — Eu pergunto a ela. — Você teria dito sim?

Ela hesita, em seguida, diz: — Eu não sei.

— Você sabe, me afastar assim, você não está fazendo as coisas mais fáceis para si mesma. Ainda vai doer quando você for embora.

— Eu sei.

Eu lentamente viro e olho para ela. Eu apenas não posso aceitar. — Por que você não quer casar comigo? O que aconteceu com o nosso ‘felizes para sempre’?

Ela parece uma mulher despedaçada. — Eu nunca disse que teria um.

— Mas você não quer que tenha?

Ela olha para as unhas vermelhas dos pés saindo para fora de suas sandálias. — Eu só quero você, Mateo.

Parece que ela está chegando ao meu peito, e espremendo a última gota fora de mim. — E eu quero você.

Ela fecha os olhos como se estivesse sofrendo. — E ainda assim não temos muita escolha. Mesmo se você quer dizer o que está me pedindo, ou se está fazendo isso para me fazer ficar, não importa. Eu sempre vou me perguntar se foi verdadeiro ou não. E casamento – você de todas as pessoas deve saber – é um grande, grande

problema. Sim, eu acho que sou jovem. Sim, ainda não sei se quero ter filhos ou não. Eu acho que quero. Mas colocando tudo isso de lado, não é algo que eu tenho medo – desde que seja pelas razões certas. E agora, temo as razões pela qual você está me pedindo. Você pode até estar se enganando. Então, eu não posso dizer sim, mesmo que seja algo que eu também sonhei, Sra. Mateo Casalles. Eu sempre achei que soava tão bonito, quase tão lindo como acordar com você todos os dias para o resto da minha vida. Mas a vida tem outros planos para nós. Sempre tem.

— Você está me quebrando — eu digo a ela em um sussurro áspero.

Uma lágrima rola para baixo da sua bochecha, e ela não se preocupa em limpá-la. — E eu já estou quebrada.

Pego sua mão e a puxo para perto de mim. Eu enxugo sua lágrima com meu polegar, tão gentilmente, para não a quebrar ainda mais. — Eu não vou deixar isso ser o nosso fim.

Ela tenta sorrir. — Eu acredito em você.

— Verdade? — Eu pergunto, beijando-a suavemente na bochecha. — Você realmente acredita que o que eu estou dizendo é verdade? Você realmente acredita que eu vou lutar por você?

Seus olhos vão para o lado, mas ela não vai encontrar nenhuma resposta lá. Todas elas se encontram em mim; todas elas estão lá, se ela as quiser.

— Está ficando tarde — diz ela, esfregando as mãos para cima e para baixo nos braços como se estivesse com frio. — Não deveríamos voltar para San Sebastian?

O sol descera em poucas horas no horizonte. O que ela realmente quer é escapar desta conversa. Eu deveria querer o mesmo, fugir de uma proposta rejeitada. Mas eu não quero isso. Eu quero ficar e conversar. Eu quero ver aquele fogo nela, aquela vontade de encarar de frente uma batalha. É como se a ideia de ir para casa já a mudou, a comprometeu, e ela se resignou para se tornar a pessoa que ela costumava ser.

Eu não posso deixar isso acontecer, não vou deixar isso acontecer. Mas, além do sentimento e do pensamento, não há nada que eu possa fazer. Eu só posso ajudá-la, não importando o quanto meu coração está partido, não importando o quão frágil e contundido meu ego está.

Eu pego o seu braço, e digo: — Tudo bem. Nós podemos voltar.

Mas nós não podemos voltar, não para o lugar que outrora estávamos, quando nós éramos livres. Quando voltamos a Madrid no domingo à tarde, ambos ficamos surpresos ao sentir a diferença. A temperatura na cidade parece ter resfriado pelo menos dez graus. A temperatura entre nós parece ter feito o mesmo.

Vera definitivamente está tentando me afastar, e eu estou tentando puxá-la para mim, e nós não estamos indo a lugar nenhum. Ela fala com sua mãe, seu irmão, até mesmo com seu pai. Sua mãe tinha dito, quando ela decidiu mudar para Espanha, que ela não era mais bem-vinda em casa. Vera está preocupada porque talvez não tenha lugar para ir.

Como se as coisas não pudessem ficar mais difíceis para ela.

Felizmente, ela tem um bom irmão, que convenceu sua mãe a deixá-la ficar, pelo menos por um tempo. Vera está agora dividida entre iniciar uma vida em Vancouver ou se mudar para a província de Alberta para ficar com seu pai e madrasta. Estou dividido entre deixá-la ir ou lutar para ela ficar.

A luta é inútil, mas eu tento.

Ela irá embora em dois dias, e Pedro é bom o suficiente para me deixar de folga para eu passar o tempo com ela. Para seu crédito, ele não parece convencido sobre o fato de que Vera tem que ir. Na verdade, todos no Atlético sentem pena de mim. Eu não tenho certeza se eu gosto da simpatia. Às vezes, eu acho que eu preferiria ter mais uma vez seu desgosto. De alguma forma, era mais viável, e mais fácil de suportar.

Na noite antes de ela ir embora, eu encontro Vera sentada na varanda, bebendo vinho, perdida em pensamentos. Sou atingido com o maior sentimento de perda que eu já conheci, como eu estivesse a ponto de perder alguma força motriz dentro de mim que me mantém vivo. É quase difícil de respirar, e eu sei que vai levar com ela o ar, o sol e as estrelas, quando partir.

Ela está indo.

Ela vai embora.

Ela está me deixando.

A dor é debilitante.

Eu me inclino contra o lado da porta de vidro, e a observo. Ela sabe que eu estou lá, mas ela não se vira para me olhar. Então, eu a observo, guardando essa memória. Agora estou com medo, de que esta seja a única coisa que eu vou me

lembrar, vê-la sozinha, suas feições amortecidas pelo desespero, a noite chegou junto com o eco da nossa solidão.

De alguma forma eu consegui limpar minha garganta, encontrar a minha voz, e perguntar: — Eu pensei que você iria ao jantar de despedida com a Claudia.

Ela leva um momento antes de finalmente se virar para me olhar. — Eu prefiro passar minha última noite com você. A minha última noite...

Sua voz quebra na última palavra. Ela tem sido tão forte, ou talvez apenas tão entorpecida nos últimos dias, que sentir o estrago, quase me deixa de joelhos.

Me falta o ar para tudo. Palavras, lágrimas, desejos. Eu engasgo com tudo, exceto para o amor.

Eu atravesso a varanda em dois passos. Eu caio de joelhos ao seu lado, passando os braços ao redor da sua cintura, e enterrando minha cabeça em seu peito. Um grito rola para fora do corpo dela, angustiado, em pânico, o resumo da tristeza, e quando fica mais alto, percebo que também vem de mim.

Dói mais profundo do que qualquer ferida, algo que sai de dentro para fora. Eu ainda não consegui colocar minha cabeça no lugar, para entender o significado disto. Meu coração e alma parecem saber, do jeito que eu estou segurando-a, do jeito que ela está me segurando. Mas eu não posso imaginar como amanhã a deixarei no aeroporto, e que será o fim de tudo.

O fim de nós.

Mas não pode ser o fim. Não tem de ser o fim. Eu tinha dito a Vera que ela só teria que voltar para o Canadá por alguns meses e, em seguida, se ela pudesse entrar na escola – o que nunca parece ser um problema se você tiver dinheiro – ela poderia voltar em janeiro, segura e legalmente.

Porém, sem todos os planos, sem todas as esperanças, parece que esse é o fim. Uma vez que ela voltar a sua terra natal, eu tenho medo de tudo que nós passamos, tudo o que somos, desaparecerá na atmosfera.

— Eu não acho que posso fazer isso de novo — ela soluça em silêncio, com as mãos aninhadas no meu cabelo. — Eu não acho que eu posso deixá-lo novamente. Anteriormente quase me destruiu. Aqueles foram os meses mais difíceis de toda minha vida...

— Mas pelo menos você sabe que pode voltar — eu digo a ela, ainda murmurando na maciez de seu peito. Me sinto tão em casa. — Nós somos pessoas

diferentes, pessoas melhores do que éramos naquela época. Não havia nenhuma certeza, como há agora.

— Nunca há qualquer certeza — ela cospe.

Levanto minha cabeça lentamente para olhá-la. O mundo parece girar. — O que você quer dizer?

Ela desvia o olhar, angustiada. — Você sabe o que eu quero dizer. Cinco meses é um período longo. E se você se apaixonar por outra pessoa?

— E se você se apaixonar por outra pessoa?

— Eu não vou.

— Como posso ter certeza disso? — Eu pergunto, e desvio o olhar como se eu estivesse envergonhado. — Normalmente, quando um homem propõe, e a mulher diz não, as coisas não são – como se diz, um bom sinal? – Para a situação.

Ela balança a cabeça uma vez. — Não é desse jeito.

— Então nós não terminamos.

— Nós nunca terminamos. — Ela coloca a mão no meu coração. — Não aqui. Só porque eu disse não... Mateo, você sabe por que eu disse isso. Não é o que você pensa. Está mais para um *ainda* não. Mas... — Ela olha para longe. — Porque eu disse não, estou preocupada que você comece a procurar em outro lugar. Por uma pessoa que dirá sim.

— Não — eu digo a ela com firmeza.

— Como posso saber? Como saberemos?

Eu coloco meus dedos sob o seu queixo, e trago seu rosto para mim. — Eu não vou. Olhe para mim. Olhe para mim, minha Estrella. Você não sabe o que isso significa? Você é minha estrela. Quantas pessoas nesta terra têm sua própria estrela? E você brilha só para mim. Como é possível alguém se comparar a isso?

Eu me levanto, de modo que fico inclinado sobre ela, e eu olho para seus olhos ansiosos. Ela quer acreditar em mim. Ela tem de acreditar em mim.

Eu beijo seus lábios, tão macios e suaves, que ameaçam me desmoronar por toda parte. — Você é meu tudo — eu falo, meus lábios se movendo contra os dela. — Eu já disse isso antes, e vou dizer de novo, e irei para o túmulo dizendo isso. Você é minha estrela, minha luz, meu amor. E não importa se você acredita ou não, porque é a verdade, e a verdade sempre encontra uma maneira de brilhar.

Por um momento ela não diz nada, mas então, ela responde à sua maneira. Ela me beija com força e fogo, o suficiente para me pegar desprevenido. Sua paixão está em seus braços, e em nossas bocas, e no calor de nossos dedos, enquanto eles se apertam com força.

Só quando eu estou prestes a tirar a roupa ali mesmo, ela sussurra, abafada e rouca: — Eu te amo — e eu sei que isso requer delicadeza. Não deve ser nada rápido e frenético na nossa última noite juntos. Deve ser lenta, lânguida, decadente. Deve parecer como se a noite queimasse em dia e em noite novamente. Deve ser longa o suficiente para fazer um milhão de memórias.

Eu me levanto, e em seguida, a pego em meus braços como se eu fosse um tipo de herói. Só que eu não sou nenhum herói. Eu sou apenas um homem apaixonado.

Embora nunca houve, nada mais corajoso do que amar alguém.

Eu a levo pelo corredor até o quarto, afasto os lençóis, e a coloco na cama, onde ela se encontra debaixo de mim, esperando. Eu abro suas pernas, com minhas coxas em ambos os lados de seus quadris, e desço lentamente, empurrando as alças do vestido de seus ombros, e deixo beijos suaves no local. Ela é mais doce do que vinho, e eu corro minha língua sobre sua pele, sentindo-a despertar sob o meu toque.

Ela tenta pegar meu zíper, mas eu a empurro suavemente para trás. — Calmamente, devagar, — eu falo a ela em espanhol. — Vamos fazer amor lentamente, pois prolonga a noite.

Mais do que isso, nos prolonga.

Eu tiro a parte superior de seu vestido para baixo de seu corpo, todo o caminho até seu estômago, e seus mamilos endurecem, expostos aos meus olhos famintos. Eu mergulho imediatamente a cabeça, e os chupo suavemente até que ela geme, arqueando as costas. Ela é tão perfeita, o seu tato, as suas curvas, a forma como seu corpo responde a cada movimento meu.

Não posso acreditar que eu tenho que dizer adeus a isto.

Novamente me atinge, outro choque. Eu cerro os olhos, e vai embora. Eu não posso pensar nisso, não agora.

Vera passa os dedos pelo meu cabelo, lentamente, mantendo o ritmo, fingindo que temos todo o tempo do mundo.

Eu provoço os seus seios, do suave exterior inchado, para o mamilo, e de volta outra vez, sacudindo-os como se eu estivesse tentando atacar o resto da mais rica sobremesa. Às vezes penso, que ela poderia ter um orgasmo, apenas comigo dando aos seus seios uma atenção extra, e eu me pergunto, se deveria tentar isso nesta noite. Pode ser a nossa última chance; seria outra maneira de aproveitar o máximo de nós, outra memória.

O modo como seus dedos estão cavando na minha cabeça, me diz que ela está ficando impaciente, que ela não quer nada mais do que a minha língua entre suas pernas, me ter dentro dela trazendo seu alívio. Ela vai ter seu alívio, mais de uma vez.

Eu continuo a trabalhar em seus seios, lambendo o caminho quente até as curvas inchadas em direção ao meio. Eu o belisco suavemente, causando explosões agudas de dor com o suave golpe da minha língua, alternando os dois até que ela começa a se contorcer debaixo de mim, com o rosto contorcido com essa necessidade angustiada que precisa tanto de mais quanto de menos.

— Mateo — ela geme, seus dedos aumentando seu aperto. — Venha para dentro de mim.

Eu estico a minha mão e coloco sobre sua boca. — Shhhh, — digo a ela. — Me deixe fazer isso para você.

Ela renúncia, e se inclina mais para trás na cama. Eu levo a minha boca e coloco sobre seus picos, sugando-os suavemente e trabalhando com a minha língua. Eu lambo e chupo, a minha atenção completamente sobre ela, tentando fazer com que seus olhos revirem, que suas coxas estremeçam.

— Mateo — ela geme novamente, puxando meu cabelo agora. — Eu não posso...

Mas eu insisto. Sua respiração se aprofunda, me aguçando, inflamando o meu próprio desejo. Eu dou e dou, até que ela está se contorcendo debaixo de mim e puxando meu cabelo com toda sua força. Eu aperto seus seios, mordo seus mamilos, e é o suficiente para fazer seu corpo tremer incontrolavelmente. Palavras sem fôlego vindo da sua boca aberta e ansiosa, selvagem e animalesca.

Então, seus tremores diminuem e seu corpo relaxa no colchão.

— Oh meu Deus — diz ela, com a cabeça rolando para trás e para frente, os olhos arregalados olhando para o teto. — Oh meu Deus, oh meu Deus.

— Continue dizendo meu nome, está bem — eu digo a ela, incapaz de parar de sorrir. Eu sinto uma incrível sensação de orgulho por deixar esta marca nela. É uma sensação maravilhosa sentir isso, mesmo que seja apenas temporário, só hoje à noite.

— É como se você pudesse colocar sua língua em qualquer parte, e eu gozando só com isso. Puta merda, eu... — ela diz, soando espantada. — Eu nem sequer achei que era possível.

— Eu acho que com você, tudo é possível. — Eu me sento, e desabotoo a camisa descartando-a atrás de mim. Ela me alcança, e passa os dedos sobre os meus músculos, aquela fome ainda em seus olhos, mas não é só por mim, é por nós, e tudo o que somos. Ela vem sobrevivendo neste relacionamento, e eu também. Ele nos alimenta, nos faz mais forte, melhor.

Eu a beijo, seus lábios mais doces do que favos de mel, e rapidamente removo minhas roupas, até que estamos ambos nus, um do lado do outro. Eu olho nos seus olhos, passando minhas mãos para cima e para baixo nas curvas suaves de seu corpo, meus dedos circulando as constelações tatuadas em sua pele, como se sua própria pele pudesse me contar suas histórias. Eu fecho meus olhos, e guardo o seu sentimento na memória, desejando que eu também pudesse ser incorporado em sua pele, de um jeito que ela nunca poderia se livrar.

Vera coloca o seu dedo sob o meu olho, e eu estou surpreso por senti-la enxugar uma lágrima. Devo ter chorando um pouco.

Ela murmura alguma coisa, então me beija com sal e sabor, e eu movo meu corpo sobre o dela. Meus dedos percorrem seu estômago até os seus quadris, e se estabelecem entre suas coxas. Ela ainda está molhada e quente do seu orgasmo anterior, e ela fica mais aconchegante. Eu deslizo meus dedos ao longo da sua escorregadia vagina, e para dentro dela, esfregando contra seu ponto G, pressionando.

Eu amo o jeito que seu corpo se entrega nas minhas mãos, como se eu pudesse moldá-la em qualquer coisa que eu queira. Mas tudo o que eu quero é ela para sempre na minha cama, assim como está, sua paixão despertada pela minha, repetidas vezes. Ela arqueia as costas, os joelhos se afastam para me dar melhor acesso, e eu deslizo meus dedos para fora, colocando meu pau.

Eu empurro centímetro por centímetro, e deixo a sensação me invadir. Isto é tão bonito e tão definitivo. Meus olhos se fecham, e quando eu me aprofundo, tanto quanto eu posso ir para dentro dela, sinto que somos um, e ficaremos unidos, nada vai nos separar.

Meus sentimentos são mentiras, mas eles vão ter que servir por hora.

Eu tenho que me controlar para que eu não goze antes que nós dois estejamos prontos. Mesmo que estivéssemos prontos, eu não queria que isto terminasse tão rápido. Eu respiro profundamente com cada impulso lento e úmido.

— Como eu me sinto? — Eu lhe pergunto, minha voz mais rica, mais escura, envolta no desejo. — Porque você se sente como Deus.

Ela sorri preguiçosamente, seus olhos fechados. — Você se sente como Mateo.

— E isso é bom, não é? — Eu entro mais profundamente, e ela deixa escapar um gemido.

Ela abre os olhos com luxúria, e olha para mim. — Sim — diz ela, sem fôlego. — O melhor que terei.

Um nó se forma na minha garganta, e eu rapidamente o engulo. Ela também será a melhor que terei, e talvez nunca mais poderei tê-la novamente.

Eu empurro através da dor. É a única saída. Eu transo com ela agora mais rápido, mas ainda no controle, desesperado para afastar a tristeza que está à espera, só querendo sentir desta forma, e nada mais, mas não querendo apressar. É empurrar e puxar, e tudo dentro de mim está construindo, construindo, construindo até que eu estou na borda e ela também.

Eu estou com muito medo de me liberar.

— Mateo — ela sussurra, os lábios na minha orelha. — Eu não posso segurar por mais tempo.

Um tremor rola para baixo em minhas costas, e eu me acalmo, incapaz de continuar sem perder. Poças de suor entre nossos corpos superaquecidos, nossas mãos deslizando umas sobre as outras, ansiando para se segurar. Mas, estou determinado, ela também. Ela chega por trás para brincar com a minha bunda, e ela sabe o quanto isso me deixa louco.

Tudo que ela faz me deixa louco.

E agora eu também não posso segurar mais.

Eu continuo a crescer, e eu gozo tão forte nela que parece que o quarto treme e eu perco todo o controle. Eu sou trazido para outro lugar – um lugar que eu só posso encontrar profundamente dentro de seu corpo – e é esse outro mundo de luz, estrelas e beleza. Eu chamo o nome dela, vagamente consciente de quão alto eu falo, quão poderoso meus gemidos são, quão conciso esse prazer me rasga. Ela é uma mistura de unhas em minhas costas e suspiros frenéticos que ecoam por todo quarto. Ela pulsa em torno de mim e ambos continuamos gozando, e por um lindo momento, eu acho que será para sempre.

Mas, por fim, isso acaba, e nos deixa desolados. Eu desabo em cima dela, quase a esmagando, e eu enterro o meu rosto em seu pescoço, segurando seus braços, e tentando respirar, tentando mantê-la. Eu não tenho certeza se ainda tenho um pulso, se sou mesmo Mateo Casalles. Eu não tenho certeza se realmente ela é real debaixo de mim, quente, molhada e tremendo. Ela está chorando e eu estou chorando, e não parece justo que isso seja o que nós somos, e o que nós já não estamos autorizados a ser.

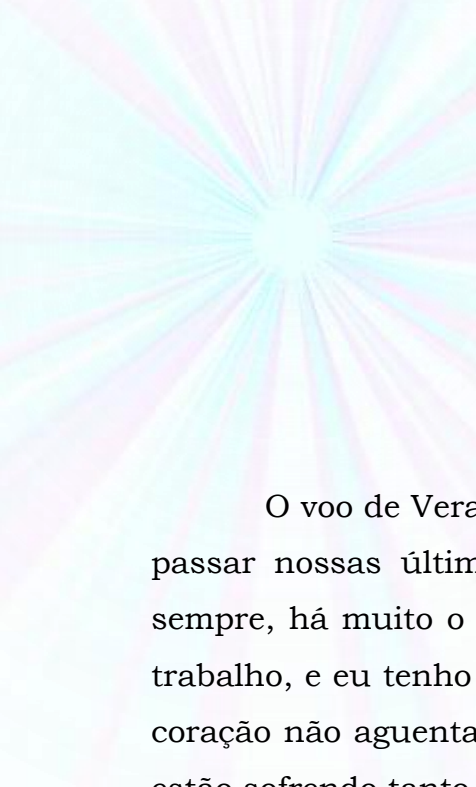
De repente, eu sei que se Vera e eu nunca nos vermos novamente, eu ainda vou continuar e encontrar a felicidade, porque agora eu sei como é. Agora eu sei o que se sente. Meus olhos foram abertos para sempre, e se eu nunca tivesse tido tanta sorte de tê-la em minha vida, eu nunca teria vivido.

— Eu sempre vou continuar procurando por você — eu sussurro. — Vou olhar para o céu e deixá-lo apontar o caminho. Eu não vou deixar você ir, Vera. Eu nunca vou deixar você ir.

Ela chora silenciosamente em resposta, e eu posso sentir o quanto isso está quebrando-a. É como se nós fôssemos a única coisa que está nos mantendo inteiros.

Eu beijo seus lábios, seu nariz, sua testa, alisando com as mãos seu cabelo para trás. — Eu nunca vou deixar você ir, — Eu repito.

Eu fico dentro dela tanto quanto eu posso.



Capítulo Onze

O voo de Vera é à uma da tarde, e mesmo que eu não queira nada além de passar nossas últimas horas na cama, com nossos corpos entrelaçados para sempre, há muito o que fazer. Claudia e Ricardo vêm aqui antes de irem para o trabalho, e eu tenho que sair do apartamento para tomar um café, porque o meu coração não aguenta mais lágrimas. Vera causou impacto nessas pessoas, e elas estão sofrendo tanto quanto eu estou para vê-la partir.

A viagem para o aeroporto é muito rápida. Na última vez que fomos, o futuro estava cheio de promessa. Estávamos indo para o Canadá com nossos amigos. Agora só ela está indo, eu estou começando a perder a fé em seu retorno. Se eu pudesse, eu manipularia aviões e moveria montanhas, mas eu só posso ir tão longe quanto ela me deixa. Ela tem que querer voltar para mim.

Volta para mim.

As palavras pegam no turbilhão da minha mente, puxando meu coração.

Volta para mim, minha estrela.

Eu paro na vaga de desembarque, e a ajudo com sua bagagem. Ela veio com tão pouco, e de alguma forma está saindo do mesmo jeito. É claro que ela está linda, ela parece com seu verdadeiro eu. Um vestido macio, mas ajustado, um cardigã recortado, sandálias, e um chapéu de sol que ela comprou em Biarritz, digno de Bridget Bardot. Ela está usando grandes óculos de sol de gatinho, que fazem com que ela pareça mais velha, e esconde seus olhos avermelhados.

Ela não parou de chorar desde que a Claudia partiu. Nem sempre é uma choradeira, mas é um fluxo constante de tristeza. Cada vez que vejo uma lágrima escapar debaixo de seus óculos, outra parte dentro de mim morre por dentro.

De alguma forma eu consigo permanecer forte, e depois de ter despachado as malas, e passado em um café, é hora de passar pela segurança. É neste momento que eu retiro tudo que eu já pensei sobre estar apaixonado e ser um herói.

Eu me sinto como um covarde.

Acho que um homem de verdade, iria agarrá-la e impedi-la de alguma forma. Fugiria do país com o seu amor ao seu lado.

Seria celestial fazer isso, apenas fugir com ela e nunca olhar para trás.

Mas este homem, este tolo velho e cansado, tem as mesmas responsabilidades que a maioria dos homens têm. Eu nunca poderia deixar a minha filha. E minha filha nunca poderia deixar sua mãe. E a mãe dela que poderia, nunca deixaria a Espanha, ou mesmo Madrid.

Mais uma vez eu estou amarrado, essa mesma merda de corda que liga meu pescoço aos outros. Será que um herói ou um covarde cortaria essa corda?

Eu não sei. Eu só me conheço.

E agora eu tenho que dizer adeus para a coisa mais verdadeira que eu já experimentei, o verdadeiro amor da minha vida.

Eu nem ao menos posso lhe dizer a palavra.

Adeus.

Nem ela.

Nós olhamos um para o outro do lado de fora da linha de segurança, e toda vez que eu quero abrir minha boca para falar, as palavras me falham, juntamente com tudo dentro de mim. Tudo o que posso fazer é pegar seus pulsos delicados, sentir a seda de sua pele branca tatuada, e a olhar com intensidade suficiente, para que ela possa ler tudo o que eu estou sentindo.

Eu a envolvo em meus braços, e mais uma vez ela chora. Eu estaria mentindo se eu dissesse que também não estava chorando. Há tanta coisa que um homem pode aguentar, e este é o meu limite. Você tira a Vera de mim, você tira a minha vida. Vou me sentir perdido. Eu vou chorar.

Nós ficamos assim no aeroporto, sua bolsa e bagagem de mão aos seus pés, e ignoramos a massa de pessoas que passam em cada lado. Neste momento, somos apenas nós novamente em nosso mundo muito real, e muito pequeno.

Mas até mesmo o nosso mundo não é imune ao tempo.

— Eu tenho que ir — diz ela, levemente ofegante. Ela se afasta de mim, cortando a conexão, e eu imediatamente tenho vontade de gritar, de berrar, para lhe dizer que isso é errado, que eu não posso respirar sem ela, e que ela não pode ir.

Não pode ser assim.

E, no entanto, é.

Ela me dá um aceno tímido com a mão, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, e vai em direção à segurança.

Não me movo. Eu fico lá. Ela olha para trás para mim, uma ou duas vezes, e quando ela me vê, ela parece surpresa, como se não esperasse que eu ficasse.

Mas eu espero.

Espero.

E eu espero.

E eu espero.

Até que ela passa pela segurança e sai do outro lado. Ela me lança um olhar triste encurralado sobre seu ombro, e já sinto que estamos começando a nos partir em dois. Se ela mudasse de ideia, ela poderia chegar até mim.

Eu não consigo chegar até ela.

Eu a olho até que ela desaparece da vista. Então, depois disso, eu observo o espaço onde ela estava durante muito tempo. Só eu parado no aeroporto, enquanto todo mundo passa por mim em um borrão.

Apenas um homem apaixonado. Apenas um herói. Apenas um covarde.

Apenas eu.

Eu tenho trinta e nove anos de idade. Eu fui um herói nacional do futebol. Eu tenho uma filha. Uma ex-esposa.

Eu vivi com a mulher dos meus sonhos.

Eu lhe pedi que se casasse comigo.

Agora ela se foi.

E eu não sou nada, além de um buraco negro.

O tempo é uma coisa estranha quando você está sofrendo. Passa devagar, como o doce sem a doçura. Durante duas semanas após Vera partir, eu mal me lembro de sair da cama. O sol e a lua alternaram, o calor do final do verão foi substituído por um frio de início do outono. Eu ia trabalhar – era a única hora que eu interagía com as pessoas. Qualquer outro momento eu estava sozinho, alimentando o vazio que crescia dentro de mim, com copo após copo de uísque envelhecido.

Eu tento ter algum tipo de contato com a Vera, tanto quanto eu posso. Se eu não estou mandando mensagens de texto para ela, eu estou falando com ela ao

telefone; se não estou a ouvindo dessa forma, estou vendo seu rosto desfocado, mas ainda bonito no Skype. Eu envio fotos para ela e ela envia fotos para mim. Meus dedos arrastam pela tela como se eu pudesse senti-la.

Mas nós dois estamos feridos, agora, lutando contra nossas próprias batalhas, em nossos próprios países, com os nossos próprios inimigos. Para mim, o meu inimigo ainda é o destino. Isabel tem me deixado novamente ficar com Chloe Ann às quartas-feiras e nos fins de semana, e as fofocas pararam misericordiosamente. Na última semana, eu não tive minha foto tirada por um único fotógrafo, e Carlos Cruz aceitou o acordo e a cláusula que ele nunca postaria um artigo ou imagem sobre mim novamente.

Mas o estrago está feito. Eu estou aqui e ela está lá, e nós dois estamos sofrendo. Eu posso ler isso em cada uma de suas palavras, ouvir em sua voz, ver nas feições sombrias de seu rosto. Ela está miserável e lutando a cada dia, assim como eu estou. Mas, às vezes, Vera parece mais perdida do que eu, e menos determinada a encontrar seu caminho de volta.

Ela está de volta à casa de sua mãe, em seu antigo quarto. Ela diz que sua mãe não está sendo tão ruim quanto ela temia, mas certamente ela não está sendo acolhedora. Eu acho que de certa forma, Vera estava acostumada com a distância e a indiferença, mas agora, quem sabe depois de ter estado na Espanha comigo, com a minha família, ela aprendeu o que é carinho. Eu posso atestar, apenas pelas poucas vezes que encontrei a mãe da Vera, que ela é fria como um bloco de gelo, e eu não posso imaginá-la prosperando nesse tipo de ambiente.

Josh, seu irmão, tem sido seu salvador como sempre, mas até ele só pode fazer uma parte. Vera me disse que quando ela não está saindo com ele, ela não está fazendo muita coisa. Ele trabalha em um restaurante, e ela não tem nada com que ocupar seu tempo. Ela não tem nem certeza se a vai conseguir um emprego ou não, porque toda vez que ela se candidata, parece que sua mãe traz à tona planos futuros. Parece que ela quer que Vera vá morar em Alberta, se ela não consegue se comprometer em Vancouver cem por cento.

E Vera não consegue. Eu estou grato por isso, que ela não está fincando raízes onde costumavam estar. Ela não quer se candidatar a escola em janeiro, porque ela acha que talvez possa voltar para mim. Sempre que falo com ela, eu

digo a ela que seu futuro é aqui, que se pudermos aguentar esses meses longe, como já fizemos, podemos estar juntos novamente.

Ela nunca parece muito convencida. Eu sinto que a nossa conexão já está começando a se deteriorar, e não sei o que posso fazer para corrigir isso. Eu apenas tento falar com ela sempre que posso, sempre falo para ela que eu a amo, e que tenho muita esperança no meu coração.

Mas os dias estão ficando mais frios. Mais curtos. E mesmo assim, nada faz o tempo passar mais rápido, para trazê-la o quanto mais cedo, para os meus braços.

Está um dia terrível no trabalho. O céu está coberto com nuvens escuras, e elas inundam as ruas com chuva. Mesmo que ainda seja tecnicamente verão, a umidade súbita me dá calafrios nos ossos. Parece que todos estão sentindo isso.

Nosso principal goleiro se feriu duas semanas após o nosso primeiro jogo oficial, e o reserva está tendo algum tipo de conflito com Diego. Eu e Warren no banco observamos, e dá para ver a tensão aumentar entre os jogadores. Ultimamente houve muita mudança para eles, e está começando a aparecer. Eles perderam o primeiro jogo, o que definitivamente não ajudou a temporada começar com o pé direito, e os fãs dos bons tempos já começaram a abandonar, como fazem frequentemente.

Estou quase terminando alguns documentos de um dos jogadores, quando Warren passa pela minha mesa. Eu olho para ele, prestes a lhe dizer até amanhã, mas ele fica parado em torno de minha área de trabalho.

— Precisamos tomar uma bebida — ele me diz, cruzando os braços e inclinando-se contra a minha mesa.

— Agora? — Pergunto, surpreso. Nós nunca fizemos nada juntos fora do trabalho. Eu nem mesmo vi Pedro ou Antonio fora do trabalho, não desde que eu comecei. Parece que uma vez que você está com eles, o cortejo acaba.

— Foi um dia de merda — diz ele. — Desculpa perfeita para tomar um drinque, você não acha?

Eu encolho os ombros, mas me encontro concordando – todo dia tem sido um dia de merda desde que Vera foi embora. Pego meu casaco e o sigo para fora. São quatro horas, o que é um pouco cedo, mas também é a hora do dia em que eu me encontro ficando mais leve, mais feliz. Ou seja, em breve Vera estará

acordando. O fuso horário entre nós é um fardo terrível, e é difícil ter que passar a maior parte do meu dia de trabalho sem poder falar com ela.

Warren normalmente usa o metrô para vir trabalhar, por isso, pegamos o meu SUV e encontramos um bar no meio do caminho entre o seu apartamento e o meu. É um lugar um pouco para baixo e eu sinto imediatamente uma pedra de tristeza no meu peito, sabendo que é o tipo de lugar que Vera gostaria.

Eu sinto tanta falta dela que dói.

Nós nos sentamos, e Warren vai pegar uma bebida. Estou surpreso quando ele volta com whisky em vez de cerveja.

— Teve um dia difícil? — Lhe pergunto.

Ele só sorri. — Não companheiro, você teve um dia difícil. — Ele bate seu copo contra o meu. — Eu diria, as últimas semanas foram difíceis.

Concordo com a cabeça lentamente, olhando-o enquanto viramos o líquido em nossas bocas. Quando ele me convidou para tomar uma bebida, eu me perguntei se ele queria falar sobre sua saída, e eu assumindo sua posição, mas agora eu não tenho tanta certeza.

— Como você está indo? — Ele me pergunta. Ele está curioso, mas não há nenhuma malícia em sua voz, apenas verdadeira preocupação.

Eu respiro fundo. Eu não falei sobre isso – Vera e eu – com ninguém. Quando Lucia ou meus pais entram no assunto, eu tenho que ir embora. Suas vozes e rostos mantêm tanto ligação emocional com ela, que isso parte meu coração mais uma vez, e me faz lembrar o que estou perdendo. A perda deles só aumenta a minha.

Mas Warren é tipo de fora, e de certa forma imparcial. Ele não tem nenhuma ligação emocional com ela, ou comigo. Ele nem vai estar aqui por muito mais tempo. E por causa disso, de alguma forma eu sinto que é seguro lhe contar a verdade, mesmo que me doa admitir isso.

Eu olho para o meu copo, agitando o líquido âmbar ao redor. — Eu não estou segurando — digo a ele. — E essa é a verdade.

Seus olhos se tornam simpáticos, embora não com pena. — Eu sei como é isso.

Eu bebo o resto do whisky, saboreando a queimação. — Eu pensei que sim — eu digo, limpando a garganta. — Eu pensei que, porque passamos por isso antes,

eu seria capaz de lidar com isso novamente. Mas a pessoa que eu era antes, a pessoa que ela era... nós mudamos muito desde então. Nós crescemos. Um com o outro. Contra os outros, se isso faz sentido. Antes era difícil..., mas isso, isso está me matando.

Não é do meu feitio admitir isso com alguém que eu não conheço, mas é bom – libertador – dizer isto. Ouvir isso sair da minha própria boca me faz perceber o quanto isso é verdadeiro. O quanto eu estou sendo afetado. Vera está em toda parte, cada momento do dia, cada fenda da minha mente, e eu ainda não posso tirá-la das minhas memórias, eu não posso evocar seu gosto, seu cheiro, sua pele, seu sorriso, e fazer uma versão de carne real e sangue dela. Ela é uma prisioneira na minha mente, coração e alma e não é o suficiente para mim. Eu a quero de verdade, eu a quero aqui. Agora. Hoje. Amanhã.

Warren suspira e, a partir do som, sei que ele entende. Ele está se lembrando de como foi para ele, como estar apaixonado pode modificar toda a sua vida. Mas ele não pode conhecer essa dor, ele não pode saber o que é perder a minha Vera, porque ele nunca a teve. Se ele tivesse, então ele realmente saberia como eu estou lidando com as coisas. Com whisky. Com torpor. Com um coração sangrando.

— E então o que você vai fazer a respeito? — Ele me pergunta, me dando um olhar aguçado.

Eu dou de ombros. — Esperar, acho eu. Eu não tenho uma escolha. Ela só pode entrar na faculdade em janeiro, se ela conseguir entrar.

— E se ela não entrar?

Eu lhe dou um olhar irônico. — Ela irá. Eu tenho maneiras.

— Você tem dinheiro — diz ele com naturalidade.

Eu inclino minha mão para cima e para baixo. — Mais ou menos. Dinheiro. Influência. Às vezes, essas coisas funcionam ao meu favor. Às vezes, não o fazem.

— Então, se você tem tanta certeza que ela vai entrar na faculdade, em janeiro, por que você está esperando?

Eu franzo a testa, não tenho certeza do que ele está dizendo. Ele levanta a mão para que o barman traga mais duas da mesma bebida, e eu lhe pergunto: — O que você quer dizer?

Ele tem a mesma expressão em seu rosto quando um dos nossos jogadores tropeça em alguém no campo. — Quero dizer, se eu fosse você, e Deus sabe que eu não sou, e eu tivesse esse dinheiro, influência, poder, coragem e tudo o que você tem, e eu pudesse colocar a minha namorada em uma universidade só porque eu quero, eu não a faria esperar até janeiro. Eu conseguiria uma universidade para ela, agora. Tipo, se eu pudesse, na próxima semana.

— O semestre já começou — eu protesto. — Existem processos que precisam entrar na hora certa.

Ele revira os olhos brevemente. — Sim. Seu ponto? Suborne a sua entrada, Mateo. Você estava preparado para fazer isso de qualquer maneira. Quem se importa se as inscrições não estão abertas, inscreva-a em algo, qualquer coisa. Recomece do zero.

E de repente, há uma lâmpada explodindo, mas não é na minha mente, é no meu peito, e está crescendo mais brilhante, mais quente, iluminando tudo.

— Ela teria que preencher o pedido do Canadá, — eu digo. — E se eu... e se ela... — O que eu tenho medo de dizer é, e se ela não vier? E se ela tiver muitas desculpas? E se já for tarde demais?

O barman coloca os copos na nossa frente e Warren levanta o seu em uma saudação para mim. — Você sabe como é. Se você quer algo bem feito, você tem que fazê-lo sozinho. Você tem apenas um curto período de tempo antes de se tornar treinador adjunto e, em seguida, outro curto período de tempo antes de você se tornar treinador. Esta é a última liberdade que você terá — eu que o diga. Talvez você devesse tirar proveito disso.

Talvez eu devesse ir até ela, é o que ele está dizendo. Talvez eu deva ir para Vancouver e me certificar de que isso aconteça.

Talvez eu devesse ir e trazer Vera de volta para casa.

Ergo o meu copo e brindo contra o seu, mas minha mente já está em outro lugar. Já está calculando as taxas e passagens de avião, e como eu vou solicitar a universidade, e como eu vou pedir para Pedro uma licença no trabalho. Está pensando em Vera e aparecendo em sua porta e tocando-a, beijando-a, segurando-a.

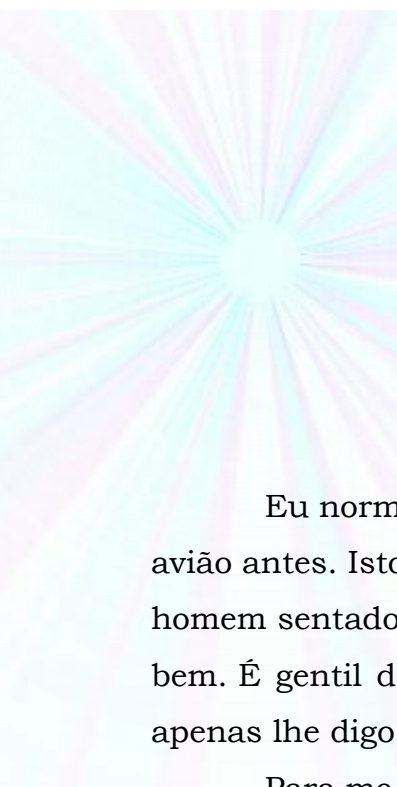
Está pensando em como tê-la na minha frente vai deixar meu coração preocupado descansar, e que tudo vai parecer inteiro novamente. Que mais uma

vez, o mundo vai se tornar equilibrado, e o tempo esperando o visto de estudante não vai parecer como tempo, porque nós estaremos juntos.

Quando eu digo adeus a Warren, meu coração já está em outro fuso horário. Eu corro de volta para o apartamento para começar a colocar tudo em ordem.

Eu não vou nem dizer a Vera o que está acontecendo, até que ela esteja em meus braços novamente.

E eu vou recriar o nosso destino.



Capítulo Doze

Eu normalmente fico bem voando, mas eu nunca estive tão nervoso em um avião antes. Isto é muito mais estressante do que ir ao avião para deixar a Vera. O homem sentado ao meu lado na classe executiva fica me perguntando se eu estou bem. É gentil da parte dele, mas não me atrevo a entrar em detalhes, então eu apenas lhe digo que tenho medo de voar.

Para me distrair, eu pego a carta amassada da minha carteira. Eu leio uma e outra vez. Eu não preciso mais de lembretes sobre o que estou lutando, porque eu estou indo direto para ela, e eu estou lutando com tudo o que tenho. Mas ainda me traz uma sensação de paz e tranquilidade. É familiar e calmante e me traz de volta para todas aquelas noites que passei lendo-a, me perguntando sobre o futuro.

Agora eu sei o futuro. Não será, por acaso, será por escolha. Caso – quando eu trazer a Vera de volta à Espanha, será mais uma oportunidade na nossa vida. Os mesmos problemas que enfrentamos ainda podem estar lá, esperando nos arbustos. Talvez não sob a forma de Carlos Cruz, mas em outras formas. Mas pelo menos eu sei que ela não pode ser tirada de mim. Eu posso enfrentar qualquer coisa, contanto que ela esteja ao meu lado.

Quando o voo aterrissa em Vancouver, eu pego o meu telefone e o endereço da sua mãe, e entro na luz do sol quente. É quase como se Madrid e Vancouver tivessem trocado setembros. Parece mais adequado desta forma, que o calor e o sol sigam Vera, assim como eu faço.

Enquanto eu espero na fila para os táxis, eu lhe envio uma mensagem. É meio-dia aqui, que não é um momento incomum para ela saber de mim.

O que você está fazendo? Eu escrevo.

Estou no táxi quando ela responde: Mercy e o idiota estão aqui para almoçar, então eu estou me escondendo no meu quarto. Como você está, baby? Eu tive um sonho ontem à noite com você, fiquei tão triste esta manhã, quando eu percebi que era apenas um sonho.

Eu não posso evitar o sorriso que se espalha pelo meu rosto. Parece como um sonho, como se isso não fosse acontecer, mas eu estou em seu solo, em seu tempo, sob o seu sol e céu.

Às vezes sonhos se tornam realidade, eu escrevo de volta, mordendo meu lábio enquanto eu envio.

Eu sei que sim. Eu não teria conhecido você se assim não o fosse.

Meu coração vibra com isso, e respiro fundo. Agora os meus nervos estão despertando, criando um nó no meu estômago. É um bom nó, excitação segurando a promessa.

Se você pudesse ver as estrelas a partir de onde você está, eu escrevo para ela, *você faria um desejo a uma estrela cadente? O que você desejaria?*

Há uma pausa antes de responder: *Você. Eu vejo as estrelas todas as noites, e eu desejo você repetidas vezes.*

Você me tem.

Eu sei. Mas eu não o tenho aqui. Nada é o mesmo sem você.

Então, o seu desejo, mais do que qualquer coisa, seria eu aparecer à sua porta e tirar seus pés do chão de novo??

Eu já não estou com os pés no chão. Você fez isso no dia que eu o conheci, e até agora não desci.

Vera nem sempre manda mensagens com tanta emoção, então ler isso me faz doer. Eu não posso imaginar como eu me sentiria se eu estivesse lendo isso, sozinho, em Madrid, sabendo quanto tempo mais eu teria que esperar.

A casa de sua mãe não é muito longe do aeroporto, e o tráfego neste momento é mais agradável do que em Madrid. Não demora muito para que o táxi esteja estacionando na calçada.

Eu digo ao motorista para continuar algumas casas, apenas no caso de haver algum intrometido olhando na janela. As árvores que alinham a rua, ainda estão verdes, com apenas um toque de ferrugem em algumas delas, sinalizando o outono. Eu tiro minha jaqueta, sentindo o calor, e, então, congelo no meu lugar, quando vejo alguém subindo a rua em direção a mim.

É Josh, mãos nos bolsos, de cabeça para baixo e ouvindo música. Ele está usando tudo preto – botas pretas, jeans pretos, uma jaqueta de jeans preta, e ele se destaca como uma marca escura na rua verde. Ele só olha um pouco para cima,

antes de seguir o caminho para a casa, e quando faz, ele para, esfregando os olhos, e estanca no caminho.

Ele tira os fones de ouvido de suas orelhas, e olha para mim, sem acreditar. — Mateo? — Ele pergunta, incrédulo.

Eu lhe dou um aceno com minha mão, e um sorriso tranquilo. — Hola, Josh.

Vou até ele, e ele ainda está olhando para mim com os olhos arregalados.

— Eu, bem — diz ele, seus olhos se dirigindo de volta para a casa, — Vera nunca me disse que você estava vindo.

Eu dou de ombros. — Vera não sabe.

Agora Josh está sorrindo. — Cara — afirma ele, — você vai fazer a porra do ano dela. Ei, é bom ver você, cara.

Ele estende a mão para apertar a minha. Eu pego, mas o puxo em um abraço rápido. Ele é um pouco mais alto que eu, mas mesmo Vera é muito alta para uma mulher. Bons genes.

Quando nos separamos, ele não parece tão desconfortável com o afeto. Eu esqueço que os homens na América do Norte podem ser um pouco estranhos com o contato físico, e ele é um homem discreto, e ainda espero, que ele venha a ser o meu cunhado um dia.

— É bom ver você também, — eu digo a ele, e falo a sério. Eu olho para a casa com ansiedade. — Eu acabei de mandar uma mensagem para ela. Sua irmã e cunhado estão em casa, não é?

Josh faz uma careta. — Argh, provavelmente. Acabei de terminar o meu turno no trabalho. — Ele me dá um sorriso tranquilizador, e dá uma tapa no meu ombro. — Não se preocupe, eu te dou cobertura.

Eu sei que ele dará, mas de qualquer maneira, eu estou preocupado.

— Bem, vamos lá, vamos colocar um sorriso no rosto da minha irmã. — Ele gesticula para que eu o acompanhe, e eu percorro o caminho de pedra, até a porta da frente da casa elegante. Ele empurra a porta, e ela abre, e entramos. Vozes surgem das escadas, vindo da cozinha. Eu reconheço a da sua mãe, sua irmã, e do companheiro inglês estúpido. Vera realmente deve estar escondida no seu quarto.

Eu engulo o poço de nervosismo. Pelo amor de Deus, eu sou um maldito homem adulto, eu não deveria estar assustado com a sua família, mas há uma

pontada de apreensão, enquanto eu me preparo para enfrentar as pessoas que não se importam comigo, talvez até me desprezem. Pensei que depois de tudo o que aconteceu comigo, até hoje, eu estaria habituado a isso.

Subimos as escadas, e logo que chegamos à cozinha, três cabeças espantadas viram na minha direção.

— Olha quem eu encontrei lá fora — diz Josh em uma voz baixa.

A mãe de Vera é a primeira a fechar a boca. O queixo dela se projeta para cima, e ela aperta os olhos para mim através dos seus óculos. Ela seria uma mulher linda, se não parecesse tão infeliz o tempo todo. — Ah — diz ela.

Mercy ainda está horrorizada, sobrancelhas finas levantadas. Ela não se parece muito com Vera – muito magra, muito bronzeada, vestindo jeans skinny e um fino moletom branco. Ela não é feia, de jeito nenhum, mas com seu cabelo exagerado, e o rosto cheio de maquiagem, ela me lembra muito Isabel.

Então, há o novo marido, Charles. Ele é realmente muito sem sal para descrever. Ele me lembra uma amêndoa pálida com óculos.

Mas minhas boas maneiras nunca devem me abandonar.

Aceno com a cabeça para Mercy e Charles, e digo com tanta sinceridade possível, — Felicitações pelo casamento. Eu vi as fotos e parecia absolutamente lindo. Eu sei que Vera e eu desejamos a ambos um feliz casamento.

Ele é o primeiro a reagir. Ele parece surpreso e me dá um aceno de cabeça. — Oh, bem, obrigado.

— Sim — diz Mercy, mas seu tom é cuidadoso. — Eu tenho certeza que você deve saber muito sobre casamento.

— Mercy — Josh afirma bruscamente, mas ela apenas olha para a mãe, suponho que para ver que tipo de observação ela vai fazer. Eu não posso dizer que estou magoado ou chocado com isso.

— Nós não estávamos esperando por você — sua mãe diz rapidamente e, por seu mérito, ela dá um olhar para Mercy. Quando ela volta a olhar para mim, ela me dá um sorriso leve. — Vera nunca disse nada sobre isso. Não que ela nos diga algo alguma vez.

E por que deveria? Eu penso.

— Vera não sabe que estou aqui.

— Oh? — Diz ela, agora parecendo interessada. Ela ajeita seus óculos. — Uma visita surpresa?

— Mais ou menos — eu digo a ela. E de repente eu estou impaciente para estar com Vera. Eu dou a todos um aceno de cabeça. — Se vocês me dão licença, eu devo ir até ela.

Eu viro, dando a Josh um olhar agradecido, e então vou pelo corredor em direção a seu quarto. Mas não é o quarto dela, e esta não é a sua casa, e ela não está no seu lar. Ela apenas está em fase de transição, mesmo que ela ainda não saiba.

Do lado de fora de sua porta eu faço uma pausa, e eu posso sentir sua energia através da madeira. Faz meus cabelos ficarem em pé, coloca chamas em cada parte do meu corpo. Estou tão perto que não posso sequer suportar.

Eu respiro fundo e, em seguida, bato.

Há um silêncio, em seguida, um som misturado, e um grito mal-humorado: — O quê? Estou tirando uma soneca.

Eu sorrio para mim mesmo, e, em seguida, abro a porta lentamente.

Ela está em sua cama, e debaixo das cobertas, seu cabelo parecendo selvagem sobre o travesseiro. Seus olhos estão fechados e no minuto que eu fecho a porta atrás de mim, eles se abrem.

— Na verdade, é chamado de “siesta” — eu digo a ela.

Ela se senta pisca para mim por alguns segundos, parecendo tão feminina quanto sexual. — Eu estou sonhando? — E então, ela parece realmente acreditar que ela está, porque se belisca na tatuagem em seu antebraço.

— Beliscar não vai ajudar — eu digo, e antes que meu coração possa explodir, eu cruzo o quarto, e me inclino sobre sua cama, beijando-a longo, profundo e suave nos lábios. Ouço-a ofegar embaixo de meus lábios e língua e a sinto tremer quando minha mão encosta nas ondas de cetim de seu cabelo.

Estou envolvido por tudo o que ela oferece – seu gosto, seu cheiro, seu toque, sua sensação. Eu poderia morrer um homem muito feliz agora. Meu próprio coração bate rápido, alto, fora de controle, como se ainda não pudesse lidar com o fato de que eu tenho meu amor em meus braços novamente.

— Mateo — ela choraminga contra mim, e então eu sinto o sal de suas lágrimas quando elas rolam em direção as nossas bocas famintas e carentes.

Eu não posso ficar mais perto dela, não posso segurá-la mais apertado, e ainda assim ela parece como eu tenho sonhado. Real. Inteira. Amada. Eu sinto que eu estou morrendo e nascendo ao mesmo tempo.

— Minha Estrella, — eu consigo murmurar enquanto eu começo a beijar cada centímetro do seu rosto. — Eu vim para levar você para casa.

— Como está aqui? — Diz ela, suas unhas se enroscando na parte de trás da minha camisa. — Como isso é possível?

— Estou aqui porque você é minha — eu digo a ela, beijando atrás da sua orelha e respirando profundamente. — E eu sou seu. Eu pertencço a você, e você pertence a mim. Eu não me importo em que país, ou onde, ou sob qual estrela, sem você, eu sou apenas eu.

— Oh, Mateo — ela diz baixinho, com a voz embargada. Ela envolve a parte de trás da minha cabeça com uma mão delicada, e me segura perto dela. — Estou tão feliz que você veio. Eu não acho que eu poderia ter sobrevivido mais um dia. Estando longe de você... Tem me destruído mais do que eu deixei você saber. Eu... eu estou com tanta dor o tempo todo.

— Shhh, — Eu gentilmente a tranquilizo, meus dedos passando por suas costas. — Você não precisa mais sofrer. Estou aqui. Eu não vou embora sem você ao meu lado.

Ela engole em voz alta, e enterra a cabeça na curva do meu pescoço. Seus lábios fazem cócegas na minha clavícula quando ela fala, e envia uma onda de prazer ao meu peito. — Mas como podemos fazer isso? Eu ainda não posso voltar para Espanha e você não pode ficar sem Chloe Ann.

— Isso é o que eu também pensei, — Eu admito, beijando o lóbulo de sua orelha. Ela treme. — Mas então percebi, que não estava me esforçando o suficiente. Você está pronta para ouvir o plano? Porque nós podemos ficar juntos, de agora em diante. Só depende de você.

Ela se afasta e olha para mim profundamente com os olhos avermelhados. — Eu vou fazer o que for necessário — ela sussurra, e ela coloca as mãos no meu rosto. — Você sabe que eu vou fazer qualquer coisa.

Eu não sabia disso, mas agora eu sei. Eu fecho meus olhos, e dou um suspiro de alívio, me sentindo um tolo por ao menos duvidar dela, para começo de

conversa. Distância faz coisas engraçadas com a verdade, a torce e pinta um lado com dúvida.

Eu tiro o cabelo do seu rosto e a beijo suavemente. — Isso é bom de ouvir. Você não entende o quanto eu me preocupei com você, que... talvez você já tivesse aprendido a me amar menos enquanto estava aqui.

Seus olhos se arregalaram em choque. — O que? Como você poderia pensar isso? Mateo, eu estava morrendo sem você.

Eu sorrio suavemente. — Isso não deveria me fazer feliz, mas faz. Especialmente, porque você não precisa mais morrer. Vera, eu entrei em contato com a Universidade de Madrid. Eles vão te aceitar como aluna – agora – e você poderá começar o semestre um pouco tarde. Você é inteligente. Você pode recuperar o atraso.

Ela olha para mim, as sobrancelhas juntas. — Como isso é possível.

— Digamos que eu tenho os meus caminhos.

— Você os subornou?

Espero que ela não fique zangada sobre isso. Eu respiro calmamente. — Sim. De uma forma ou de outra.

Embora, na realidade, tenha sido muito mais direto que isso. Eu escrevi um cheque de sua taxa de matrícula para o primeiro ano, e então adicionei um extra de dez mil dólares nesse cheque. Uma gentil pequena doação para qualquer departamento que estivesse precisando mais. De acordo com orçamento nos últimos tempos, eles aceitaram com prazer.

— Oh — ela diz baixinho.

Eu pego suas mãos, balançando-as ligeiramente. — Esta foi a única maneira, e é uma boa maneira. Está tudo no lugar. Você terá o espanhol como seu grau principal. Não é astronomia, mas eles disseram alguma coisa sobre aulas online no futuro, e tem aulas de hotelaria, e turismo em inglês, muito popular para as pessoas do Reino Unido. Eu sei que não é ideal, mas uma vez que sua Universidade aqui em BC envie sua documentação, eles acham que você ainda pode sair com um diploma de bacharel. Pode levar mais tempo que o de costume. Mas, mais do que isso, o visto permitirá que você viva no país por mais alguns anos, e isso é tudo que realmente importa neste momento.

— O que acontece depois disso? — Pergunta ela com cautela.

Eu aperto as mãos. — Nós vamos estar juntos, de alguma forma, de algum jeito. Talvez você possa conseguir um emprego através do meu trabalho, ou podemos nos inscrever no direito comum depois de um tempo. Com o tempo que isto nos dá, nós podemos trabalhar em algo, juntos. — Eu engoli o caroço se formando na minha garganta. — Por favor, me diga que você vai fazer isso.

Ela despenca ligeiramente. — Claro que eu vou. É apenas muito para raciocinar...

— Você sabia que eu ia pagar as mensalidades.

— Eu sei — diz ela, olhando para as nossas mãos entrelaçadas. — Eu só me sinto mal que você tem que cuidar de mim.

— Vera — eu digo a ela — Eu não tenho que cuidar de você. Você pode cuidar de si mesma. Eu *quero* cuidar de você. Por favor, me deixe.

Ela balança a cabeça rapidamente, e uma lágrima desliza para baixo em sua bochecha. — Ok. — Ela olha para mim e seu sorriso é mais brilhante que o sol. Eu imediatamente me sinto mais quente. — Tudo bem. Obrigada.

No entanto, eu que deveria estar lhe agradecendo. Eu a puxo para mim e a seguro apertado, sentindo a felicidade irradiar de dentro de mim, de dentro dela. Ficamos assim por alguns momentos, apenas sentindo os batimentos cardíacos, pele e respiração.

— Então o que eu preciso fazer? — Ela me pergunta.

Eu lentamente me levanto e fico na frente dela, estirando meus braços e tirando o voo de dez horas fora do meu sistema. De repente estou exausto.

— Eu tenho os formulários comigo — eu digo, apontando para minha pasta que deixei próximo da sua porta. — Você vai preenchê-los apenas como se fosse uma estudante do primeiro ano. Eles já têm a matrícula. Vou mandar para eles e em seguida, levamos a carta de aceitação ao consulado espanhol e esperamos o visto ficar pronto...

— Quanto tempo vai demorar? — Ela pergunta.

Eu dou de ombros. — Eles me garantiram que não seria muito. Talvez algumas semanas.

— Então, quando você vai voltar?

Eu sorrio para ela. — Estrella, eu não vou voltar sem você.

— Mas Chloe Ann, seu trabalho... você apenas começou.

— Está tudo bem — eu digo a ela de forma tranquilizadora. — Falei com Pedro, Diego, Warren... este é o melhor momento para eu sair. No futuro, eu não vou ter muito tempo. E minha filha está bem, vamos vê-la como de costume quando eu voltar. Vamos apenas ter um período de férias, enquanto esperamos.

— Mas e se os paparazzi começarem de novo quando eu voltar? — Ela pergunta. — E se isso estimular Isabel e sua família em outro discurso inflamado contra nós?

Eu suspiro meu coração ainda pesado sobre isso. — Podemos apenas sobreviver. Manter nossas cabeças para cima. Não vai ser fácil, e eu ainda não acho que vai desaparecer completamente. Mas pelo menos o acordo previne Cruz de dizer qualquer coisa, e com você no país legalmente, não há nada que alguém possa fazer para nós. Vai doer e magoar nos momentos em que eles jogam as mentiras, mas nós somos fortes o suficiente para suportar isso agora. — Eu beijo sua mão e a olho profundamente. — Eu acho que nós vamos sempre pagar por nossos pecados, Vera, mas os nossos pecados valeram a pena. Não é?

Ela balança a cabeça. — Eu andaria sobre brasas por você.

— Você já fez — eu digo. — E eu queria que você não precisasse. Mas é assim que as coisas são.

— E é lindo — diz ela. Então ela sai da cama e envolve seus braços em volta de mim.

E é lindo.

Eu acabo passando três semanas em Vancouver. O processo para o visto de estudante demora um pouco mais do que o esperado. É uma pena você não poder subornar o Governo do jeito que você pode com outras instituições, mas Vera e eu conseguimos aproveitar ao máximo. O dia em que cheguei à casa de sua mãe em Vancouver, nós acabamos jantando com a família dela. Não foi exatamente uma experiência confortável, harmoniosa, e sua irmã me irritava tanto, que demorou muito para manter meu temperamento sob controle. Mas, no final, pareceu que eles estavam se esquecendo de mim. Pelo menos a mãe de Vera foi capaz de pôr de lado seus preconceitos. Talvez ajudasse que eu tenha vindo todo o caminho até Vera e estava ativamente tentando levá-la de volta para a Espanha. Isso pelo menos deve ter provado que eu estava falando sério sobre ela.

Depois disso, contudo, estávamos fora de lá. Quando a papelada foi toda arquivada e enviada, alugamos um carro e fomos a uma viagem para o centro da província, um lugar chamado Okanagan. Lembrava-me muito da Espanha – um monte de colinas secas da cor de cáqui e trigo, lagos azuis, pomares e vinhas, tão longe quanto os olhos podiam ver. Parecia menos como esperar, e mais como verdadeiramente relaxar, curtindo o verão quente e prolongado.

Houve muita vadiagem, muito vinho, um monte de fazer amor. Estar dentro de Vera novamente era como estar em casa, e sua pele, seus lábios, seu toque, eram o mapa que me levou até lá. Foi exatamente o que precisávamos para nos conectar novamente, e eu acho que quando saímos da nossa felicidade, de alguma forma, sairíamos mais forte.

Quando finalmente foi concedido o visto, houve um adeus surpreendentemente emocional entre ela e sua família. Embora Josh pareça triste em vê-la ir, ele também está feliz porque ela está feliz. Mas é sua mãe que novamente me surpreende. Isso me faz pensar que ao longo do tempo, talvez ela e Vera possam ter uma relação melhor. Como eu disse antes, a distância pode fazer coisas engraçadas, e às vezes aproxima as pessoas.

Na longa viagem de avião para Madrid, durante a noite quando as luzes da cabine estavam apagadas, e a maioria dos passageiros, incluindo Vera, estão dormindo, eu pego minha carta. Eu a leio mais uma vez por hábito. Quando eu viro minha cabeça para olhar para Vera, estou surpreso ao vê-la olhando para mim com perguntas em seus olhos.

— O que você continua lendo? — Ela me pergunta baixinho.

Eu lhe dou um pequeno sorriso. — É provavelmente bobagem, mas me conforta. — Faço uma pausa, e coloco minha mão sobre a dela. — Quando você me deixou no ano passado, antes de eu decidir que tinha que vir atrás de você, eu lhe escrevi uma carta. Foi um pedido de desculpas por tudo que eu tinha feito.

Seu rosto suaviza. — Por que você não me deu?

— Porque eu senti que minhas desculpas seriam melhores pessoalmente. Eu estava errado?

Ela balança a cabeça. — Não. Não, você nem sequer precisava pedir desculpas para começo de conversa.

Eu a ofereço para ela. — Gostaria de ler?

Ela olha para o papel. — Se é outro vislumbre do seu coração... eu adoraria.

Abro sua mão e coloco a carta nela. — Seja gentil comigo.

Ela cautelosamente pega, vira a luz acima de sua cabeça, e lê em silêncio. Parece apropriado que ela leia ao meu lado, em um avião que está nos levando para casa.

Eu não deveria, mas eu não posso parar de ver seu rosto. É tão íntimo, sabendo que ela está aceitando minha verdade bem na minha frente. Seus olhos se erguem, e ela coloca uma mão em seu coração, mas não chora. Ela lê tudo de uma só vez. Quando ela termina, ela só diz: — Eu amo você. — Mas ela diz muito mais do que a simplicidade de suas palavras. Ela diz tudo o que eu precisava ouvir.

— Eu te amo — eu digo a ela, e ela deita a cabeça no meu ombro. Eu beijo o topo de sua cabeça, e desligo a luz acima de nós.



Capítulo Treze

Seis meses depois

— Em algum momento, você vai me dizer para onde estamos indo? — Diz Vera ao meu lado.

Eu olho para ela por cima dos meus óculos de sol. — Uau, olha você toda mandona.

Ela me mostra a língua. — Eu sou sempre mandona. Você ama isso.

Eu dou de ombros. — Isso é verdade. Especialmente no quarto.

Ela revira os olhos, mas um pequeno sorriso brinca em seus lábios. Nós dois sabemos que eu sou geralmente o chefe nessa área.

É final de abril, e Vera tinha acabado a última prova para a universidade na semana passada. Eu pensei que uma ótima maneira de comemorar seria levá-la em uma curta viagem no fim de semana. No próximo mês, ela vai estagiar em um hotel como recepcionista, parte de seu estágio de hotelaria que ela está fazendo na faculdade, e eu vou estar ocupado preparando meus jogadores para outra temporada na liga de futebol.

Os últimos seis meses não foram fáceis, mas valeram a pena. Desta vez, as coisas estão mais fáceis para Vera, e por isso eu sou grato. Ela conseguiu alcançar seus cursos na faculdade muito rapidamente, e eu fiquei surpreso por seu trabalho e ética de estudo. Suas saídas com Claudia foram reduzidas ao mínimo e, quando ela não estava comigo, ela estava estudando muito para as suas aulas, e seu espanhol.

Quanto a mim, ser treinador tem sido um dos maiores desafios. Embora eu tenha aprendido muito com Diego e Warren antes de saírem, isso não me preparou para o modo como a dinâmica da equipe muda, quando você está no comando, e quão diferente é orientar estes homens pelo caminho, quando você é o líder. Quando os jogos são perdidos, eu acho que é minha culpa, e estou certo de que estou prestes a ser demitido. Quando ganhamos os jogos, não sinto que o meu

treino teve algo a ver com isso. Em dias difíceis, eu me pergunto se eu sou o homem para este trabalho, e se alguém poderia fazer melhor.

Mas eu sou um guerreiro. Eu ignoro a crítica e o elogio. Eu só posso fazer o meu melhor, e me esforçar para fazer sempre mais. Mais uma vez, eu e Vera nos tornamos os queridinhos dos paparazzi, mas ao passarem os meses, o foco ficou mais sobre mim e meu treinamento, e menos nela, e no nosso relacionamento. Faz mais ou menos seis semanas, desde que a última foto nossa foi publicada nos tabloides.

Isso também ajudou a Isabel. Após a calúnia que sua família espalhou sobre mim, eu estava esperando ouvir mais deles, mas eles também gradualmente reduziram. Eu não sei se Isabel os convenceu ou se eles apenas pararam de tentar, uma vez que perceberam que nada iria conseguir separar Vera e eu. Isabel começou a se relacionar com uma personalidade da TV bem conhecida, então isso provavelmente também ajudou. Ela sem dúvida está mais flexível quando se trata das minhas visitas a Chloe Ann.

Quanto mais Vera melhora seu espanhol, e ganha confiança em seus estudos, mais seu vínculo com Chloe Ann cresce. Elas se dão muito bem, e Vera começou a contar suas histórias de ninar o que faz meu coração pular.

No entanto, há muito mais que eu quero. Eu ainda quero que Vera seja minha esposa, e mãe de meus filhos. Eu me assegurei para não a pressionar, ou até mesmo voltar no assunto, com medo de assustá-la. E foi então que ela deu algo seu, que me deu a coragem de tentar novamente.

Quando voltamos ao apartamento, depois de estarmos em Vancouver, tinha uma pilha de correspondência. Uma delas era uma carta da Vera. Ela tinha escrito para mim quando ela se foi, e enviado por correio apenas alguns dias antes de eu chegar para buscá-la.

Quando encontrei a carta, eu perguntei se eu poderia ler, já que Vera tinha lido a minha. Ela me disse que eu poderia, mas somente quando eu realmente precisasse. Eu não tinha certeza do que isso significava, então eu coloquei a carta de lado, e não pensei duas vezes sobre isso.

Então, em uma noite particularmente fria de março, quando ela estava em sua aula de espanhol e eu estava em casa, eu senti uma pontada de preocupação no meu coração, aquela sensação de que depois de tudo, ela nunca realmente seria

minha. Em vez de pegar a minha própria carta, como eu normalmente teria, eu peguei a dela.

Sua carta era curta, mas era tudo o que eu precisava. Ela disse que ela havia escrito no meio da noite, quando ela não conseguia dormir e seu coração estava cheio de dor. Ela disse que me amava, que ela não podia suportar estar longe de mim, e que ela estava arrependida sobre o jeito que ela havia recusado a minha proposta. Ela disse que olhando para trás, ela sabia que eu tinha sido genuíno, e que desejava que ela não tivesse sido consumida por seus próprios medos e pânico sobre o futuro, para perceber que ela deveria ter dito sim.

Ela queria dizer sim. Sim para o casamento, sim para as crianças, sim para tudo.

Essa carta me salvou naquela noite, e todas as noites depois disso. Suas lindas, simples e doces palavras se aninharam profundamente dentro da minha alma e continuaram a florescer ali.

— Isso parece familiar — diz Vera, e traz minha atenção de volta para ela. Ela vê uma placa no lado da rodovia, que lhe diz quantos quilômetros para Salamanca. — Eu já estive aqui antes.

Ela esteve, mas eu não digo nada.

Ainda assim, quando mais a hora passa, ela começa a se mexer em seu assento, com os olhos brilhantes e largos.

— Oh meu Deus — diz ela. — Eu sei onde você está me levando.

— Demorou muito — eu digo a ela com um sorriso.

— Antes tarde do que nunca — diz ela. — Penhasco! — Então, seus olhos parecem escurecer, e seu rosto declina. — Será que estamos indo para *Las Palabras*?

Eu assinto. — Nós estamos hospedados no mesmo hotel, que ficamos durante o curso, mas eles não estarão lá este ano. Nós não teremos de ver qualquer um desses idiotas que te deixaram ir, não se preocupe com isso. É só você e eu.

— Dois anos depois. — Diz ela.

— Dois anos depois.

Logo eu estou conduzindo o carro até a colina em direção a recepção, e os chalés, e um milhão de memórias me invadem. Eu me lembro de nós, saindo do ônibus, os olhares nervosos que eu lançava para ela, do jeito que ela estava fazendo

meu corpo se sentir vivo pela primeira vez, o perigo que ela representava. Agora, quando eu a olho, sentada ao meu lado no banco do passageiro, ela não é mais perigosa, e eu não estou mais nervoso, mas ela sempre me faz sentir muito vivo.

— Vamos fazer o check-in? — Eu lhe pergunto, meu coração levemente palpitando. Tudo bem, talvez depois de tudo, eu esteja apenas um pouco nervoso.

Ela assente, parecendo confusa, talvez pelas lembranças que estão me incomodando. Nós caminhamos para a recepção, que é administrada por alguém diferente da última vez. Eles são muito acolhedores e agradáveis, e embora tudo pareça o mesmo, o hotel tem como hóspedes famílias e casais, o que dá tudo uma “vibe” muito diferente.

É familiar, mas mudou, assim como nós.

Nós colocamos nossas malas em nosso quarto, e eu luto contra o desejo de jogar Vera na cama, e ter relações com ela. Definitivamente ajudaria acalmar os meus nervos, mas há uma coisa que deve acontecer primeiro.

— Gostaria de dar um passeio? — Eu lhe pergunto depois que ela se refrescou. Eu estendo meu braço para ela e ela o pega com um sorriso alegre.

— Ora, isso seria ótimo — diz ela. Ela parece absolutamente radiante o que faz a velocidade do meu coração subir algumas batidas.

Nós andamos de braços dados em frente ao hotel. O ar da primavera é quente, mas fresco, trazendo o cheiro perfumado das flores dos campos. Eu inspiro profundamente, enchendo meus pulmões com clareza e força, e a levo para baixo da colina até a estrada.

— Nós vamos para onde eu penso que nós estamos indo? — Ela me pergunta, com os olhos brilhando.

Eu só esfrego a parte de baixo de suas costas, e a guio para fora da estrada em direção ao campo. Lá, por trás do muro, tem um largo trecho de grama dourado contra o céu azul, e no meio de tudo, a árvore onde fizemos amor pela primeira vez.

Nós andamos através da grama, lado a lado, meu aperto tornando-se mais apertado enquanto minha respiração se tornava mais curta. Borboletas apareceram pelo campo e voam no ar em nossa volta, e eu sinto que a natureza estava conspirando comigo.

Nós paramos debaixo da árvore. A copa verde das folhas se estendendo sobre nossas cabeças como um guarda-chuva, e a área aos nossos pés é tão

selvagem e grande como antes. Tudo em torno de nós é aquele céu maravilhosamente azul e as colinas douradas pontilhadas com velhas casas de pedra e lotes quadrados de fazendas. Pássaros chamavam um ao outro na grama, cigarras cantam à distância.

Eu me viro de modo que fico de frente à Vera, olhando para ela eu sinto que estou prestes a desmaiar. Ela é tão linda e boa, eu não posso possivelmente merecê-la. Mas se eu tiver uma chance de fazê-la minha para sempre, vou pegar.

Mais uma vez.

Eu limpo minha garganta, e coloco minha mão em seu rosto, olhando-a fixamente. — Vera — eu digo. — Dois anos atrás eu te vi no ônibus... e você mudou toda a minha vida. Dois anos atrás seu sorriso lindo, seu espírito maravilhoso, sua jovem e bela alma, me levaram em uma viagem que eu nunca pensei que eu iria. Você me balançou, uma e outra vez, até que eu não soubesse de que jeito estava, mas eu sabia que a saída era você. Do mundo vazio, frio, preto e branco, que eu estava vivendo, para o seu – nosso – um de calor e cor. Você abriu meus olhos e meu coração. Você me fez um homem melhor, uma pessoa melhor. Você me fez perceber que, mesmo às vezes, o amor não possa conquistar tudo, ele pode conquistar você. Você me conquistou, Vera, e eu serei sempre seu. — Eu tomo uma respiração trêmula, aperto sua mão, e desço em um joelho. — Você será para sempre minha?

Seus olhos se alargam, em seguida, piscam rapidamente, quando eu tiro a pequena caixa de veludo do bolso da jaqueta. Com as minhas mãos tremendo, eu a abro para revelar o anel prateado, com ametista e diamante, que Lucia me ajudou escolher a algumas semanas. É brilhante, cintilante, raro e precioso como a Vera.

— Vera, você quer se casar comigo? — Eu pergunto, e seguro minha respiração, porque se ela disser que não, eu não tenho certeza se quero voltar a respirar novamente.

Ela parece atordoada, sem palavras por alguns segundos, e eu temo que eu possa morrer. Mas, então, ela balança a cabeça rapidamente, e seus olhos enchem de água, e ela irrompe em um sorriso tão bonito, que, enfim, me tira o fôlego.

— Sim — diz ela, e então ri. — Sim, sim, sim, sim, sim!

Meu coração está estourando, quando eu pego o anel e consigo colocá-lo em seu dedo. Nós dois o admiramos em sua mão por um momento – parece que foi feito para ela – antes de puxá-la para a grama ao meu lado.

Eu pego seu rosto em minhas mãos, e solto um grito de alegria. Eu beijo sua boca, seu nariz, sua bochecha, sua testa, e a puxo para mim, envolvendo meus braços ao redor dela. Eu estou rindo; eu estou alegre e ela também.

— Você vai ser minha esposa — eu digo a ela, cheirando seu pescoço.

— Você vai ser o meu marido — diz ela, rindo também. — Oh, eu tinha tanto medo de ter perdido a minha chance, que você nunca mais me pediria.

Eu me afasto, e beijo uma lágrima que rola em sua bochecha. — Eu nunca pararia de pedir, — digo a ela. — Nós pertencemos um ao outro. Eu nunca pararia até que fosse feito direito.

— Neste momento, é mais do que certo — ela afirma. — Demais. Eu vou ser a Sra. Mateo Casalles. — Seu rosto vira para baixo por um momento. — Espero poder te orgulhar.

— Você sempre me deixará orgulhoso, apenas por ser você — eu digo a ela, dando um beijo longo e profundo em seus lábios, sentindo também, o desejo de fazê-la fisicamente minha. — E se você quer ser uma esposa que faz limonadas com álcool enquanto usa pequenos vestidos sexys, isso vai me fazer orgulhoso também.

Ela sorri. — Você não vai mesmo ser capaz de me parar.

— Eu não quero nunca parar você — eu digo, e gentilmente a deito de volta para grama. — Onde quer que você vá, eu te sigo.

E agora, vou segui-la até o fim.

Eu rapidamente olho ao redor para garantir que nenhum fazendeiro solitário está vagando nas proximidades, e removo minhas calças.

Vera está deitada na grama, sorrindo ardentemente, e sobe seu vestido em torno da sua cintura. Ela não está usando roupa íntima. Nem eu. Par Perfeito.

Eu coloco seus braços acima da sua cabeça, seus cabelos espalhados, e lentamente, me empurro para dentro dela. Ela está molhada e com desejo, e eu não posso acreditar que eu vou me casar com ela, casar com ela, neste lugar perfeito, onde eu finalmente me sinto em casa. Eu me encaixo dentro dela como

sendo o meu lugar, e ela envolve suas pernas ao redor da minha cintura, me guiando, me mantendo perto dela. Nós nos movemos juntos – somos um só.

Fazemos amor rápido e lento, frenético e controlado. Nossos corpos nos levando através de cada emoção, cada sentimento, cada desejo. Lá no campo, debaixo daquela árvore, sob o sol espanhol, chegamos ao círculo completo. Quando eu me esvazio nela, eu sinto que estou dando-a toda a minha essência, e quando ela goza ao meu redor, eu sinto que ela está tentando me manter dentro dela para sempre.

Eu permaneço dentro por tanto tempo quanto posso. Então, eu a envolvo nos meus braços, e ela se aninha no meu peito, e olhamos para as folhas farfalhantes no céu, no espaço, e para as estrelas escondidas atrás do sol.

Eu posso sentir seu sorriso contra a minha pele.

Eu sorrio de volta.

Nosso amor é permanente, e ela é a poeira estelar nas minhas mãos.

Eu nunca desejaria mais nada.

Fim